

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23170

DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

QUARTA-FEIRA 31 JANEIRO 90 60\$00

Não bastam as Taipas para esquecer a droga

Por que motivo as pessoas se drogam? Eis a grande questão a que a sociedade ainda não conseguiu responder, sempre mais preocupada em apontar a dedo os toxicómanos. Porém, a prevenção do fenómeno, do qual nenhum país se pode dizer incólume, passa por encontrar o fio à meada do processo que conduz ao consumo de estupefacientes pelos jovens.

Os especialistas falam da necessidade da mudança se produzir no seio das diferentes comunidades, com a co-responsabilização de todos os seus membros. É preciso que os indivíduos reaprendam a comunicar entre si, que voltem a valorizar a auto-estima, o prazer de fazer coisas e a capacidade de elaborar projectos. Só assim se poderá, talvez, estancar o desejo do prazer imediato que a droga fornece aos mais novos.

O Centro de Recuperação de Toxicodependentes das Taipas inaugurou esta manhã as suas terceiras jornadas precisamente com o objectivo de reflectir sobre aquele problema. Durante encontro, que conta com a participação de alguns especialistas estrangeiros, serão ainda abordadas experiências nas áreas da prevenção, tratamento e combate da toxicodependência.

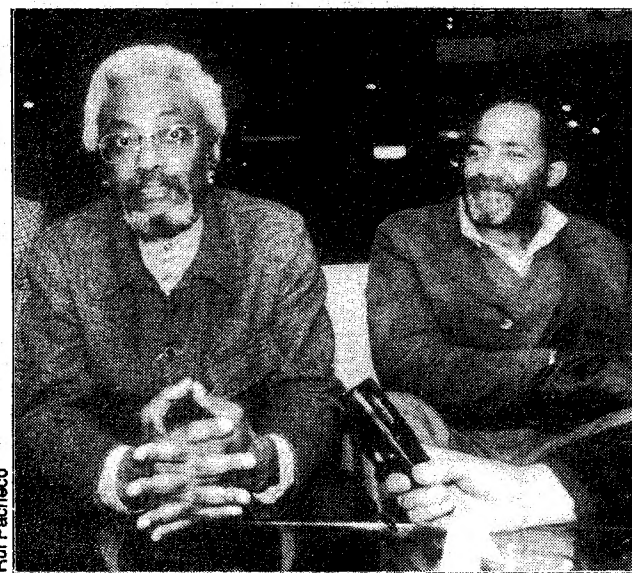
Págs. 2 e 3

O número de heroinómanos em Portugal é «alarmante». Só o Centro de Recuperação das Taipas, em Lisboa, responde a mais de cinco mil toxicodependentes.

As estruturas de atendimento aos drogados são escassas perante o número de pedidos de ajuda. Os responsáveis das Taipas falam já da necessidade de criar um novo espaço de recuperação em Lisboa.

O problema estende-se por todo o País. O nascimento do terminal TIR na zona de Alverca trouxe com ele o tráfico de droga e o desvio de adolescentes para os caminhos da delinquência.

Enquanto isso, Portugal vai sendo uma placa giratória do tráfico de estupefacientes. De tempos a tempos, a Judiciária faz apreensões fabulosas. Os autores do crime são sempre traficantes estrangeiros. Uma boa altura para perguntar: e os da casa?



Mário Pinto de Andrade e Gentil Viana falando ao DL após o encontro com Savimbi

Com as FAPLA às portas da Jamba Angolanos querem mediação angolana

Savimbi interrompeu a sua visita a Portugal, alegando ter de partir para África pelo agravamento da situação militar no Sudeste de Angola. Trata-se, diz a Lusa, da iminência ou já da tomada de Mavinga pelas tropas do MPLA.

Portugal, esse, continua a jogar nos dois tabuleiros e, enquanto as mais altas instâncias recebem Savimbi, e o ouvem dizer que gostaria da participação portuguesa no processo de paz, o Ministro da Defesa acolhe o vice-ministro angolano da mesma pasta.

Finalmente, em Angola e Portugal há outras forças que se movimentam, e um grupo de antigos dirigentes da luta de libertação vem dizer que a mediação do conflito MPLA/UNITA deve ser deixada a angolanos.

Págs. 11, 12 e 13 e 14

Gorbachev continua líder do PCUS

O líder soviético desmentiu hoje a notícia veiculada por uma cadeia de televisão norte-americana, segundo a qual Mikhail Gorbachev iria demitir-se da liderança do PC da URSS, ficando apenas na chefia do Estado.

Anunciou no entanto que, para a semana, o partido iria tomar "decisões muito importantes". Por outro lado, Shevardnadze negou que a perestroika se encontrasse num impasse, classificando as actuais dificuldades como de transição de um socialismo burocrático para "um socialismo democrático e humanista".

Pág. 17



Mau tempo voltou As chuvas e o vento voltam a fustigar todo o país. Na Foz do Douro houve já cortes de circulação ao trânsito, quedas de árvores e inundações em estabelecimentos comerciais e casas de habitação. No Algarve, o mar galgou a Ilha de Faro. As ondas passaram as barreiras naturais em vários pontos da Ilha, levando atrás de si areias e destroços que se depositaram junto às casas e estradas, facto que levou os residentes a exigirem soluções técnicas para travar o avanço do mar. Os próprios bombeiros, aliás, sentiram enormes dificuldades em acorrer às chamadas, como se vê na foto. Ao largo de Peniche, um petroleiro de bandeira panamiana andou à deriva, mas os seus 27 tripulantes estão livres de perigo

Pág. 23



Rui Mingas:
o embaixador
que canta
entrevistado
pelo DL
Págs. 26 e 27

Fernando Namora
a um ano
da sua morte
Págs. 5 e 30

A crónica de Joaquim Letria
Pág. 4

Cartoon de Pedro Palma
Pág. 5

O Centro de Recuperação de Toxicodependentes das Taipas inaugurou esta manhã as suas terceiras jornadas. Compreender o fenómeno do consumo de drogas - considerado «alarmante» - as suas relações com a sociedade, e trocar experiências nas áreas da prevenção, tratamento e combate são os grandes objectivos deste encontro de cariz internacional. Antecipadamente, lançamos alguns elementos de reflexão sobre a necessidade da comunidade se co-responsabilizar pelo problema que afecta, sobretudo, a juventude portuguesa

Droga: comunicar é preciso

GRANDE ANGULAR

A toxicodependência é um flagelo do século XX, isso todos sabem dizer. Quando se trata de responder à grande questão que subjaz ao fenómeno - «porque motivo as pessoas se drogam?» - as certezas vacilam. Talvez uma culpabilidade lactente explique esta resistência da sociedade em olhar para as causas e apenas apontar os males. A prevenção será isso mesmo, procurar o fio à meada do processo que conduz ao consumo dos estupefacientes para se actuar na raiz do problema. A situação em Portugal, «é alarmante» no referente ao número de heroínómanos, tal como afirma o psiquiatra Nuno Miguel, do Centro das Taipas. É preciso agir na comunidade, co-responsabilizá-la, dizem os especialistas. Os cidadãos têm que reaprender a comunicar.

Sabe-se que existem. Veem-se nas ruas, nos transportes, a vizinha até tem um primo que anda naqueles meios. Só que o número, pelo menos,

aproximado, continua por determinar. Fala-se dos toxicodependentes, é claro. A aferição do fenómeno é feita quase empiricamente, através da sensibilidade dos técnicos que actuam no campo. «Não dispomos de dados exactos, só o número de pessoas que procuram as nossas consultas», diz Nuno Miguel, responsável pelo Centro de Recuperação das Taipas. «É esse volume é alarmante, sobretudo de consumidores de heroína», frisa.

Com dois anos e meio de existência (completará três em Junho), o Centro já atendeu mais de cinco mil casos. «E mais pedidos tem em lista de espera», afirma o médico, por muitos já considerado o «corredor de fundo» no estudo deste problema a nível nacional. Aliás, as Taipas é apenas um dos locais públicos onde os drogados podem recorrer. Existem múltiplas instituições privadas, como o Patriarche, que actuam no plano da recuperação.

Segundo Nuno Miguel, a idade dos indivíduos (80 por cento de sexo masculino) que recorrem aos serviços do centro situa-se entre os 20 e os 30 anos. «Se nos ativermos aos dados demográficos desta faixa etária em Lisboa e os compararmos com o número de pedidos de consulta, ficamos preocupados». Por outro lado, para este médico, as estruturas de acolhimento aos drogados em Portugal são ainda escassas.

Recentemente regressado de uma jornadas sobre toxicodependência em Estrasburgo, Nuno Miguel fala de regressão do fenómeno noutros países, como a Holanda, e procura explicações para a progressão do mesmo a nível nacional. «Uma pessoa que consome heroína rapidamente se torna um vendedor do produto, a alternativa é o roubo. Isto produz um rol de novos consumidores. Noutros países as oportunidades de tratamento de heroínómanos são céleres,

pelo que agentes propagadores da epidemia são rapidamente retirados do mercado. Em Portugal, o processo é moroso e cheio de escolhos», frisa.

Uma perspectiva menos pessimista da questão da toxicodependência tem Paula Marques, psicóloga no Gabinete de Planeamento e de Coordenação do Combate à Droga. «Empola-se muito este problema, comparativamente com outros países estamos menos mal», diz.

No âmbito do gabinete começaram a ser feitos os primeiros estudos epidemiológicos em meio escolar - apenas do 7º ao 9º ano de escolaridade, em 12 estabelecimentos da área da capital - para pesquisar a presença/ ausência de práticas de consumo de droga. Os números de 1987/88 não se revelam assustadores (só 8 a 9 por cento desses alunos inquiridos haviam experimentado droga pelo menos uma vez na vida).

«Sim, realmente são dados animadores» - afirma Nuno Miguel - «mas os heroínómanos constituem uma população que já foi rejeitada pela escola, a maioria só tem o ciclo ou o quinto ano de escolaridade».

Certeza apenas existe quanto à materialidade do problema, que para alguns já ganhou foros de epidemia, que mexe com uma outra ainda mais grave: a Sida. É por esse motivo pertinente falar de prevenção. Bastará ir para as escolas «pregar» os malefícios do haxixe, da heroína, da marijuana? Bastará dizer alertar os pais e educadores para os desvios dos seus educandos?

«No que diz respeito à prevenção tem-se caído em dois equívocos base: apela-se à protecção face aos traficantes (polícia, combate, etc) e na informação dos perigos da droga», comenta o psiquiatra do Centro das Taipas.

Esta maneira de ver a prevenção é limitada, na sua

opinião, pois não responde à pergunta fundamental: porque motivo as pessoas se drogam? Para Nuno Miguel, «qualquer prevenção seria deveria passar por aqui».

Aponta pistas de análise que passam pelas necessidades humanas, exacerbadas na adolescência. A auto-estima, o prazer de comunicar e de fazer coisas e a capacidade de elaborar projectos são essas as necessidades esquecidas pela comunidade. A educação em Portugal não favorece a auto-estima. É mais atenta ao que já está mal do que ao que está bem. Funciona não pelo estímulo, mas pela correcção. O prazer de comunicar aprende-se, mas também tem que se sustentar em bases temporais e físicas «Um exemplo da destruição destas estruturas é a eliminação dos espaços e das oportunidades de se comer em conjunto», frisa Nuno Miguel e ironiza: «Se eu fosse traficante, inventava também uma fábrica de tabuleiros, daqueles de

Castigar as vítimas e não os algozes

O facto de sermos um país voltado para o mar tem as suas virtudes, é certo. Comporta também algumas desvantagens. Portugal é reconhecida uma placa giratória do tráfico da droga, proveniente de África e América Latina, em trânsito para a Europa. Alguma dela fica, abastece o mercado interno e os nossos drogados.

De tempos a tempos ouve-se falar em apreensões fabulosas feitas pela Polícia Judiciária. Os autores do crime são sempre traficantes estrangeiros. É uma boa altura para perguntar: e os da casa? Os rumores que figuras da alta sociedade portuguesa estarão envolvidos no mais florescente comércio do século não passam de boatos lançados a público por línguas viperinas?

Deixamos aqui alguns dados, fornecidos pelo Gabinete de Planeamento e de Coordenação do Combate à Droga, relativos às apreensões de estupefacientes nos anos de 1987/88. Os números apontam para um decréscimo do consumo do haxixe, e para um crescimento preocupante do de heroína e cocaína. Assim, em 1987, a PJ apreendeu 4917 quilos de haxixe, 222 quilos de cocaína e 30 quilos de heroína, contra, respectivamente, 342 quilos, 301 quilos e 33 quilos, em 1988.

Quanto às sentenças proferidas nos mesmos dois anos, não deixa de ser sintomático que se continuem a penalizar mais os consumidores do que os traficantes, quando as modernas teorias sociais e penais apontam precisamente para o contrário. No ano de 1987, foram condenados 497 consumidores, 341 traficantes e 73 traficantes/consumidores, num total de 911 sentenças. Em 88, o número de penas aumentou, sem que a lógica judicial se tenha alterado. Foram apanhados nas malhas da lei 533 consumidores, 440 traficantes e 69 traficantes/consumidores, num total de 1042 pessoas sentenciadas.

P.S.

Em Alverca um projecto

São crianças iguais a tantas outras no País. Estas têm a sorte de desfrutar de um espaço aberto aos seus problemas escolares, de uma via para o futuro profissional, de um estímulo à imaginação. Num primeiro andar simples e acolhedor, encontramos algumas delas atarefadas. Preparam um jornal, discutem um projecto de vídeo, elaboram um campeonato de xadrez. É um clube especial, pois o seu principal objectivo é apelar ao gosto pela vida. O Centro de Bem Estar Infantil de Alverca encontrou uma fórmula simples, que os adultos tendem a esquecer ocupados com os seus atribulados afazeres, para desviar os miúdos de tortuosos caminhos da delinquência e, sobretudo, da droga. Muitas vezes basta ouvi-los...

O Centro (CEBI), uma das muitas Instituições Particulares de Solidariedade Social portuguesas, nasceu há cerca de 20 anos pela iniciativa de um grupo de pais para responder aos problemas da comunidade e muitos existem na vila ribatejana, hoje albergando cerca de 30 mil habitantes.

Ao longo das últimas décadas, beneficiando da proximidade de Lisboa e da excelente localização geográfica, Alverca sofreu o impacto da



No clube de jovens de Alverca, as crianças encontram alternativas sérias à droga. Obtem apoio pedagógico complementar à escola e actividades culturais que lhes preenchem os tempos livres

rápida industrialização e do crescimento urbano e demográfico, em condições que não permitiram um desenvolvimento harmonioso. A maioria dos residentes não são oriundos da região, o que conduz ao desenraizamento social, incentivador da marginalidade. Muitas das crianças e adolescentes, que consti-

uem perto de 30 por cento da população, viram-se envolvidas no consumo de drogas, entre as quais as pesadas. O problema atinge actualmente proporções consideráveis.

«Os primeiros jovens que começaram aqui a aparecer, eram miúdos educados nas nossas escolas, o que nos

magoava muito», diz Álvaro Vidal, responsável pela CEBI. Este homem de meia idade, jovial, lembra um pregador no século XX. Fala dos seus meninos com um carinho tocante: «Actualmente, o mais novinho tem 13 anos e consome heroína. Veja lá... pica-se por debaixo dos testículos para os pais não darem conta».



Impedidos de sonhar com o futuro, os adolescentes projectam-se no presente e, frequentemente, caem nas malhas da toxicodependência

refeições individuais...»

As escolas de 3 mil e tal alunos também não ajudam. Segundo o mesmo responsável, «se queremos alimentar o consumo de estupefacientes é privilegiarmos, como temos feito, os espaços gigantescos para a juventude». O médico é peremptório quando afirma que «a prevenção da toxicodependência é também a prevenção da saúde mental juvenil». E isto,

frisa, passa pelo próprio repensar do conceito de sociedade.

A mudança de esquemas sociais passa inevitavelmente pela das mentalidades. É difícil. Enquanto ela não se processar, os especialistas começam a trabalhar as diferentes comunidades. Trata-se de construir uma rede de operadores e agentes comunitários de transformação, de escuta, para dotar as diferen-

tes populações do que elas realmente precisam no campo da toxicodependência, diz Paula Marques. Para a psicóloga, «qualquer comunidade é responsável pelo que se passa dentro dela, nós tentamos co-responsabilizá-la».

Um projecto piloto de mobilização da comunidade mais amplo arrancou há pouco tempo em Oeiras, pela mão do Centro das Taipas.

Está na fase de constituição de uma equipa de animadores culturais que vão ajudar à reinserção de toxicodependentes da zona nas estruturas locais. Este trabalho de contacto com população é de importância capital na opinião de Paula Marques, porque, sublinha, «uma população assustada funciona mal, vai reprimir, vai marginalizar, vai odiar...»

Paula Sá

chamado vida

Álvaro Vidal não tem estatísticas sobre o montante de crianças nas mesmas condições, sabe e sente que o fenómeno da toxicodependência na zona é cada vez mais grave.

Segundo as palavras deste professor primário, existe uma mafia organizada, na qual um grupo de indivíduos desenvolve um engenhoso marketing de vendas. Os miúdos, entregues a si próprios longas horas por dia, acabam por cair nas redes destes gentis senhores.

Começam por lhes fornecer, por exemplo, quatro gramas de «produto» para venda a troco de 0,5 gramas para eles próprios. Na semana seguinte, dão-lhes 4,5g a troco e as tais 0,5g para uso pessoal e assim sucessivamente. «É uma verdadeira espiral, os miúdos entram e não conseguem sair», afirma Álvaro Vidal.

O responsável pela CEBI já foi ameaçado por meter a «colher» onde não é chamado. Querem-no silenciar, pretendem tolher-lhe os movimentos. «Três indivíduos, novos e com bom aspecto, bateram à porta do meu gabinete (a sede da CEBI situa-se numa moradia com várias saídas para a rua) e apenas me disseram: 'Calate pombinho, mantém-te manso, senão levás nos cor-

nos...', disse. Porém, frisa, «nada me demove de continuar nesta batalha sem tréguas».

Há quem atribua a gravidade da situação de delinquência ao nascimento do terminal de TIR em Alverca. «São os custos do progresso», desabafa o professor primário, acrescentando que alguns camionistas, população flutuante, trazem a droga para a vila e alimentam outro tipo de marginalidade grave, como seja a prostituição de menores.

Para Álvaro Vidal, «não vale a pena tentar combater esta mafia com as mesmas armas, por isso utilizamos a da prevenção». O CEBI contactou, então, o Gabinete de Planeamento e de Coordenação do Combate à Droga para atacar o problema. O departamento oficial cedeu-lhes duas psicólogas - Lubélia Gonçalves e Valentina Chitas - para que o centro pudesse, em Setembro passado, abrir um serviço comunitário gratuito de consultas. Funciona duas vezes por semana e destina-se a abordar, com as crianças e pais, as questões que se prendem com este achaque social. A toxicodependência é uma doença social, porque afecta todo o núcleo familiar. «Se cada um toca como quer sai uma

orquestra desafinada», afirma Lubélia Gonçalves. Para a psicóloga, os pais têm que saber actuar, com a ajuda dos psicólogos, dos pedagogos, dos juristas, num clima multidisciplinar.

É preciso não esquecer que estamos num meio pequeno. A comunidade conhece os seus elementos como se dedos da mãos se tratasse. «Nas pequenas comunidades, a droga é como uma gravidez indesejada, esconde-se até poder», diz Lubélia Gonçalves, acrescentando que o acanhamento das pessoas para recorrerem a este serviço ainda é muito grande. Segundo a psicóloga, elas pensam desta forma: «Ir lá é admitir que tenho o problema dentro da minha porta». Daí que a população só recorra a estranhos quando o caso de toxicodependência já vai adiantado e quando perderam o controlo total da situação», comenta.

Mais uma vez surge a palavra prevenção na boca dos responsáveis pelo CEBI. O Clube para jovens que referimos no início deste texto, onde se desenvolvem actividades nas mais diversas áreas culturais, faz parte dessa filosofia. «No clube dá-se orientação pedagógica e lazer q.b.. «Tentamos que estes 160 jovens, que se distribuem pela

primária e pelo ensino preparatório, se integrem na sociedade, que se sintam bem com eles próprios», sublinha Manuela Vidal, a responsável por aquele espaço. Álvaro Vidal explica o funcionamento do clube, que dispõe de professores do ensino primário e secundário destacados pelo Ministério da Educação e ainda universitários que dão a sua boa vontade nos tempos livres. E a ambição foi longe: conseguiram levantar os alicerces das novas instalações, ainda em fase de construção, que permitirão responder, dentro de pouco tempo, a mais de mil crianças.

Para Lubélia Gonçalves, a solicitação dos jovens e adolescente para a droga não passa tanto pelas carências monetárias, mas mais pela falta de afecto, de atenção. «Não se trata de estar constantemente a beijarocá-los. É preciso mostrar-lhes que são importantes enquanto pessoas, é dar-lhes alternativas», frisa. Mas o processo tem que ser natural, sem lembrar o cliché, a droga como «o lobo mau». O sucesso deste projecto e de outros será o de combater o mal sem o evocar, sem lhe dar folgo para se implantar.

P.S.

COMENTÁRIO

Mercenários dos afectos

Há quem a sacralize e quem dela faça matéria desprezível. Há quem a consuma como alimento do espírito e quem a utilize como um instrumento de suporte quotidiano. Quem a cultive e quem a venda. Quem a condene como um mal e a defenda como um bem.

Que é a droga se não esse desejo de saltar para lá do mal da terra e atingir a perfeição? Qualquer coisa de sublime que justifique uns escassos anos de vida?

Há quem afirme que é Deus que se procura. Outros achavam nela o doce sabor da festa. Quantos poetas não se inspiraram no ópio? Quantos artistas não criaram sobre o efeito do mescal?

Hoje recorre-se à droga por fuga ao vazio. Perde-se a identidade, desgosta-se dos dias desinteressantes em salas de aula amorfas, não se sabe bem o que é o futuro, para que servem oito ou mais horas de trabalho num escritório.

As águas dos rios e dos mares estão morrendo, o ruído massacra os silêncios necessários à alma, o pai e a mãe separam-se para novos caminhos.

Tudo se torna efêmero: uma discoteca, uma música, um filme, um encontro sem sabor à mesa de um «Self». Lê-se um jornal que envelhece duas horas depois, bebe-se uma bica já sem gozo.

Procura-se na noite das cidades ou num jogging de fim-de-semana aquilo que não se encontra a não ser dentro de cada um: o amor próprio, a felicidade.

Com que justiça se culpa um jovem por drogar-se quando o medo e a corrupção paralisam as instituições; quando se fornece cocaína à hora do chá aos quadros das modernas multinacionais; quando vencer na sociedade de hoje é competir impiedosamente, bacular ou tornar-se yuppi.

Perante este quadro em que a afirmação social é o único valor reconhecido e a individualidade está sujeita a pressões insuportáveis não admira que a droga se apresente como a evasão escolhida.

Estamos no fechar de um século em que as bandeiras hasteadas são os individualismos, os apelos fúteis ao consumo, os desencontros, as invejas e as calamidades.

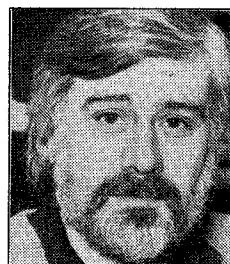
Não se queira imputar à juventude dos anos Oitenta e Noventa a culpa do caos organizado dos países modernos (da Europa à Ásia), cuja estrutura mais ou menos socializante sabe muito bem fomentar desigualdades, hierarquias, doenças e fomes.

Que se procure o prazer em toda a parte, com quem se quiser e com o que se quiser. Toda a gente tem o direito ao prazer e ao suicídio. Não se negue essa liberdade de buscar tempos perdidos e de se querer ser feliz.

Em contrapartida, muitos dos que se drogam não o fazem por uma opção assumidamente tomada e repetida. A dependência, o sofrimento, a degradação física, a morte que espreita, a quem interessará a não ser aos traficantes?

Utilizar a «heroína» e as outras drogas duras é, com efeito, estabelecer um pacto com o diabo. Que isto fique claro. O desejo é vencido pelo vício. Desaparece a arte do prazer. Este drogado torna-se a caricatura, por excesso, do consumista dos dias de hoje.

Não denunciar o tráfico, nem saber prevenir contra esse consumo através da imaginação e da criatividade é continuar a fraqueza e a ineficácia do Poder. Corte-se, pois, de raiz as mãos aos mercenários dos afectos.



Rui Ferreira e Sousa

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**

Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**

Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director: **Mário Mesquita**
Directora-adjunta: **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção: **Acácio Barradas**
Chefes de redacção-adjuntos: **José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho**

Redactor-principal: **João Paulo de Oliveira**
Coordenadores de Secção: **Adelino Cardoso, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão**

Redactor-paginador: **António Ribeiro Ferreira**

Redacção e reportagem fotográfica: **Almeida Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, António José Teixeira, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias de Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), José Tavares, Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco**

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alves Henriques, Daniel Oliveira, Francisco Paraiso, Isabel Joyce e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas: **Ribeiro da Silva** (coordenador), **Emelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores: **José António Carvalho, Jorge Santos, Nuno Teixeira e Óscar Figueiredo**

Secretária de Direcção: **Maria Eduarda Soutello**
Secretaria de Redacção: **José Agostinho** (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade: **Luísa Valadas**

Gestor de Informática: **Luís Canteiro**

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegrafas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1ª - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60\$00; na Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.



PORTE PAGO

REMEDIAR

Os comandos distritais da PSP e da GNR têm, de há uns dias para cá, mais uma específica tarefa, incluída nas suas habituais funções de manutenção da ordem pública: «exercerem uma fiscalização maior», de forma a que a violência (reconhecida) dos cabeças rapadas não alastre «como mancha de azeite de um momento para o outro».

São palavras do novo ministro da Administração Interna, Manuel Pereira, à Comissão Parlamentar da Juventude que lhe terá colocado o problema da violência dos *skinheads*.

Para o governante, os casos detectados «não são suficientemente grandes para dizer que há perigo nacional». Mas também como, segundo o mesmo, se trata de um fenómeno de importação (o que diminui a sua importância) e ao mesmo tempo tem que ver com a «moda» (que é coisa de superfície), nunca se sabe. Que modas já terá havido que alastram como «manchas de azeite». - pensará lá para si o ministro e pensamos nós, quando vemos, por exem-

plo, lojas de desporto de centros comerciais do Porto e de antiguidades de bairros confortáveis de Lisboa exibirem, nas suas montras, punhais com cruzes suásticas e fardas nazis...

O ministro é sereno

Ficamos a saber, pelo menos, que para um ministro que tem a seu cargo essa coisa controversa que é a segurança e a ordem dos cidadãos, uma vintena de agressões (que incluem pelo menos uma morte e uma pessoa colocada numa via férrea para ser esmagada pelo próximo comboio), praticadas segundo tudo leva a crer, ou pelos mesmos indivíduos em grupo ou por diferentes indivíduos com pensamento e insígnias comuns não são «suficientemente» graves.

Menos gravidade terão certamente e menos «nacional» ainda será o perigo, se se tiver em conta que os mortos e os agredidos é gente de classes pouco favorecidas e de raça negra...

Mas ficamos sobretudo a saber que um ministro da Administração Interna de um Estado democrático não se interroga, não se preocupa, nem se aflige com a existência de grupos organizados

(por mais pequenos que eles sejam) que actuam violentamente porque consideram que «Portugal é nosso» (na linha do já esquecido «slogan» «Angola é nossa»), que os «pretos» não têm o direito de estar cá (e de nos roubarem os empregos), que o «extermínio» dos africanos é a solução mais simples para tais problemas, (já que a democracia não actua tão eficazmente quanto seria para desejar), que a raça branca é que é (e que a sua pureza implica a irradiação das pessoas que ingerem álcool e droga), que a eficácia das acções que põem em prática tais «ideais» passa por um treino militar adequado (aprendido no interior das instituições militares), pela criação no grupo de relações hierárquicas militarizadas, pelo porte e utilização de armas, pelos contactos (mais que sabidos) com organizações políticas cujos nomes utilizam nas inscrições, pelo uso de um fardamento que inclui a cruz suástica, pela instauração de um ambiente de terror nos locais nocturnos onde estacionam ou por onde passam.

Face a isto, o ministro, tal como o povo noutras épocas, é sereno. Pensa que mais vale remediar que

prevenir, segundo essa grande linha de actuação da política e da economia nacionais que leva ao «depois de casa roubada, trancas à porta» ou ao «há males que vêm por bem». São as poluições industriais (onde mais vale ser multado do que seguir as normas), é o incêndio do Chiado (que até vai ficar mais bonito), é a maré negra (e as espantosas solidariedades internacionais). Se acontece, também era inevitável. Quem é que ia adivinhar?

O ministro dá, então, instruções para uma «fiscalização maior». Mas de quem? De quê?

Que diferenças evidentes encontrarão as forças policiais paramilitares que temos entre as botas dos *skins* e as que eles próprios usam, entre as cabeças rapadas e os crânios saídos da máquina zero que lhes são familiares, para saberem a quem fazem maior «fiscalização»? E os tacos de *base-ball* entrarão no catálogo das armas?

E não estão estas forças da ordem ainda mais habituadas do que nós àquela versão corrente de que o cabo-verdiano é que deu a facada?

Que se lhes pode exigir mais, neste País tão largamente democrático, com ministros de tal

DOIS BRASIS, UMA PÁTRIA

O presidente Collor de Melo enfrentará a difícil tarefa de unir dois Brasís com que terá de se defrontar a

partir de 15 de Março próximo, data em que oficialmente assumirá as suas funções de presidente, o primeiro a ser eleito através de sufrágio directo e universal em que recebeu 35 milhões de votos de eleitores que em si confiaram.

Um destes Brasís é supermoderno e eficiente. O outro, é um monstro ineficaz e clientelista, cuja folha de salários do funcionalismo público absorve 105% das receitas do governo.

Os problemas são inúmeros e aflitivos. Para se chegar a esta conclusão, basta uma leitura superficial dos indicadores que caracterizam este fabuloso território e sua população, dando-nos o retrato social do Brasil.

Dos 140 milhões de brasileiros, 23%, ou seja 36 milhões, são totalmente analfabetos. Menos de 18% da população com mais de 10 anos de idade tem apenas a instrução primária completa. Por detrás deste números esconde-se ainda uma realidade assustadora: baixíssima qualidade de ensino,

elevada taxa de insucesso escolar, remuneração inadequada e falta de condições de trabalho para os professores, um ensino profissional deficiente.

Só por falta de vagas no ensino público gratuito, 4 milhões de crianças entre os 7 e os 14 anos ficam fora da escola.

Quando os países desenvolvidos investem fortemente na educação, para favorecer o progresso tecnológico, muito mais de metade da população do Brasil não possui qualquer escolaridade ou frequentou o ensino num grau insignificante. O quadro da Saúde há três décadas que praticamente não sofre alterações, 7 milhões de brasileiros expõem publicamente as suas chagas crónicas, 5 milhões são portadores de esquistossomose e, espalhados pelo Brasil, arrastam-se meio milhão de leprosos.

Mas talvez que o indicador social mais chocante, pelo menos para mim, seja aquele que nos mostra que 70 crianças de cada mil nascidas no Brasil não alcançam o primeiro ano de vida.

Por outro lado, o Brasil parece estar também a caminhar para as trevas; o sector eléctrico está endividado e sem dinheiro, com as suas obras a ficarem progressi-

vamente paralisadas. O atraso no cumprimento destas obras pode conduzir o Brasil ao racionamento energético em 1992. Mas 1994 poderá ser o ano mais dramático, quando o Norte e o Nordeste ficarem com 20% da luz necessária e o Sueste apenas com 10% da energia eléctrica que precisaria para o seu desenvolvimento.

Os investimentos em energia eléctrica que chegaram a ser de 2% do PIB na década de 70, resvalaram para 0,3% nos dois últimos anos do Produto Interno Bruto. Também o quadro dos transportes não é animador: os investimentos do Governo em ferrovias são hoje da ínfima ordem de 0,1% do PIB ao ano, ou seja, menos de um terço do que chegaram a alcançar nos anos 80. Quanto às rodovias, um terço desta fabulosa rede encontra-se em mau estado de conservação. O próprio ministro dos Transportes declarou, recentemente, que «o sector está à beira dum colapso».

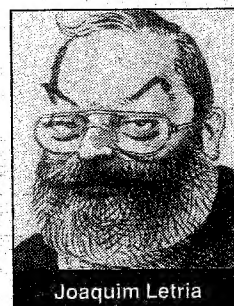
Inevitavelmente, a crise financeira atinge também serviços que há dez anos até eram eficientes, como por exemplo os Correios e as Telecomunicações.

Enquanto estes problemas se acumulam e agravam de forma atroz, a chamada economia paralela, ou informal, ou subterrânea, como preferirem designá-la, mas querendo com isto referir-me àquela que desconhece regras fiscais, registos em repartições e não paga impostos, cresce e agiganta-se. Segundo estimativas com a maior credibilidade, de fontes da APEC - Associação Promotora de Estudos de Economia - a economia paralela está a produzir cerca de 30% do PIB, o que representa à volta de 100 biliões de dólares. Sobre este valor o Estado cobra zero...

Outra questão não menos importante que Collor terá de enfrentar é a da fuga de capitais. Entre 1978 e 1987, o Brasil foi sangrado em 32,1 biliões de dólares, segundo os Bancos Centrais das nações desenvolvidas.

Se a partir de 15 de Março Collor não conseguir resolver estes problemas, será apenas mais um a falhar.

Se tudo melhorar graças à acção do mais jovem presidente das Américas, este será um herói. Muito justamente.



Joaquim Letria

FORUM

E PREVENIR

modo serenos, do que «tomarem nota da ocorrência» (o que, aliás, atendendo a que a maioria dos casos não passaram do hospital, já seria qualquer coisa...), quando a «ocorrência» já aconteceu - a morte irremediável, a amputação irreparável, o traumatismo para o resto da vida - e quando os cabeças-rapadas, triunfantes e certos da sua razão, tiverem acrescentado mais uma cruz negra ao rol das suas façanhas?

É sabido que as «forças da ordem» costumam chegar mais lestoamente e com mais convicção junto de gente mais pacífica para «resolverem» situações de outro teor - aquelas em que os que se sentem prejudicados e injustiçados e em que, por ausência de outros meios e esgotada a paciência, impossibilitado o diálogo, tomam nas suas próprias mãos a resolução dos seus problemas. Fazem grupo, gritam, dizem as suas razões, formam comissões, agem, reivindicam. À luz do dia.

Aí, na velha tradição interiorizada do «são proibidos ajuntamentos de mais de uma pessoa» (não aplicada aos *skinheads* apesar de estes se moverem em bando), apoiada nas leis de-

mocráticas que regem as horas e os itinerários das manifestações (que não podem ser «espontâneas» porque desse modo prejudicariam a boa ordem social), impelida pela ânsia de garantir a liberdade dos «ofendidos» (normalmente instituições, patrões e empresas) a Polícia actua.

Foi o que se passou a semana passada na linha de Sintra quando os utentes cortaram a circulação da linha, como protesto contra «os atrasos permanentes, a supressão de comboios, a falta de segurança, o mau estado do material, a superlotação» segundo explicaram. Pecado dos pecados e milagre dos milagres, não era contra a greve dos ferroviários que estavam!

Algumas reivindicações dos utentes foram ouvidas, mas não sem que durante as «desordens» tivesse havido algumas detenções para «identificação».

A movimentação destes «populares» (curiosa designação para os que sem partido atrás ou à frente são protagonistas de acções na via pública), de imediato suspeita para as forças policiais e alvo da sua actuação, não prevista na lei e fugindo à

rotina das greves, abanou a CP que, também ela, está na linha geral do mais vale remediar (ou remendar) do que prevenir (e uma greve «remediada» por uns quantos alternativos até parece que dá lucro - não se pagam salários, os comboios não consomem energia, etc...) deve tê-la surpreendido, uma vez que está mais que estabelecido que um serviço público é um favor às populações que estão habituadas ao bem-estar da sardinha em lata e dos atrasos, que são sempre pela ordem, e é ponto assente que os causadores das desordens são sempre os grevistas.

As gotas de água

Mas o feitiço voltou-se contra o feiticeiro. Como afirmou durante as «desordens» uma «popular», o conflito entre os trabalhadores e a gerência foi «a gota de água que fez transbordar a saturação em que vivem os habitantes da linha ao longo dos anos». E dessa saturação quem menos culpa tem são os trabalhadores e quem mais tem é a gerência.

«Ocorrências» destas (imprevisíveis e exemplares) não são do domínio da política e rara-

mente das primeiras páginas - é quotidiano, trabalho, cidade. A Comunicação Social, aliás, salvo honrosas excepções, tem reforçado, com a RTP obviamente na vanguarda, a ideia de que a vida política é uma sucessão de audiências (entre o poder ou com o poder) - de que sabemos o que nos querem dizer -, de conferências de Imprensa (convocadas para depois das reuniões) - onde os promotores dizem o que lhes convém e onde os jornais vão se lhes interessa (e a quase todos interessa só as mesmas) -, de visitas, almoços e jantares de personalidades de que nos dão imagens.

Por isso talvez, se o referido encontro do ministro com a Comissão Parlamentar, ainda mereceu algumas linhas na Imprensa diária e no rádio do dia, a reunião de 20 africanos que vivem em Lisboa, em plena Praça da Figueira, ao fim de uma tarde vulgar, em que estes, autoconvocados e auto-organizados, trocaram as informações de tinham sobre a actuação dos *skinheads* e

votaram, de braço no ar, perante a gente que passava, organizar a sua «autodefesa», foi completamente ignorada. Não era feita «para» a Imprensa. Mas existiu. A imagem dos utentes da CP, para quem era o seu próprio dia-a-dia que estava em jogo e que tomaram o seu problema em mãos, os «populares» africanos, porque é a sua pele que está em risco, com mais desprotecção e menos armas, consideraram que mais valia prevenir que remediar.

Esperemos apenas que a «maior fiscalização» que o ministro ordenou chegue até aos locais onde eles habitam, trabalham, convivem, passam os tempos livres, por onde passam à noite no regresso do trabalho e que não se engane no alvo.

Que os espíritos fiquem serenos, como o de Manuel Pereira: racismo em Portugal, «connais pas». Que o digam as filas de enormes savimbis tarjados a verde e vermelho pendurados nos candeeiros das vias mais importantes de Lisboa - Paz e Democracia...



Eduarda Dionísio

Cartoon de Pedro Palma

Um exclusivo Faces of the World/DL@1990

CARTAS
NA MESAUma rua
para Fernando Namora

Fernando Namora, um dos mestres da literatura portuguesa deste século, que nos deixou no dia 31 de Janeiro do ano passado, após longa e dolorosa enfermidade, não apreciava particularmente as cidades em que ninguém pode evitar sentir-se um peão anónimo. Ele sentia-se, aí, pouco à vontade, com a sensação de falta de espaço. Preferia muito mais o campo, fosse o imenso oceano das planícies alentejanas ou ninhos de águas como o Monsanto, Monção ou Monsaraz, ou ainda a beira-mar, nomeadamente, a Ericeira.

Apesar disso, o autor de «Rio Triste», que teria feito setenta anos em Abril passado, passou uma grande parte da sua vida, especialmente o fim desta, na cidade, precisamente em Lisboa.

(...) Várias obras suas descrevem, com o talento que se lhe conhece e reconhece, situações da vida citadina, mais exactamente lisboetas. É o caso de «O Homem Disfarçado», «Domingo à Tarde», «Os Clandestinos» e «Rio Triste».

Tomando isso em conta, tomando em conta o esplendor da sua obra, tomando em conta o facto que «O reconhecimento é a memória do coração», segundo a feliz expressão do escritor dinamarquês Hans Christian Andersen (1805-1875), tomando em conta, enfim, que «A recordação é o perfume da alma», como dizia George Sand (1804-1876), tomo, respeitosamente, a liberdade de chamar a atenção para o facto de já ter chegado o momento de dar a uma rua da capital o nome de Fernando Namora. Isso parece-me relativamente simples de resolver, dado que ele passou os seus últimos trinta anos de vida na Avenida Infante Santo, a dois passos da Basílica da Estrela e do Jardim com este nome, ele que nutria uma verdadeira paixão pelas árvores. Tanto a sua família como os seus amigos podem testemunhar que o seu coração palpitava por aquele bairro.

François Baradez, leitor de Lisboa

FORUM

O DIA MAIS FELIZ

Guardo da visita a Roma de Mikhail Gorbachev a recordação viva do entusiasmo com que os italianos, célebres pelo seu «senefregghismo» (coisa que com alguma aproximação se pode traduzir por «estarem-se nas tintas» para

tudo), acompanharam o passeio do líder soviético através das ruas e, depois, a visita ao Vaticano e o histórico encontro com João Paulo II.

Entre as imagens dessa visita, salta-me, no entanto, especialmente à memória a de uma senhora que, entrevistada pela televisão italiana acerca da visita de Gorbachev ao Vaticano, respon-

deu que era o dia mais feliz da sua vida. O dia por que tanto rezara.

Inevitavelmente, recordei-me de quando era criança e nas igrejas se rezava, como creio que depois se terá continuado a rezar (mas disso não posso dar testemunho) pela conversão da Rússia Soviética, mas lembrei-me sobretudo de um amigo meu que, há uns

tempos, foi à televisão e declarou que o dia 25 de Abril fora o dia mais feliz da vida dele.

Não assisti à declaração desse meu amigo. Contou-me uma dessas pessoas que, quando eu estava longe, se lebravam de mim e me iam contando o que se passava e que fazia com que as coisas, filtradas pela sua inteligência e sensibilidade e contadas

pela sua voz que eu adoro ou escritas com a sua bela letra, me parecessem muito mais engraçadas do que são na realidade e me viesse toda esta vontade de voltar para Lisboa.

Sei que quem me contava esta história recorda o 25 de Abril com grande emoção, como eu, que, por crer que, nalguns casos, a nostalgia ainda é o que era, desfilei todos os anos Avenida da Liberdade abaixo, apesar de aí encontrar cada vez menos amigos para além daqueles com quem costumo ir e que têm acompanhado os últimos anos da minha vida.

Surpreendeu-me, assim, um pouco, o tom crítico com que esta história me foi contada, mas como a pessoa que me contava me habituou a ter sempre razão e como sei que vê sempre tudo com uma clareza que mais ninguém tem, vi-me obrigado a pensar um pouco mais sobre este assunto e dei-me conta de como é estranho que se possa afirmar que um acontecimento público, um fenómeno colectivo, constitua o acontecimento mais feliz da vida de uma pessoa.

Deixando de parte a senhora que manifestava a sua alegria no Vaticano, pelo necessário respeito que a fé merece e porque tenho a certeza que não lhe faltarão boas causas para recomendar a rezar, e esperemos que com o mesmo sucesso, é a declaração do meu amigo que me interessa.

De facto, ainda que o conheça há muitos anos profundamente empenhado em grandes causas, sei que é uma pessoa com uma capacidade de felicidade individual que nada tem a ver com os longos desertos sem fim que são as vidas afectivas das pessoas que normalmente fazem este tipo de declaração, pelo que a explicação tem de ser outra e penso que é essencialmente uma explicação que tem a ver com a nossa geração (ele que me desculpe porque é ligeiramente mais novo).

Creio que a nossa foi uma geração profundamente marcada pela afirmação de valores colectivos e pela subordinação da felicidade individual à felicidade colectiva. Foi uma geração para quem a luta contra a ditadura, pela descolonização e pela revolução

(ou pela reforma, que ele houve gente para todos os gostos e o meu pessoalmente até era mais esse) constituiu um ponto central da vida.

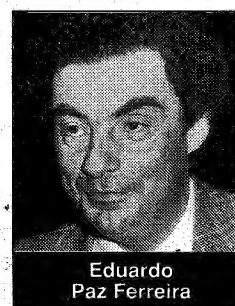
Foi, em certo sentido, uma geração de generosidade e que fez o corte com a indiferença e o conformismo da geração anterior. Só que, como me dizia já há uns anos uma amiga minha inteligente e sensível (deve ser por isso que as crianças gostam tanto da versão portuguesa do «Sesame Street»), procurando explicar-me o comportamento de alguém que longa e persistentemente me magoara, este foi um corte feito em nome de valores racionais e que deixou muito pouco espaço ao sentimento.

Prescindindo, por razões óbvias, de alimentar o «ego», recordando as virtualidades que esta minha amiga atribuía e fico a pensar nas consequências que teve essa subalternização do sentimento e essa desatenção à felicidade individual.

Creio que ela teve consequências pesadas para todos, quando acabaram as grandes causas, e muitos ficaram na permanente nostalgia de quando as coisas eram diferentes e outros, sobre os quais não vou perder o meu tempo a escrever nem fazer-vos perder o vosso a ler, resolveram macaquear os homens ou as mulheres de sucesso (não conhecem ninguém assim, pois não?).

Creio, também, que foi a falta de atenção aos valores individuais que justificou, em larga medida, o falhanço de formas de intervenção política ensaiadas a seguir ao 25 de Abril e o refluxo geral da Esquerda, e que contribuiu decisivamente para que hoje, em tantos sítios, o poder esteja nas mãos de pessoas que pela felicidade colectiva não se interessam rigorosamente nada e até constroem muitas vezes a felicidade individual na destruição da felicidade dos outros.

A esses apenas poderemos opor a certeza de que nunca seremos como eles. Que essa vitória não lha daremos, o que muito provavelmente implica uma maior atenção à felicidade individual. O dia mais feliz da minha vida? «El dia que me quieres».



Eduardo Paz Ferreira

ACREDITE, SE LER NO EXPRESSO.

Mesmo quando a realidade ultrapassa a ficção, o leitor do EXPRESSO acredita no que lê: sabe que uma investigação profunda dos factos apurou exaustivamente a sua veracidade. E esta paixão pela realidade em permanente evolução que obriga o EXPRESSO — o mais antigo semanário português — a uma inovação permanente. Com efeito, não lhe basta ser o número 1. Depois de ter sido o primeiro semanário no país a editar uma Revista, o EXPRESSO é agora o único a oferecer aos seus leitores quatro cadernos autónomos que permitem organizar e classificar os grandes temas da Informação — Política/Nacional, Internacional, Economia e Desporto — além do Cartaz (agora renovado), que oferece uma panorâmica sobre os espectáculos e acontecimentos culturais. Quanto mais complexo se torna o mundo em que vivemos, tanto mais o EXPRESSO se transforma num mundo de informação, onde a verdade do que acontece é dada a ler e a ver, semana a semana, a centenas de milhares de leitores.



Expresso
UM JORNAL DE CONFIANÇA

FORUM

CARTAS PERSAS

DA GLÓRIA QUE TEMOS

Acaba bem o que em humor acaba, e assim foi com o longo exercício da edilidade lisbonense agora cessante, na pessoa do seu presidente, a quem tantas coisas me opuseram - mas de modo algum esta, antes pelo contrário...

Em acto final de autoridade, o eng. Kruz Abecasis fez erigir em Lisboa uma estátua «Ad Ephemeram Gloriam». Exactamente à glória, não deste ou daquele, desta e daquela qualidade civil ou militar, mas à de coisa alguma, que mais efêmera parece, à esperança das outras.

Que toda a glória o seja, é ver o que aconteceu a tanta estátua por este mundo ou esses séculos fora, e como, nos manuais, caem as vedetas no esquecimento da história sempre recontada. Mortais as civilizações, viram arqueologia as estátuas fora de uso, todas elas,

um dia - menos esta! «A primeira cidade do mundo a ter um monumento assim», afirmou o presidente da Câmara na sua inauguração. Assim eterno, que só a efeméride o é.

Ou a utopia - que é o outro sentido deste monumento-antimonumento, no seu altíssimo valor pedagógico...

Autor: Sam - que outrem não há em Portugal, há muitos anos já, para oferecer desenhos e esculturas de imediato absurdo, como as que tem exposto ou impresso e que nesta cátedra de assento em plano inclinado, inascentável, culmina... Quem lá quiser pôr-se, escorrega e cai, ameaça da desordem que sempre à ordem se opõe, necessariamente

- e como por todo o lado se constata. E esconde...

Daí que, adoptada a ideia de erigir o monumento (depois de em



José - Augusto França

O CÃO

Havia, ou há e haverá, um cão na minha rua, sem raça ou família: cão somente que há muito deixara de ladrar aos fregueses do dono. Deitado a um canto, tinha calor ou fresco conforme o tempo que lá fora fazia; e fazia por viver, ou sequer, que vida de cão é como a das pessoas que os têm, sem história - mas só aquela que entre o cão e o dono passa, um que desistiu há séculos de bandos ou alcateias, outro que aos semelhantes, e quanto mais os conhece, prefere os cães.

Um cão triste, não direi, como não é triste o seu patrão: são assim, lentos, há muitos anos, sem precisarem já de se olhar para saber que estão no seu lugar, ao abrigo das necessidades da vida. Dela, um sabe o que sabe, o outro não, e só o que lhe vem da fidelidade igual, em horas de sol ou de sombra.

Resta-lhes o nome: António, o do dono, com a família a seguir, Nero, ainda, o do cão, porque outro Nero houve na infância do patrão, embora sem laços de parentesco. Um hábito de nome que

nos homens se chama apelido e nos cães não tem maior razão.

O Senhor António, por conseguinte, e o seu cão Nero, na loja velha, vivendo ambos da freguesia certa ou de acaso. Que alguém possa achar isso imagem da vida, não é de excluir; de incluir também não. O optimismo e o pessimismo são opiniões, e os factos sociais já sabemos que não são coisas. No caso, os cães esperam tanto como os donos - e nada há que lhes valha, a uns e a outros, nas categorias respectivas do reino animal a que pertence, sem o saber, qualquer deles.

... Faltam ao signatário desta carta cinquenta palavras para tirar disto uma conclusão. Estamos na Pérsia, cão a cão, António a António; isso nos permite esperar três anos certos, agora. O horizonte é 1 de Janeiro de 1993, data de história em que o destino («So das Schiksal...») bate à porta. Ladrará então o cão - olhará então o António? Como sabê-lo?

capa da revista «Colóquio/Artes» eu o ter proposto, em 1982), o eng. Abecasis tivesse tido tanta dificuldade em o assentar em local apropriado, recusados os recintos universitários, parlamentares e não sei se presidenciais -

sempre por causa das dúvidas que eram, nos casos, metódicas...

Então o presidente resolveu erguê-lo no alto da Alameda Afonso Henriques, ligando assim o primeiro rei da pátria ao estado moral dela, hoje em

dia; e isso, maliciosa ou inocentemente, depois de uma reforma ministerial de mais de trinta titulares - «remonta» dizia o Teófilo, em vernáculo. É defronte do IST e um ilustre professor da casa e antigo reitor, explicou muito bem

porque, no acto que o guarda Ricardo vigiou...

Um dia eu havia de estar de acordo com o eng. Abecasis - e foi este, em humor necessário e suficiente. Oh, tão raríssimo humor, na Pérsia!

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS, TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES SECRETARIA DE ESTADO DA CONSTRUÇÃO E DAS VIAS TERRESTRES

INDICADORES DA INTERVENÇÃO NO SECTOR RODOVIÁRIO REFERENTES A 31 DE DEZEMBRO DE 1989

1. JUNTA AUTÓNOMA DE ESTRADAS

		CONSTRUÇÃO NOVA	GRANDE REPARAÇÃO	TOTAL
ITINERÁRIOS PRINCIPAIS I P	estradas (km)	490	442	932
	pontes (n.º)	14	—	14
	valor (contos)	70 400 416	10 218 705	80 619 121
ITINERÁRIOS COMPLEMEN. I C	estradas (km)	129	402	531
	pontes (n.º)	6	—	6
	valor (contos)	51 938 403	8 337 784	60 276 187
OUTRAS ESTRADAS	estradas (km)	111	916	1 027
	pontes (n.º)	11	—	11
	valor (contos)	13 738 915	17 333 372	31 072 287
TOTAL	estrada (km)	730	1 760	2 490
	pontes (n.º)	31	—	31
	valor (contos)	136 077 734	35 889 861	171 967 595

NOTA: A JUNTA AUTÓNOMA DE ESTRADAS tem ainda em curso obras de BENEFICIAÇÃO GERAL da Rede Rodoviária Nacional, incluindo trabalhos no domínio da SEGURANÇA RODOVIÁRIA, nomeadamente na «Supressão de Pontos Negros», «Implementação da sinalização vertical e horizontal», «Colocação de guardas de segurança» e «Iluminação de intersecções» no valor de 17 037 514 contos.

2. BRISA, AUTO-ESTRADAS DE PORTUGAL, S.A.*

	EXTENSÃO (KM)
LANÇOS DE AE EM SERVIÇO	231

LANÇOS DE AE EM CONSTRUÇÃO	EXTENSÃO (KM)	VALOR **
A1 AE NORTE LISBOA / PORTO Lanço AV. CIMA/SANTARÉM/T. NOVAS /FÁTIMA/LEIRIA/POMBAL/CONDEIXA	139	44 669 000
A4 AE PORTO / AMARANTE Lanço ÁGUAS SANTAS/CAMPO PAREDES/PENAFIEL	33	11 479 000
A5 AE LISBOA / CASCAIS Lanço ESTÁDIO NACIONAL/CASCAIS	17	12 395 000
TOTAL	189	68 543 000

* concessionária do Estado (DL 458/85, de 30/10).

** contos

DN Magazine. Mais uma razão para gostar do Domingo.

É verdade. O DN Magazine traz agora novos temas,
mais páginas e um visual mais atraente.

Além disso, esta oferta semanal
do Diário de Notícias
inclui também PROGRAMAS,
uma nova revista de bolso.

Você fica a par de tudo
sobre televisão, rádio e espetáculos.

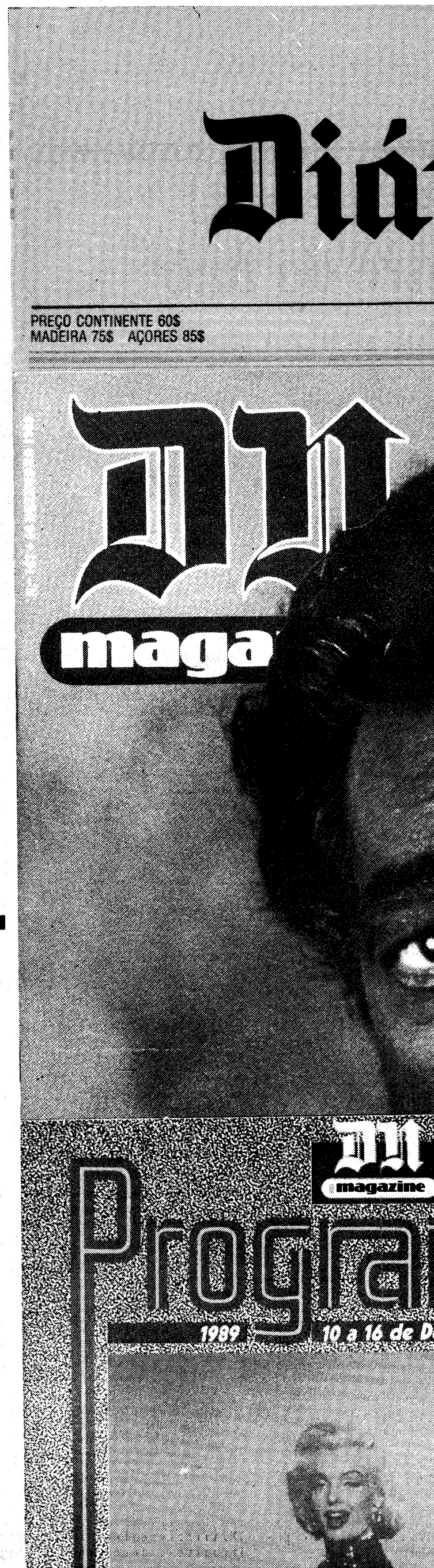
Neste domingo, veja as novidades do DN Magazine
e consulte durante toda a semana
a nova revista PROGRAMAS.

Você vai descobrir
que este anúncio lhe trouxe uma boa notícia...
do sempre renovado "Diário de Notícias".



Temas e temas.
PROGRAMAS à parte.

ANTENA 1/800



POLÍTICA

Angola quer ajuda militar portuguesa

Delegação militar de Luanda chefiada por vice-ministro da Defesa abre caminho a alargamento do acordo de cooperação entre os dois países

A cooperação político-militar entre Portugal e a República Popular de Angola deverá sair reforçada com a visita de cinco dias que o vice-ministro da Defesa desde segunda-feira efectua a Lisboa, prevendo-se que na sua sequência venham a ser assinados protocolos de cooperação nesta área, privilegiando a formação de pessoal - admitiram fontes militares ao DL.

Esses acordos contemplarão sectores fundamentais de ordem militar, tais como a instrução, a logística e operacionalidade, entre outros aspectos.

Por aquelas três razões - instrução, logística e operacionalidade - encontra-se há três dias em Lisboa uma missão militar angolana chefiada pelo vice-ministro de Defesa de Angola, Paulo Kassoma, numa visita que fontes militares portuguesas encaram como ponto de partida para o alargamento do acordo de cooperação entre os dois países, especificamente na área de defesa.

«Os responsáveis angolanos atribuem importância decisiva à formação profissional, que tem estado em apreciação entre os elementos das duas delegações», sublinharam as mesmas fontes.

A delegação angolana integra mais de uma dezena de elementos de vários sectores das Forças Armadas de Angola, cujos governantes parecem interessados em alargar o âmbito da cooperação militar entre os dois países ao nível militar.

Por ora, a delegação pretende explorar os vários sectores desta área e sondar o que Portugal poderá ofere-



Kassoma com Soares Carneiro: Angola conta com Portugal para a formação dos seus militares

cer, inteirar-se das condições e do equipamento que mais lhes interessa e da sua capacidade neste campo. Os acordos que Portugal detém com outros territórios africanos de expressão portuguesa, nomeadamente São Tomé, Cabo Verde e Moçambique, poderão servir de exemplo para uma cooperação mais vasta entre Lisboa e Luanda - apurou o «DL» junto de fontes do Ministério da Defesa Nacional.

Kassoma e a sua comitiva multidisciplinar deslocaram-se já a diversos meios e estabelecimentos militares portugueses nos dois primeiros dias da sua estada em Portugal, visitando amanhã uma das empresas privadas da indústria da defesa, a unidade de Lazarim, no concelho de Seixal, bem como hospitais e centros de saúde militares.

A delegação chefiada por Paulo Kassoma esteve esta manhã na Academia Militar, visitando o Instituto Hidrográfico ao princípio da tarde. Deslocou-se ainda ao Laboratório Militar.

O facto da comitiva que acompanha Paulo Kassoma se dividir em vários grupos apressa e facilita este tipo de contactos, muito embora a visita aos principais estabelecimento seja feita por todos. É o caso das Oficinas Gerais de Material Aeronáutico, de Alverca, onde amanhã se deslocarão todos os elementos da delegação angolana.

A delegação militar angolana esteve ontem à tarde numa unidade de Setúbal ligada ao fabrico de equipamento militar, depois de Kassoma se ter encontrado (de manhã) com o chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas. Além da

visita à fábrica de telefones de campanha situada no Lazarim, do grupo de Rocha de Matos, que pertence ao núcleo das Indústrias de Defesa (IEP), Kassoma e a sua comitiva têm ainda em agenda o Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial e as Oficinas Gerais de Fardamento.

Observadores militares destacam o facto da comissão portuguesa que acompanha a delegação militar angolana incluir entre os seus elementos o general Cravo da Silva, director-geral do Armamento, para além do director-geral dos Assuntos Políticos da Defesa, general Gonçalves Ribeiro, do chefe de gabinete do ministro da Defesa, Pereira da Silva, e do responsável pelos assuntos de Cooperação, Lopes Aleixo.

Objectores contestam julgamento

Um grupo de objectores de consciência pretende não comparecer às Comissões Regionais onde são conduzidos os interrogatórios para a concessão daquele estatuto. Alegam que esta atitude é uma forma de protesto contra os questionários a que deverão ser sujeitos.

Cerca de 25 mil indivíduos que invocaram o estatuto de objector antes da publicação da Lei 6/85 começam agora a ser julgados nas Comissões Regionais. São precisamente estes interrogatórios que agora contestam.

«Os julgamentos são tipo casca de banana. Quem não tem cuidado chumba», disse ao «DL» um dos elementos da Associação Livre dos Objectores e Objectoras de Consciência, ALOOC, entidade que promove hoje uma conferência de Imprensa para dar a conhecer as razões que levam os objectores a não quererem comparecer às audiências.

Além de chamarem a at-

enção junto das entidades competentes, Governo e Assembleia da República, para a necessidade da discussão do projecto-lei sobre esta matéria que «está na prateleira há muito tempo», os objectores de consciência pretendem alertar igualmente aqueles que deixaram o país sem saber que agora têm de ser julgados por uma comissão.

«Esses indivíduos que saíram de Portugal e hoje estão no estrangeiro correm o risco de um dia ao regressarem serem detidos nas fronteiras acusados de refração ou deserção», disse ao DL aquela fonte da ALOOC.

«É isso que queremos evitar, pois sabemos que em 1980 alguns objectores que entraram no país foram presos como criminosos. Pretendemos que todos eles sejam automaticamente passados (por via administrativa) à reserva do cumprimento do Serviço Cívico», concluiu aquela fonte.

B R E V E S

Mota Amaral recebe a oposição

O presidente do Governo Regional dos Açores recebe hoje, amanhã e depois os líderes dos três partidos da oposição na Assembleia Legislativa do arquipélago. Os encontros que Mota Amaral manterá com Decq Mota (PCP), Rui Meireles (CDS) e Martins Goulart (PS) visam, segundo fonte oficial, «aprofundar o diálogo entre o Governo e as principais forças políticas regionais».

Couto dos Santos «muito céptico»

O ministro português da Juventude Couto dos Santos declarou-se «muito céptico» com os resultados práticos da segunda conferência dos ministros da Juventude do Conselho da Europa, realizada no ano passado. «Apenas 30 por cento das medidas adoptadas nessa reunião foram realizadas», acrescentou o ministro. No final de um encontro com a sua homóloga norueguesa, Couto dos Santos, disse que Portugal aceitará realizar a terceira conferência «se dela sair um documento político de aplicação imediata».

Cooperativas agrícolas criticam o Governo

A Federação Nacional das Cooperativas Agrícolas de Produção, acusou o Governo e o Ministério da Agricultura de «continuarem o assalto à reforma Agrária». De acordo com aquela estrutura, anteontem, «foram atacadas no distrito de Évora 9 UCP/Cooperativas Agrícolas, tendo três delas ficado completamente destruídas e inviabilizadas».

Reunião em S. Bento

Sampaio debate Lisboa com Cavaco

O presidente da Câmara de Lisboa foi recebido esta manhã pelo primeiro-ministro, em S. Bento. A audiência foi solicitada por Jorge Sampaio que só agora teve oportunidade para apresentar cumprimentos a Cavaco Silva, na qualidade de líder da edilidade lisboeta.

Machado Rodrigues, vereador dos transportes e Rui Godinho, responsável pelo saneamento básico e recuperação dos bairros históricos acompanharam o presidente da Câmara.

Apesar desta audiência ser destinada a uma troca de cumprimentos, os autarcas aproveitaram para manifestar a Cavaco Silva a sua total disponibilidade para, através do diálogo resolverem problemas graves que afectam a cidade, em cooperação com a Administração Central.

À hora de fecho desta edição os autarcas continuam reunidos com o primeiro-ministro, mas em declarações ao DL um dos vereadores salientou que «o discurso feito

durante a campanha no que respeita à necessidade de coordenar esforços entre o Município e o Estado, não é mera figura de retórica».

Os problemas de funcionamento da Carris, Epal, os problemas relacionados com o porto de Lisboa e as ligações entre as duas margens são assuntos de grande importância que, no entender dos novos autarcas, devem ser analisados e resolvidos num clima de convergência entre a Câmara

de Lisboa e os responsáveis governamentais.

Há ainda outros assuntos, polémicos, como as dívidas do Estado à autarquia, que não terão sido abordados nesta audiência, até porque foi criada uma comissão municipal destinada a estudar cada um dos casos.

Posteriormente será apresentado um relatório e só depois, o presidente do município lisboeta deverá negociar com Cavaco Silva a liquidação das dívidas.



GABRIEL DJASSI

Esposa, filhos e cunhados, agradecem a todos que manifestaram o seu pesar pelo falecimento do seu marido, pai e cunhado no dia 6/12/89.



URSS quer participar em reunião especial do Conselho da Europa

Presidência portuguesa pode dinamizar aproximação Leste-Oeste

Uma nova fase no relacionamento entre o Ocidente e o Leste poderá ser aberta no próximo mês de Março, em Lisboa, com a reunião especial do Comité de Ministros do Conselho da Europa (CE), que contará, pelo menos, com a participação da União Soviética.

A confirmação da presença da URSS neste encontro de alto nível do Conselho foi feita ontem à noite em Estrasburgo pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, durante um jantar com membros da Associação de Jornalistas Parlamentares Europeus. Deus Pinheiro revelou ainda que outros países do Leste poderão também deslocar-se a Portugal.

«Será a primeira vez que ministros do Ocidente e do Leste se sentarão à mesma mesa para debater temas como a transição para a democracia e o respeito pelos direitos humanos», sublinhou o ministro, aludindo à reunião que vai trazer a Lisboa, a 17 de Março, os ministros dos 23 países membros do Conselho da Europa.

A atitude da URSS é a todos os títulos significativa. Em primeiro lugar, porque é a primeira vez que a grande

potência, que tradicionalmente olhou de soslaio - tal como os países da sua órbita - o Conselho da Europa, se dispõe a empenhar-se neste órgão. Em segundo, porque este gesto de aproximação cria condições para um novo esquema de cooperação europeia, no quadro do CE.

A União Soviética, que durante anos defendeu apenas um «vasto espaço jurídico europeu», goza desde 1988 do estatuto de «convidado especial» da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa. Porém, nunca mostrara interesse numa adesão formal.

A oportunidade histórica de Portugal

Esta evolução da posição dos países de Leste, se não pode deixar indiferente o Conselho, revaloriza a posição de Portugal, que ocupa a presidência rotativa da organização. O nosso país está perante a oportunidade histórica de ser o protagonista da aproximação.

Com efeito, não está em causa apenas o interesse demonstrado pelo Kremlin em participar na revitalização do CE, mas também os pedidos de adesão, já formalizados, da Hungria e da



O primeiro-ministro polaco poderá vir a Lisboa em Março

Polónia, que estão também de olhos postos na reunião de Lisboa (ver texto nestas páginas).

A intervenção cautelosa de Deus Pinheiro, no encontro com a imprensa demonstra que a questão não é ainda pacífica no seio do Conselho. O ministro, que admitiu a possibilidade de a URSS ter uma presença e uma contribuição financeira não proporcionais à sua dimensão como país, considerou que «o assunto carece ainda de um debate profundo no seio

do Conselho, atendendo às características especiais da União Soviética, país que tem mais de dois terços do seu território fora da área europeia». O carácter delicado da questão levará mesmo Deus Pinheiro e Catherine Lalumière, secretária-geral do Conselho da Europa, a efectuar, antes da reunião de Lisboa, uma digressão-relâmpago aos países de Leste, a fim de contactarem com responsáveis das oposições. Portugal chamará em breve os seus embaixadores no Leste

para coordenar o périplo, uma vez que se trata da primeira missão do género empreendida pela nossa diplomacia.

O relacionamento entre o Conselho e os países de Leste em acelerada mutação não pode ser dissociado, no entanto, de uma outra instituição, a CEE. É neste quadro que deve entender-se a segunda reunião quadripartida do Conselho da Europa-Comunidades, que deverá também realizar-se em Lisboa, a 16 de Março.

Mazowiecki entusiasmado

O primeiro-ministro polaco, Tadeusz Mazowiecki, manifestou-se entusiasmado com os objectivos da reunião ministerial extraordinária do Conselho da Europa que se realizará em Março, em Lisboa, na qual participarão também ministros do Leste europeu.

Num encontro que manteve em Estrasburgo com o ministro português dos Negócios Estrangeiros e actual presidente do comité de ministros do Conselho da Europa, Mazowiecki transmitiu ainda as preocupações das autoridades polacas quanto ao momento actual dos desenvolvimentos na Europa Central e de Leste e de aproximação do seu país às instituições ocidentais, disseram à Lusa fontes diplomáticas.

Mazowiecki, que apresentou o pedido de adesão do seu país ao Conselho da Europa, ouviu do ministro João de Deus Pinheiro uma exposição sobre a reunião de Lisboa, marcada para 17 de Março e que visa debater o futuro das relações com os países de Leste.

Segundo as mesmas fontes, Deus Pinheiro aludiu à aproximação que a Polónia pretende ter relativamente às Comunidades Europeias, das quais espera obter importantes ajudas para o seu desenvolvimento, afirmando que este é um dos países da Europa de Leste que menos reservas coloca aos Doze no estreitamento de relações.

Luís Coimbra aceitou a proposta de Sampaio

O vereador monárquico aceitou o pelouro que Jorge Sampaio lhe ofereceu. Tal facto provocou um certo mal-estar junto do ex-companheiro de coligação, o PSD que agora exige fidelidade mesmo depois do casamento desfeito. «Não se pode pedir ao PPM que em Lisboa seja mais fiel a determinadas estratégias do que aquilo que foi pedido no tempo da Aliança Democrática», afirmou Luís Coimbra emitindo sobre esta matéria de acordos a sua opinião pessoal.

O vereador monárquico fica agora responsável pela Gestão dos Parques de Campismo e Iluminação Pública. «Trata-se de um pelouro que não é controverso nem em termos programáticos nem em termos políticos, tanto para a coligação 'Viver Melhor em Lisboa' como para a 'Por Lisboa'», disse ao DL o vereador do PPM surpreendido com o teor das afirmações de Marcelo Rebelo de Sousa, na passada sexta-feira. Recorde-se que o ex-candidato à presidência do município da capital disse que se Luís Coimbra aceitasse o referido pelouro estaria «a pôr em causa o acordo estabelecido entre o PPM e a distrital do PSD, no que se refere às legislativas de 1991».

«Depois dos contactos que mantive com o dirigente da distrital social-democrata, António Pinto Leite, ficou evidente e compreensível de parte a parte que tal acordo feito a ano e meio de distância das legislativas seria prejudicial quer para os dirigentes da distrital de Lisboa do PSD quer para a própria autonomia política do PPM», disse Luís Coimbra.

Esta posição não deverá ser, no entanto, partilhada pelos restantes dirigentes monárquicos, nomeadamente, pelo presidente do PPM que instado a comentar as declarações de Rebelo de Sousa, remeteu as respostas para o Conselho Nacional do partido, agendado para sábado.

No entender de Luís Coimbra, esta postura crítica dos social-democratas relativamente à aceitação do pelouro «é um exagero», tendo em conta de que se trata de uma questão local.

«Tenho total autonomia política na CML. Na primeira reunião até votei contra algumas propostas do PS e PC. A minha posição é por isso mesmo autónoma e demarcada quer da maioria quer dos vereadores do PSD e, neste caso, os social-democratas estão a pedir-me mais obediência que o próprio Jorge Sampaio», sublinhou Coimbra.

«Nunca andámos a reboque de ninguém no tempo de Abecasis, não era agora que íamos começar. Não me vou sujeitar a estratégias. As minhas votações só dependem do PPM», concluiu.

Romagem ao cemitério Prado de Repouso

Porto comemora revolta republicana

A cidade do Porto comemora hoje, mais uma vez, o 31 de Janeiro, data da tentativa revolucionária fracassada para implantar a República em Portugal.

A cidade nortenha foi por escassas horas a cidade mais republicana do país graças ao movimento dos sargentos, que contagiou populares e militares de outras patentes, solidários com os ideais de liberdade.

Terminava o primeiro mês de 1891 quando, de madrugada, algumas centenas de homens da guarnição do Porto protagonizaram a primeira revolta contra o despotismo monárquico, enfermo de corrupção, segundo declarações de intelectuais da época como Guerra Junqueiro, João Chagas ou Fialho de Almeida.

Os revoltosos desceram a actual Rua 31 de Janeiro até ao centro da cidade do Porto, tomaram os Paços do Concelho, Alves da Veiga proclamou a República e ao som da «Portuguesa» substituíram a bandeira da monarquia pelas cores verde e rubra da bandeira republicana.

Não bastou o apoio da multidão que se juntou ao movimento. Os reforços de outros destacamentos não

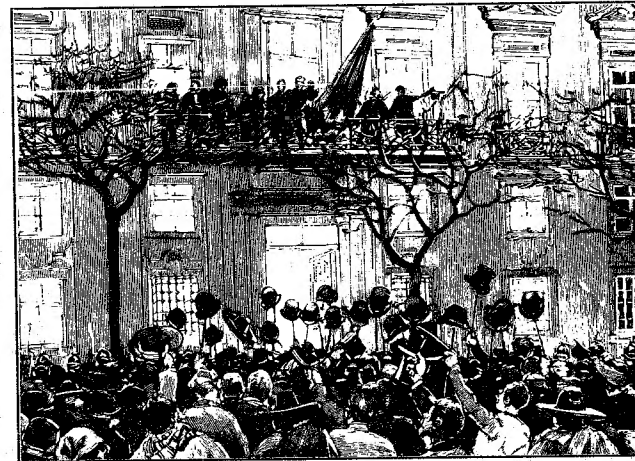


Imagem desenhada dos revoltosos no momento em que proclamavam a República, no Porto

chegaram e em pouco tempo, segundo crónicas da época, os Paços do Concelho transformaram-se num cenário dramático com muitos mortos e feridos nos hospitais locais, entre militares e civis. A escadaria de Santo Ildefonso ficou lembrada como o local da rendição.

Só 19 anos mais tarde, dois anos após o Regicídio, o movimento republicano tomou o poder e a «Portuguesa» transformou-se no hino nacional.

Um grupo de cidadãos onde se destacam nomes como José Augusto Seabra, Mário Cal Brandão, António

Corte Real, Luciano Vilhena Pereira, Bento Cruz, Manuel Falcão, Laura Estrada e Manuel Ramos, vão em romagem ao cemitério Prado de Repouso para colocarem flores no monumento aos vencidos do 31 de Janeiro e lembrar a primeira revolta republicana em Portugal. Mais tarde, em Agramonte, reúnem-se para homenagear Carlos Cal Brandão.

Os primeiros momentos republicanos duraram pouco. Os revoltosos não conseguiram ocupar mais do que um quadrilátero do largo da câmara do Porto, mas a homenagem aos heróis do 31

de Janeiro continua a realizar-se todos os anos na cidade do Porto, onde o alferes Malheiro, Sampaio Bruno, Alves da Veiga e a própria data - 31 de Janeiro - são hoje nomes de ruas da baixa citadina.

Dia dos sargentos

Em homenagem aos seus companheiros de armas que morreram na revolta do Porto, os sargentos escolheram a data 31 de Janeiro para se juntarem. É o seu dia. Em comunicado, a Associação Nacional de Sargentos (ANS) lembra os valores morais, de dignidade, honra e valores pátrios defendidos há 99 anos, e apela às autoridades competentes para que reconheçam oficialmente o Dia dos Sargentos. Segundo a ANS, «hoje, a instituição castrense vive um período bastante grave da sua vida colectiva», com ataques, nos últimos tempos, «aos seus direitos e dignidade, impensáveis após o alvorecer do 25 de Abril, em nome de interesses que nos custam a compreender», acrescenta o comunicado.

As comemorações do 31 de Janeiro realizam-se este ano no Porto, Entroncamento, Vendas Novas, Lisboa, Faro, Funchal, Açores e Macau.

POLÍTICA

De surpresa, deixando a meio a sua visita a Portugal, Savimbi partiu ontem para África. Anunciou a decisão ao princípio da noite, justificando-a com a forte ofensiva desencadeada contra Mavinga pelas FAPLA, apoiadas por meios aéreos em número nunca antes utilizado, enquanto as suas forças terrestres atravessavam o rio Lomba e se encontram agora a poucos quilómetros do bastião da UNITA

Savimbi deixou Lisboa

O átrio do Méridien registava ontem, ao princípio da noite, um movimento tão intenso que nem o facto de ali se realizar um jantar oferecido por Savimbi a quadros angolanos justificava. Por todo o lado, elementos da segurança, dirigentes da UNITA a entrar e sair apressados dos elevadores, estrangeiros que ninguém conseguiu apurar quem fossem nem que faziam no meio dos convidados, personalidades portuguesas dos mais diversos quadrantes políticos.

Sentia-se, porém, uma atmosfera denunciadora de que algo de anormal se estava a passar, para além da chegada, de surpresa, de um dos fundadores do MPLA, Mário Pinto de Andrade, acompanhado de Gentil Viana e Adolfo Maria, três dissidentes daquele movimento, membros da chamada Revolta Activa, que em 1976 foram presos em Angola e mais tarde obrigados a procurar o exílio. Subiram para a suite de Jonas Savimbi, com quem estiveram reunidos durante mais de uma hora.

Pouco antes das 20 horas, os jornalistas foram informados de que o líder da UNITA tinha uma comunicação a fazer e conduzidos a uma sala do hotel.

Savimbi interrompeu a reunião com os dissidentes do MPLA, deixando-os na suite, para, acompanhado pela mulher e por alguns dirigentes do seu movimento, fazer a anunciada comunicação.

O facto de ter esperado alguns minutos, antes de apresentar a inesperada notícia, para que a televisão pudesse entrar em directo, serviu para aumentar ainda mais a expectativa. A decisão, tomada durante a manhã numa reunião do comité central da UNITA, foi mantida em segredo até ao fim do dia, apenas tendo sido transmitida às autoridades portu-

guesas.

É preciso reagir

«Estou muito satisfeito com a minha visita mas vou partir esta noite para África», afirmou Jonas Savimbi aos jornalistas que se comprimiam para ouvir a comunicação.

O líder da UNITA referiu dois factores, um positivo e outro negativo, que o levaram a tomar aquela decisão. O factor positivo era que a sua visita tinha sido um êxito, havendo movimentações e contactos em África para se começar a negociar a paz para Angola.

«O que desejava muito profundamente era que Portugal aceitasse desempenhar um papel de discreto mensageiro».

Sem evidenciar qualquer perturbação, Savimbi revelou então que o MPLA, «como não deixava de se esperar» reagiu fortemente no interior, transferindo para área da frente 14 aviões MIG 23 e helicópteros M1-35 e que, desde o dia anterior, a zona de Mavinga estava a ser submetida a intensos bombardeamentos aéreos.

«Penso que nestas condições é preciso reagir».

Savimbi afirmou que as suas forças tinham abatido ontem dois MIG 23 e um helicóptero, com mísseis Sting, «a arma que utilizo e que não escondo a ninguém».

O presidente da UNITA manifestou-se «profundamente sensibilizado» com a audiência concedida pelo Presidente Mário Soares, e pelos «conselhos de moderação» que este lhe dera para se poder chegar a um entendimento com o MPLA.

Disse que na UNITA lhe chamavam «mais velho» e que queria permitir-se igualmente, sem familiaridade mas com todo o respeito, tratar o Presidente da República de «mais velho», no sentido africano do termo, que significa o mais sábio, e acen-

tuar que «os conselhos de moderação que ele me deu vão ser acatados».

Referiu ter ficado sensibilizado pela audiência que o primeiro-ministro lhe concedera, «a título de presidente de partido», lembrando que «conversaram longamente e a corrente passou».

Lamentou não poder ir a Coimbra porque se colocava numa dimensão cultural visitar a mais antiga universidade da Europa. Tinha preparado «cuidadosamente» um discurso para lá fazer.

Quanto à visita ao Porto, justificava-a por se tratar de um centro económico, onde também queria endereçar uma mensagem aos empresários, admitindo que estes pensassem que a UNITA ameaçaria os que estão a investir à volta do MPLA.

«Nada disso. Nós estamos a dizer que estão a investir um risco. Mas nem por isso, quando houver democracia em Angola e a UNITA puder participar no governo, deixamos de honrar os acordos que o MPLA celebrou. Era melhor que os empresários esperassem mais um pouco, até que tenhamos reunidas as condições de paz».

Ver «certos amigos»

Desde há dois dias que Savimbi e os dirigentes da UNITA tinham conhecimento da intensificação dos combates em Angola.

Disponham, inclusivamente, de informações obtidas por satélites americanos sobre as posições das FAPLA. Esperavam que o MPLA, com o objectivo de ganhar mais força negocial, lançasse uma ofensiva de envergadura. Mas nunca pensaram que esta atingisse tais proporções.

Sabe-se que, para além dos meios aéreos, as FAPLA movimentaram cerca de 800 viaturas blindadas de lagartas o que, em termos de um exército convencional, corresponde a uma brigada de oito

mil homens.

Savimbi garante que o MPLA não pode avançar e nunca atingirá a Jamba, mas considera ser necessário estar lá neste momento «para contactar com muita gente».

Disse que a UNITA tinha aprisionado dois pilotos dos aviões abatidos, escusando-se no entanto a revelar se eram angolanos ou não, e deixou no ar uma afirmação susceptível das mais diversas interpretações: «Neste momento, os meus aliados estão informados da situação. Ninguém está de braços cruzados».

Jonas Savimbi referiu-se ainda à necessidade da sua presença na Jamba para moralizar as populações, porque ataques aéreos em massa como nunca tinham sido feitos, provocam o medo e a perturbação. Quanto aos guerrilheiros, afirmou não precisarem deles.

«Eles sabem como lutar, mas eu posso pedir uma audiência a um chefe de Estado. Os meus colegas já não têm tanta facilidade».

Interrogado sobre a sua viagem de regresso, o líder da UNITA admitiu não seguir directamente para a Jamba, revelando que, antes de ir a Angola tinha que ir ver «certos amigos».

Savimbi afirmou ainda que os ataques do MPLA não protelam o processo de paz, que está reactivado e que a sua visita muito ajudara.

Pela madrugada de hoje Savimbi e a sua comitiva deixava Lisboa. Aparentemente, o líder da UNITA partiu tranquilo. Mas o ambiente entre os seus acompanhantes e entre os mais directos colaboradores era de indisfarçável preocupação.

Em Portugal ficou apenas uma pequena delegação para cumprir o resto do programa, que foi anulado, e explicar a situação.

Augusto Vilela

A visita inesperada de Mário Pinto de Andrade

Mário Pinto de Andrade, fundador e primeiro presidente do MPLA, Gentil Viana e Adolfo Maria, que pertenceram à Revolta Activa e há anos se encontram fora de Angola, tiveram ontem um encontro de cerca de uma hora com Jonas Savimbi, a quem entregaram um documento em que defendem que o processo de paz seja «devolvido aos angolanos».

Baseia-se, segundo os seus autores, «na necessidade urgente de que o processo de paz e de reconciliação seja devolvido aos próprios angolanos».

Para isso, propõem a criação de «uma instância moral», formada por personalidades angolanas idóneas, designadamente a hierarquia católica

e protestante, cujo perfil seja aceite pelas duas partes.

Quanto à reacção das igrejas, que ainda não se pronunciaram, Mário Pinto de Andrade lembrou ser conhecida a disponibilidade que elas têm para trabalhar pela paz. Sobre ao acolhimento de Savimbi a este documento, revelou que tinha sido «positivo».

Savimbi destacou aliás este encontro durante a conferência de imprensa, apelidando os três dissidentes do MPLA de «outras sensibilidades».

Mário Pinto de Andrade, Gentil Viana e Adolfo Maria, assumem-se presentemente como «independentes» e designam-se como «Grupo de Reflexão».

A MARGEM

A hora e a vez dos angolanos

«Independentes, patriotas, veteranos da luta» - assim preferem intitular-se Mário Pinto de Andrade, Gentil Viana e Adolfo Maria, os três conhecidos políticos angolanos que ontem, em Lisboa, entregaram a Jonas Savimbi uma nota em que preconizam «a necessidade urgente de devolver à mediação angolana o processo de paz em Angola».

Nota idêntica tinha sido entregue, em Dezembro, e por intermédio do Presidente cabo-verdiano, Aristides Pereira, ao Presidente José Eduardo dos Santos, que a terá acolhido favoravelmente, embora sem dela ter dado público conhecimento.

Mas o que pretende afinal essa nota? «Criar uma instância moral, um conjunto de personalidades idóneas pelo seu passado histórico e posicionamento ético», cujo perfil seria definido pelos subscritores, e reconhecido pelas duas partes em contenda.

Um perfil onde cabem, inteirinhos, altos dignitários das igrejas angolanas, católica e protestante, a começar, talvez, pelo próprio cardeal Alexandre Nascimento, que há poucos dias ainda fez uma rápida visita a Lisboa e, depois de ter sido um dos padres forçado a residência fixa pelo governo de Salazar, foi também já um prisioneiro da UNITA. Mas também o arcebispo do Lubango, Franklin da Costa, (tio de um dos generais da organização de Jonas Savimbi, Tony Fernandes) e o chefe da igreja evangélica, irmão de Daniel Chipenda, o antigo dissidente que é hoje embaixador de Angola no Cairo... Todos eles homens que apoiaram a causa da independência angolana, nos recuados anos cinquenta e sessenta, quando o fascismo português acusava os protestantes e certos padres católicos de conspirarem para a independência.

Não pretendem, no entanto, Mário Pinto de Andrade, Gentil Viana e Adolfo Maria eliminar a mediação africana no conflito. Dizem que deve prosseguir, mas que é limitada no espaço, no tempo e nos objectivos - conduzir ao cessar-fogo.

Depois do cessar-fogo, no entanto, tudo estará ainda por fazer. E é então que os três «veteranos da luta» consideram chegada a hora e a vez dos mediadores angolanos.

D.A.

Um bom estudante

Entre as muitas pessoas que o têm contactado, Savimbi teve ontem uma visita muito especial: D. Manuela, filha da dona da casa onde o líder da UNITA esteve hospedado quando estudou em Portugal.

Savimbi morou cerca de dois anos na Avenida Barbosa du Bocage, 87-4º, num prédio que já foi demolido.

Há quem ponha em dúvida os estudos de Savimbi e a sua passagem por Portugal, mas D. Manuela garante que o político angolano frequentou Medicina e era bom estudante. «Eu via lá os livros de Medicina e via-o a estudar. Até lá tinha um esqueleto. Depois, foi para a Suíça estudar sociologia. No dia seguinte à sua

partida, foram lá a casa umas pessoas da Pide a saber informações e a perguntar se ele recebia revistas estrangeiras».

Lembra também que era muito bem comportado, embora gostasse de se divertir. Durante o funcionamento da Feira Popular, recorda, ia lá frequentemente com a família da hospedeira.

«Dançava muito bem, lembro-me, mas o que estava muito longe de saber quem verdadeiramente tinha tido lá em casa. Ele, porém, reconheceu-me logo».

D. Manuela revela-nos também o nome completo do líder da UNITA: Jonas Sidónio Malheiro Savimbi.



Mário Pinto de Andrade ladeado por Adolfo Rodrigues Maria (à esq.) e Gentil Viana, vendo-se à direita (com óculos) Norberto de Castro, da UNITA, e ao fundo, o poeta Tomás Jorge Vieira da Cruz

Movimentos à procura da paz

Angola cansada de guerra

MPLA ou UNITA? Nem sempre a dualidade é sinónimo de alternativa. O fervilhar de correntes de opinião, movimentos e associações cívicas que recentemente têm surgido nos seios dos angolanos, quer no interior quer no exterior do país, surge precisamente do vazio criado pela bipolarização das forças que ainda detêm o único argumento válido durante os últimos 15 anos: as armas.

A radicalização do conflito extremou-se de tal forma que, hoje, numa altura em que se retomam as iniciativas de paz, tanto o MPLA como a UNITA se vêem agora no embaraço de se entenderem numa futura solução que integre tanto os «lacaços do internacionalismo» como os «fantoques da África do Sul».

«Porque não convidar um independente, um indivíduo neutro e respeitado como o Dr. Joaquim Pinto de Andrade para primeiro-ministro do Governo de transição?» A pergunta levantada pelo líder da UNITA durante um encontro com os jornalistas, no passado domingo, poderá ser revelador deste embaraço.

A proposta colheu de surpresa os presentes. Mas não só. O próprio Joaquim Pinto de Andrade, em declarações prestadas ao «DL» afirmou:

«É uma notícia que me surpreende, tanto mais que não tinha conhecimento dela antes. Entendo que o Dr. Savimbi, enquanto cidadão angolano, está no seu legítimo direito de fazer as suas propostas. Mas, neste momento, a minha acção não visa assumir o exercício de um cargo político, em Angola».

Joaquim Pinto de Andrade lidera desde a passada sexta-feira a Associação Cívica Angolana (ACA), a primeira iniciativa do género, e independente da tutela do Governo de Luanda. Trata-se de uma organização não-governamental, «aberta a todas as correntes e sectores do pensamento nacional, independentemente das confissões políticas, filosóficas e religiosas». A associação propõe-se defender «o respeito pela liberdade, defesa e desenvolvimento cultural, social e dos direitos cívicos dos cidadãos».

Ontem, o processo foi apresentado ao Ministério da Justiça angolano, que deverá pronunciar-se sobre a sua legalização.

As terceiras forças

Nos últimos anos, um sem-número de projectos alternativos foram sendo divulgados em Portugal e na Europa, considerados muitas vezes sem que fosse clara a sua orientação.

Recentemente, Daniel Chipenda - um antigo dissidente do MPLA, agora embaixador de Angola no Cairo - apresentou-se em Lisboa com convites do Presidente José Eduardo dos Santos a várias sensibilidades angolanas em Portugal para se deslocarem ao país.

O discurso é conciliador. Mas, «a questão agora é de resistir a colagens» com as partes beligerantes no conflito - afirmou ao «DL» um dos convidados, que pediu o anonimato.

O repto lançado por Luanda dirigiu-se essencialmente à área dos «Democratas Independentes», um grupo informal, onde se podem encontrar pessoas como Manuel Lima, Fausto da Luz, José Gonçalves, Rui Ramos, entre outros.

A iniciativa não é nova. E muito menos agora, numa altura em que se reacendem as ofensivas diplomáticas. O namorado das áreas independentes é cada vez maior, quer por parte do MPLA quer da UNITA, sobretudo aos angolanos que poderão, no futuro, aglutinar à sua volta correntes de opinião.

Angolanos estão fartos da guerra

Mas o que são, de facto, estas associações? O que representam? E quem repre-

sentam?

Estas e outras questões dominam os próprios angolanos, à espera, também eles, de uma resposta.

Para Joaquim Pinto de Andrade «este facto reflete o desejo, por parte dos angolanos, em darem o seu contributo nos assuntos que afectam toda a sociedade civil. Até aqui a sociedade tem estado demasiado polarizada e o surgir destes movimentos é o resultado da monopolização e da hegemonia por parte dos movimentos em guerra sobre praticamente todos os assuntos referentes aos angolanos». E acrescenta: «as pessoas estão fartas da guerra e, por isso, buscam agora as soluções pacíficas».

Idêntica opinião corre entre os «Democratas Independentes» para quem estes movimentos não são mais que «uma consequência dos erros acumulados quer do MPLA quer da UNITA».

Quem é quem?

Só em Lisboa podem contar-se cerca de meia dúzia de movimentos angolanos. É o caso do Movimento Amplo para a Paz em Angola (MAPA), liderado por Francisco Viana, e dos «Democratas Independentes» aglutinados à volta da figura de Manuel Lima. André Franco de Sousa, que se reclama fundador do MPLA -

embora haja quem conteste este facto - lidera a Unan-gola. E, recentemente, Adriano Parreira surgiu em Portugal a reivindicar a criação da primeira força partidária de Angola, o Partido Angolano Independente (PAI).

Entretanto, existem ainda as figuras ligadas à chamada «revolta activa», tais como Gentil Viana e Mário Pinto de Andrade, que criaram naturalmente os seus laços políticos, que se poderão desenvolver num futuro próximo face ao evoluir da situação interna em Angola. Para já não falar da FNLA, liderada por Holden Roberto, agora em crescendo no plano político-diplomático.

Outro movimento é o «Forum Angolano», formado por vários dissidentes da UNITA que, afirmam, têm apoio dentro das estruturas do movimento rebelde, na Jamba. Alípio Parreira, um dos coordenadores do movimento em Portugal, afirma que essas simpatias não se revelam porque «na Jamba existe menos possibilidades de expressão do que em Luanda». No início da visita que Jonas Savimbi está a efectuar a Portugal, os dissidentes da UNITA enviaram uma carta aberta ao líder daquele movimento, apelando para o respeito dos direitos humanos na Jamba e convidando-o a «transferir a

direcção do partido para a mão de uma nova personagem(...) capaz de levar a cabo as reformas democráticas e urgentes que correspondam não só à onda de mudanças mundiais bem como aos aspectos característicos da sociedade angolana».

É de prever que novas iniciativas venham a surgir, à medida que forem criadas as condições de paz em Angola, enquanto que outras se irão esboçar.

As recentes aberturas da sociedade angolana estão já a provocar um outro fenómeno: várias figuras conotadas anteriormente pelas suas afinidades políticas em relação quer à UNITA quer ao MPLA procuram agora sacudir o capote situando-se em novas áreas de compromisso.

É a hora dos «independentes». Mas o actual contexto de semi-clandestinidade destes posicionamentos públicos lança uma certa penumbra sobre o seu verdadeiro alcance e significado.

Quadros angolanos reúnem-se em Abril

Mas o interesse que Angola tem fomentado, sobretudo a partir do aperto de mão entre o Presidente Eduardo dos Santos e Savimbi, é cada vez mais patente.

Em Abril vai realizar-se,

PAI - o primeiro partido nasce em Lisboa

Num momento em que proliferam as mais diversas associações de angolanos, que se perfilam para uma provável fase de abertura política resultante do processo de paz, foi criado em Lisboa o primeiro partido político no exílio, o Partido Angolano Independente (PAI).

Fundado em Junho do ano passado, aprovou o seu programa em Dezembro, tendo nessa data enviado mensagens ao presidente Eduardo dos Santos, através da embaixada em Lisboa, e a Jonas Savimbi, em que expunha as suas finalidades e solicitava a legalização, às quais não obteve resposta.

No meio da semi-clandestinidade em que estes movimentos se organizam não é fácil descortinar quem os constitui e quem está por trás deles. Alguns círculos angolanos com quem contactámos revelaram desconhecer a origem deste partido, tendo outros afirmado que nos seus fundadores se contam alguns ex-simpatizantes ou membros da UNITA. No momento da visita de Savimbi a Portugal o PAI emitiu um comunicado, em que se congratula com a viagem e lhe deseja «um bom trabalho em prol do estabelecimento da paz e da democracia pluralista em Angola».

O partido tem um presidente que dá a cara e falou connosco: Adriano Parreira, investigador, a trabalhar no Instituto de Investigação Científica Tropical. Ele garante-nos que o PAI se posiciona equidistantemente da UNITA e do MPLA porque, no seu princípio de pluralidade, respeita todas as sensibilidades políticas, ideológicas e étnicas, e aceita ambos os movimentos como fazendo parte da realidade angolana.



Adriano Parreira, presidente do PAI

O presidente do PAI diz-nos que o que pedem à UNITA e ao MPLA é uma paz imediata e negociada e que acampanham com interesse todas as iniciativas que contribuam para a união e pacificação de todos os angolanos.

Na mensagem dirigida a José Eduardo dos Santos e a Savimbi, o PAI apelava «a todos os angolanos, a todos os países africanos envolvidos na paz em Angola, aos países livres e democráticos de todo o Mundo, e também

aos países de Leste para não se pouparem a esforços para que se implemente imediatamente a paz em Angola e sejam criados os mecanismos políticos para acabar definitivamente com o totalitarismo e implantar uma democracia pluripartidária, a livre expressão individual e colectiva e o respeito pela diferença».

Adriano Parreira, que antes do 25 de Abril, foi exilado político na Suécia, garante-me também que o seu partido tem cerca de dois

mil e quinhentos aderentes, gente no terreno angolano e em várias comunidades espalhadas pelo Mundo. Ele recorda-nos que os angolanos se espalham hoje, além de Portugal, onde existem mais de 300 mil, pelo Brasil, Zaire (cerca de 700 mil), Zâmbia (cerca de 200 mil), Quênia etc.. Daqui se deduz que o PAI é fundamentalmente um partido de exilados e de quadros que se posicionam para participar futuramente no poder. «Estamos preparados para disputar eleições, quando forem convocadas» - diz Adriano Parreira. Aliás, este é o primeiro movimento que se caracteriza como partido político, quando o MPLA insiste no regime monopartidário e na teoria da assimilação de associações em listas únicas.

Do seu programa conclui-se que o PAI propõe um modelo político característico da democracia ocidental e um modelo económico correlativo. Isso se torna claro no seu manifesto constitutivo: «O PAI defende para Angola um sistema político pluralista e eleições livres regulares em que todos os angolanos maiores e no pleno gozo dos seus direitos se possam expressar através do sufrágio universal e do voto individual e secreto».

O PAI poderá ser ainda uma ponta de lança de interesses económicos, pois defende uma economia livre, «uma economia de mercado em que os interesses mútuos do Estado e dos investidores constituam o segmento referencial do progresso e do desenvolvimento, de modo a criar as condições para que todos os angolanos desfrutem do bem estar de uma sociedade moderna, num país livre e democrático».

A.C.

POLÍTICA



Depois de 15 anos de guerra, os angolanos esperam pela vez dos compromissos

em Lisboa, o 1º Congresso dos Quadros Angolanos no exterior. Uma iniciativa que recebeu o apoio público do Presidente Eduardo dos Santos na sua recente entrevista à televisão portuguesa e que tem já confirmada a presença de Mário Soares.

«Consideramos que não há contributo válido sem o envolvimento dos grupos sociais. É preciso congregarmos os angolanos esquecendo as barreiras que nos dividem e juntar os interesses que nos unem» - disseram ao «DL»

Francisco Viana e Victor Ramalho, da comissão organizadora.

Para tal, contactaram as forças em presença: o MPLA, claro, a UNITA, mas também as igrejas angolanas e as várias sensibilidades conhecidas.

Contactaram também, em Portugal, muita gente que normalmente se ignora ser natural de Angola: Victor Sá Machado, Nascimento Rodrigues, Troufa Real, Fonseca e Costa. E outros, cuja ligação a Angola é mais ev-

idente - de todos os lados do espectro político angolano.

Calcula-se que o número de quadros angolanos em Portugal se situe em cerca de quatro mil para uma comunidade de meio milhão de pessoas. Mas o debate vai centrar-se precisamente entre os que acalentam a esperança de regressarem definitivamente a Angola e os que já escolheram estabelecer-se em Portugal.

Em discussão vão estar matérias como a criação de estruturas de acolhimento

para os quadros que pretendem regressar a Angola, a definição do estatuto das profissões liberais e a política de desenvolvimento económico do país. Mas também as pré-condições de regresso vão ser abordadas, nomeadamente o tipo de garantias e direitos por parte do Governo de Luanda assim como a forma de ultrapassar a animosidade de alguns sectores angolanos em relação aos quadros do estrangeiro.

Carlos Camponez

É preciso destacar os aspectos positivos

Dias Kanombo foi um dos elementos que há dois anos liderou um processo de dissidência no seio da delegação da UNITA, em Portugal. Pouco tempo depois surgiu com um dos principais fundadores do «Movimento Democrático para os Direitos Humanos» - Forum Angolano». Compara os acordos de Gbadolite à queda do Muro de Berlim. Agora, o momento é de unir os esforços à volta de objectivos comuns do povo angolano, esquecendo os interesses particulares. Sobretudo, é preciso empolar as iniciativas positivas capazes de criarem o clima propício à discussão de ideias entre angolanos.

P - Dias Kanombo, como vê o impasse verificado no processo de paz em Angola, depois da assinatura dos acordos de cessar-fogo, em Gbadolite?

R - Nunca houve um cessar-fogo que tivesse durado mais do que 24 horas, em Angola. Durante os dias 23 e 24 de Junho, após a assinatura dos acordos de Gbadolite, temos quadros ilustrativos em que os militares da UNITA e do MPLA apertaram as mãos e tomaram posições conjuntas, em particular no Norte do país.

Portanto, Gbadolite é um marco de esperança, tanto para os militares que estão cansados de andar nas matas como para os angolanos das cidades, cansados de procurar os seus irmãos. Penso que, porque nunca se chegou a



Rui Pacheco

Dias Kanombo, dissidente da UNITA

um cessar-fogo de facto, a guerra continua. Mas penso que, apesar de tudo, José Eduardo dos Santos pretende, neste momento, ser o timoneiro impulsor de um processo de transformações no país. É o caso da despartidarização das instituições. Isto irá colocar o MPLA fora do exercício de alguns poderes que até aqui disfrutava. É também o caso da lei que regula a formação de novas associações, cívicas ou outras, que queiram participar no debate amplo de ideias, permitindo transferir para o interior de Angola os debates que até aqui se situavam no exterior do país. Estas iniciativas poderão contribuir, de modo positivo, para o romper das desconfianças. É, também por isso, que eu penso que é preciso empolar as iniciativas positivas, para se criar o clima propício para debatermos

outras propostas

P - Caso se assinasse o cessar-fogo, você volta para Angola?

R - Plenamente. Temos Angola connosco diariamente. Ela é o objecto principal das nossas reflexões, das nossas orações. Com as iniciativas que acabamos de enunciar, as plataformas de discussão já não se situam mais em Lisboa, Kinshasa, Londres, Washington ou Moscovo. Passarão a situar-se em Luanda porque é lá que temos de nos entender.

P - Como é que encara a visita do Dr. Savimbi a Lisboa?

R - Em primeiro lugar, penso que é a visita de um irmão que viaja pelo estrangeiro. Penso que pouco mais há a fazer. De resto, ele vem com o objectivo de falar do seu ponto de vista acerca do futuro de Angola. Mas o que nós, como irmão dele, o aconselhamos a fazer é esquecer as nossas diferenças para procurarmos o que temos de comum. A solução do problema está nas nossas mãos.

P - Admite a possibilidade de um contacto num futuro próximo com o Dr. Savimbi?

R - Disse e repito que Gbadolite derubou os muros que nos dividiam. Podemos até não retirar nada dos acordos mas podemos enriquecer o espírito de boa vontade que o norteou. Portanto, não existe nenhuma animosidade da nossa parte para com o Dr. Savimbi, nem para com qualquer outro dirigente angolano.

C. C.

Recentemente em Lisboa

Chipenda contactou sectores críticos do MPLA

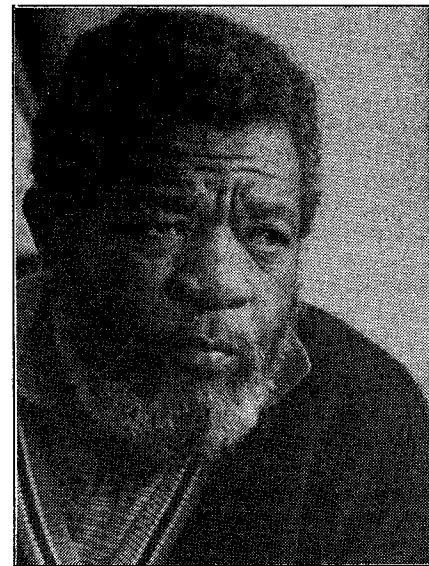
Daniel Chipenda dispensa apresentações. Actual embaixador de Angola no Cairo, esteve recentemente em Lisboa para convidar, em nome do Presidente José Eduardo dos Santos, várias sensibilidades políticas angolanas a deslocarem-se a Luanda. A hora é de diálogo entre angolanos e Chipenda responsabiliza as influências externas de emperrarem o processo de paz no país.

P - A que se deve o impasse verificado no processo de paz em Angola?

R - Depois da assinatura deste acordo de Gbadolite, no Zaire, todos os angolanos festejaram o significado de Gbadolite, porque viam com esperança o fim de uma guerra que se arrasta desde a independência do nosso país. Considero que é o factor guerra o responsável pelo impasse e, sobretudo, as suas influências externas. E quando digo que as influências externas bloquearam o processo de paz, quero dizer que - independentemente das reivindicações serem ou não justas - elas não correspondem à realidade do nosso país. Por exemplo, quando os EUA insistem na realização de eleições, não quer dizer que, nós angolanos, estejamos em desacordo com estas propostas. Mas achamos, considerando a situação interna vivida no nosso país, conveniente que tudo isso se processasse segundo um timing próprio à nossa realidade.

P - Refere-se à realização de eleições em Angola?

R - O próprio Presidente Eduardo dos Santos mostrou, no discurso de Ano Novo, a disposição do seu Governo em realizar eleições no país. O que não se compreende é que as eleições tenham de se fazer imediatamente. Como é que isso é possível num país em guerra há 15 anos? Como é que - um exemplo simples - iremos fazer o recenseamento populacional num país cheio de valas e minas por todo o lado, e onde se vive numa instabilidade permanente? E repare que, embora o Presidente Eduardo dos Santos tenha defendido, no seu último discurso, o partido único, escusou-se, no entanto, a definir a sua natureza, limitando-se a afirmar que seguiria os princípios socialistas. Mais, pela primeira vez, Eduardo dos Santos não se referiu, durante a sua mensagem de Ano Novo, um única vez ao marxismo-leninismo. Isto pressupõe que há, realmente, a



Rui Vasco

Daniel Chipenda

vontade de reformas e de mudanças. Tudo isto, quanto a mim, poderia constituir objecto de debate. Nomeadamente no que se refere à «ampliação da democracia» preconizada por Eduardo dos Santos.

P - O que entende por democracia «de acordo com as realidades de Angola»?

R - Eu conheço o termo democracia tal como ele é entendido na Europa. Não vou aqui definir o tipo de democracia que deveria ser aplicada em Angola. Faço minhas as palavras do próprio Eduardo dos Santos que a este conceito são precisas achegas. Em vez de colocarem um ponto final nas questões, os angolanos deveriam incentivar este tipo de diálogo de modo a chegarem a uma conclusão sobre a democracia que lhes interessa.

P - Mas acredita na possibilidade de uma democracia constituída por vários partidos?

R - Penso que num contexto muito mais avançado que o nosso, podemos pensar nisso. Mas neste momento a existência de vários partidos em África poderá ter muitos significados: poderão ser partidos com base em factores étnicos, culturais, e não propriamente em razões políticas. Tudo isto, são aspectos que não podemos para já definir. Mas se partirmos do princípio que aceitamos caminhar no sentido da democracia - defendendo o respeito pelos direitos humanos, a livre expressão das ideias sem que, com isso, nos sujeitarmos a qualquer repressão - então poderemos dizer que vamos no sentido de um sistema político que interessa a Angola. É bastante prematuro definir desde já a forma como lá chegaremos.

Os angolanos que estão na Europa estão habituados a pensar a democracia em termos ocidentais. Claro que África terá que mudar. Mas também é necessário que não corramos muito depressa. Temos que fazer o nosso próprio caminho para chegarmos, pelos nossos próprios meios, àquilo que interessa ao povo angolano.

C. C.

POLÍTICA

Savimbi provocou um reboiço na Assembleia da República. Mas houve muito mais na primeira sessão, vivíssima, da semana: privatizações, política do ambiente, Alta Autoridade e o 31 de Janeiro assinalado, como é da praxe, por Raúl Rêgo

Albânia serviu para explicar fraco sistema de reformas

O novo secretário de Estado das Finanças, Elias da Costa, fez ontem a sua estreia na Assembleia da República com um achado notável: ele conseguiu trazer a Albânia à colação, na resposta a pedidos de esclarecimento sobre as garantias dos direitos dos reformados nas empresas públicas privatizadas a 49 por cento.

PCP isolado

O secretário comparou o comportamento do PCP ao da Albânia: ambos se encontram completamente isolados, segundo Elias da Costa, na onda de privatizações que varre actualmente o mundo, «desde os países de leste à Guiné-Bissau, passando por estados europeus como a França e o Reino Unido».

Treze decretos-leis que privatizaram a 49 por cento o capital de outras tantas empresas públicas tinham sido chamados a ratificação na Assembleia da República, por iniciativa do PS e do PCP. Perspectiva-se em todos os casos a confirmação dos

diplomas e, portanto, o chumbo da contestação que a Oposição vem movendo a certas das suas disposições.

Empresas públicas visadas: quatro bancos (BNU, BTA, BBI e UBP), três seguradoras (Aliança, Fidelidade e Tranquilidade), quatro empresas industriais (Unicer, Petroquímica, Quimigal e Petrogal), uma de transportes (Rodoviária) e outra de telecomunicações (TLP).

Perda de direitos

Questões agitadas por comunistas e socialistas no plenário: a possível perda de direitos adquiridos, nomeadamente por convenções colectivas ou contratos individuais, e a quebra das garantias constitucionais dos trabalhadores das EP transformadas, por via destas privatizações a meia haste, em sociedades anónimas de maioria de capitais públicos.

Exemplos: não tem sido contemplada, na prática, a representação dos trabalhadores no Conselho de Administração, nem garan-

tidos explicitamente os direitos contratualmente vinculados—complemento das reformas e outras regalias—aos trabalhadores dessas empresas entretanto aposentados.

O Partido Socialista, pela voz de Osório Gomes, subscreeveu na generalidade as teses anteriormente expostas por Jerónimo de Sousa, do PCP, sobre as linhas de força dos 13 pedidos de ratificação, acentuando em particular a necessidade de ficarem claramente garantidas as regalias sociais e as expectativas legítimas dos que trabalham nas EP.

A estas dúvidas práticas e relativamente simples de esclarecer respondeu o secretário de Estado das Finanças com um discurso repleto de generalidades sobre as vantagens políticas das privatizações, ao estilo:

«Privatização passou também a ser em Portugal (ao cabo de dezena e meia de anos de resultados deficitários do sector empresarial do Estado, apenas sustentado por piedosas intenções e pelo respeito à sagrada ideologia

do Estado a acaminho do Socialismo à custa dos contribuintes... contra a vontade do Povo, que constitui a Nação!) uma ideia-chave, pedra-de-toque do programa do Governo, apostado em fazer do progresso a libertação do País».

Os pedidos de ratificação (que em linguagem parlamentar significam propostas de negação dessa ratificação) baixaram, à Comissão de Economia na certeza de que a Maioria não deixará introduzir nos decretos-lei as alterações que a Oposição pretende.

Privatizações em segredo

Elias da Costa escusou-se também a revelar, instado por Nogueira de Brito, do CDS, o calendário das privatizações a sério, as que vêm aí, na sequência da Lei-Quadro, actualmente em trabalhos de parto na Comissão, para dar à luz em plenário, na próxima semana.

Daniel Reis

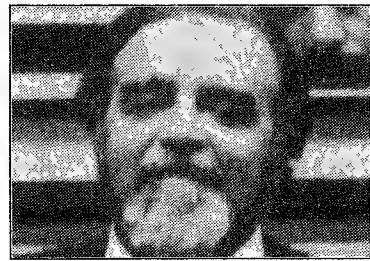
BOCA DE GENA

Savimbi é candidato ao Palácio de Belém?

Explicação de Manuel Alegre para faltar à audiência de Jonas Savimbi, na Comissão de Negócios Estrangeiros, tanto mais notória quanto é ele o presidente em exercício da Comissão:

«Discordo em absoluto da ambiguidade política da visita e recuso-me a ver o problema de Angola como um problema interno português. Por isso não compareci.»

«Pelo júbilo da Direita com esta visita—comentou ainda Manuel Alegre—mais parece que, finalmente, ela descobriu o seu candidato a Belém.»



PSD absolutamente só com a Alta Autoridade

Os socialistas não aceitaram a proposta da Maioria para abstenções recíprocas na votação de ontem sobre a Alta Autoridade para a Comunicação Social, de modo a poderem baixar à Comissão especializada tanto a proposta do Governo como o projecto do PS.

O texto que acabou por ser aprovado na generalidade reuniu, assim, apenas os votos favoráveis do PSD. O CDS absteve-se e todas as restantes oposições votaram contra.

A «mansidão das perguntas» na entrevista de Cavaco Silva

«Maior escândalo do País», considerou, ontem, Carlos Brito a questão da televisão. Como exemplo justificativo da sua grave acusação, o líder parlamentar do PCP citou a entrevista recente a Cavaco Silva, quer pelo horário escolhido quer «pelas doçura do trato e a mansidão das perguntas».

Brito considerou a entrevista como «flagrante discriminação» face ao tratamento dado às forças da Oposição que, segundo ele, «são tratadas com rudeza, remetidas ao silêncio ou em coberturas off, com as suas mensagens distorcidas e adulteradas».

LOTARIA NACIONAL

TALUDA

105 MIL CONTOS

(No bilhete)

LOTARIA DO CARNAVAL

15 MIL CONTOS

NUMA FRACÇÃO PRIVILEGIADA E MILHARES DE OUTROS PRÊMIOS

DIA 2 ANDA A RODA

A MARGEM

Savimbi: um reboiço

A visita de Jonas Savimbi desencadeou um enorme reboiço na pacatez de S. Bento, não havendo memória recente de tanta gente junta a acompanhar um dirigente estrangeiro à Assembleia da República. Nem durante a visita do falecido Tancredo Neves, ao tempo, presidente eleito do Brasil, se viram correr nos Passos Perdidos tantos jornalistas e seguranças.

A visita só não foi um sucesso completo porque o lobby da UNITA no Parlamento não conseguiu dar-lhe o carácter de convite oficial da Assembleia. Vítor Crespo, o presidente da casa, não o recebeu, os Verdes e o PCP fecharam-lhe a porta dos seus gabinetes na cara enquanto o líder guerrilheiro distribuía sorrisos e cumprimentos pelos outros grupos parlamentares.

A Comissão de Negócios Estrangeiros, de quem partiu o convite por iniciativa dos representantes do PSD, ouviu Savimbi na sala do Senado (repleta de deputados, na sua maioria social-democratas, mas também a bancada completa do CDS—são só quatro—e um ou outro do PS e do PRD) mas sem a presença do seu presidente em exercício, Manuel Alegre, que fez questão de sublinhar as razões da ausência.

Os jornalistas só foram



Manuela Aguiar e Pacheco Pereira fizeram as honras da casa. Vítor Crespo e o presidente da Comissão de Negócios Estrangeiros não receberam Savimbi

autorizados a ouvir um rasgado elogio a Savimbi e a Angola, por parte de um jovem deputado do PSD, que viveu até aos 18 anos nas terras onde se batem o MPLA e a UNITA, e a resposta do visitante. Jonas Savimbi sublinhou, na ocasião, a importância do regresso a Angola de quadros superiores necessários ao

desenvolvimento. «Foram eles que mergulharam no mato para nos trazer os bens essenciais, como o sal e o açúcar, e nos mostraram, como só os portugueses sabem fazê-lo, o que é a interpenetração cultural», disse Savimbi diante de uma cerrada bateria de microfones e câmaras fotográficas.

POLÍTICA

PS prepara congresso feliz

O próximo congresso do PS promete ser «o mais desinteressante da história do partido», talvez porque a felicidade não tem história

Se há Congresso de gente feliz, à vista só existe um: é o do PS, marcado para 25, 26 e 27 de Maio. Entre os socialistas corre apenas uma piada: as datas são as do Congresso Mariano, reunido em Braga, com a participação de Oliveira Salazar, antes da arrancada do golpe de Estado do dia 28 de Maio de 1926. Mas os dias só são aziagos quando os tempos os propiciam, e os que correm jogam a favor do PS.

Militantes de todas as sensibilidades partem para o congresso com a certeza de terem um líder cuja mensagem conseguiu finalmente passar para a opinião pública às vezes conquistada pela ideia de que se tratava de um radical perigoso. Foi necessária a aliança com o PC para a Câmara de Lisboa e uma exemplar campanha autárquica para que, paradoxalmente, Jorge Sampaio impusesse uma imagem que é a sua e de sempre: a de um homem de esquerda que, ao romper com o conservadorismo, pode promover a renovação.

O conservadorismo, esse, «fica a marcar, desde a sua convocação, o congresso do PCP», em relação ao qual Álvaro Cunhal «já deixou muito claro que se destina a iludir os militantes, uma vez que não discutirá listas para o Comité Central, nem programa, nem estatutos», como

sublinhou ao «DL» um dirigente do PS.

A força tranquila

A força tranquila de Jorge Sampaio, como em França a de Mitterrand, conquistará nas próximas eleições legislativas o Governo do País, acreditam os responsáveis socialistas que preparam um facto inteiramente novo: pôr um congresso a discutir política.

Dai o cuidado que é posto na elaboração de um Programa de Governo, daí sugestões para que umas tantas políticas sectoriais sejam a futura bandeira, sob a forma de contrato sério com um eleitorado que foi surpreendido pelo socialista Sampaio, quando oficialmente declarava, na campanha autárquica, ser incapaz de fazer promessas sem ter meios orçamentais para as cumprir.

Mesmo contando com os votos que fujam das bandas do PC, os socialistas querem ao mesmo tempo recuperar o eleitorado que abandonou o PS para se passar, em 6 de Outubro de 1985 para o PRD e para se entregar ao PSD, em 19 de Julho de 1987.

E sabem que, mesmo com as inabilidades políticas que troçam quando se referem a remodelações, entrevistas na TV e outras iniciativas de Cavaco Silva, vão ter que explicar muito bem o que querem para Portugal. E



No próximo Congresso, mais palmas para Sampaio

garantirem que cumprirão.

Kim Il Sung nunca

A unanimidade existente em torno da sua liderança já levou Jorge Sampaio a rejeitar um congresso de consagração, repudiando o estatuto de Kim Il Sung. Um programa sério de Governo não se confunde, de resto, com o conjunto de vacuidades

rituais que os partidos costumam aprovar, com solenidade vária, em todos os congressos.

O facto de se ter convocado este congresso antes dos das federações causou alguma crispação entre militantes das minorias, que acusam a liderança vinda do ex-Secretariado de repetir agora o que tanto criticaram em Mário

Soares. Mas o faseamento destes congressos e os próximos actos eleitorais, lidos e relidos os Estatutos, contribuíram para a antecipação da convocação do órgão máximo. E o assunto foi ultrapassado, até porque a manutenção da revisão estatutária na Ordem de Trabalhos abre o caminho à possível eleição de Almeida

Santos para presidente do partido.

Quanto às Presidenciais, o congresso confirmará o apelo feito pela Comissão Nacional para que Mário Soares se recandidate, na certeza que Cavaco Silva perderá sempre, quer proponha alguém ou acabe por apoiar o actual Presidente da República.

João Isidro



Rui Cunha:

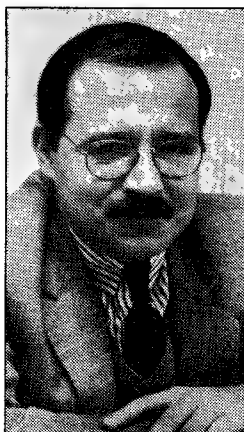
A minoria que lutou «Por Lisboa»

«Faço parte da minoria que se empenhou na vitória da coligação Por Lisboa», diz Rui Cunha, candidato à liderança da Federação da Área Urbana de Lisboa (FAUL) e apoiante de João Soares, quando se demarca de «outras leituras feitas por outras minorias» sobre o pluralismo interno no PS.

Dois dias depois da vitória autárquica de 17 de Dezembro, fui ter com Jorge Sampaio «porque entendi que era a primeira pessoa a dever ser informada dessa decisão, dado que é o secretário-geral do partido» e a candidatura de Rui Cunha à FAUL se destina a transformar uma «estrutura burocratizada e muito pouco dinâmica» numa organização capaz de «corresponder à vaga de votação» no PS. Uma vaga que «implica a necessidade de abertura ao tecido social envolvente», sendo certo que a FAUL «representa um terço do PS».

Acha que a implantação de Jorge Sampaio na opinião pública fez dele «o líder incontestado do partido e o protagonista de uma alternativa credível e séria de Governo».

Isto não impede que Rui Cunha condene os unanimismos, «sempre balofos e sempre a evitar num partido democrático». Na sua maneira de ver, «o PS deve ser enriquecido pela afirmação de um pluralismo no debate interno, como condição de unidade perante o exterior».



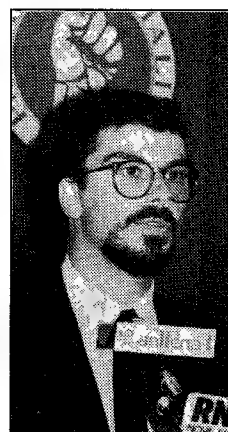
Alberto Costa:

Pluralidade contra «figurino cavaquista»

«Ao contrário de anteriores, o próximo congresso do PS terá sobretudo significado pela contribuição que

irá dar para a afirmação do partido como alternativa de Governo. Nesse sentido, o que mais importante dele vai sair é uma plataforma política que referência perante os portugueses uma proposta governativa distinta e credível», prevê Alberto Costa, membro da Comissão Política do Partido Socialista e tido como figura importante da minoria ligada a Jaime Gama.

Segundo Alberto Costa, «as próximas eleições, presidenciais e legislativas, não suscitam no partido diferenças visíveis de orientação, pelo que nada indica que tenham que confrontar-se diferentes moções de estratégia política. Pelo contrário, há condições para um consenso alargado e politicamente frutuoso bastando para isso que se respeite e tire partido da pluralidade de ideias e sensibilidades que tem enriquecido o PS, o que é, aliás, uma das características positivas que ele tem para contrapor ao figurino cavaquista».



Marques da Costa:

«A modernização do ideário»

No próximo congresso, «o PS vai discutir a extensão completa da modernização do seu ideário», na opinião de Marques da Costa, membro do Secretariado

Nacional do partido e apoiante de Jorge Sampaio. «Agora, com os acontecimentos a Leste, abriu-se um espaço de iniciativa estratégica onde não havia comunicação com o eleitorado à esquerda do PS», ao mesmo tempo que «o eleitorado do centro reconhece a modernização do nosso programa», sustenta Marques da Costa.

«Sem ingerências no interior do PCP, vamos confrontar o eleitorado comunista com problemas concretos da sua vida quotidiana», anuncia Marques da Costa, antes de classificar como ultrapassado pelos partidos da Internacional Socialista o debate lançado pelo INES. «Já estamos a reflectir sobre o sucesso ou insucesso de algumas soluções que o INES só agora começou a debater», faz questão em frisar, quando alude aos contestatários no interior do PC.

Este vai ser o congresso «em que pela primeira vez se discutirão as bases do Programa de Governo», uma vez que o «surgimento de várias listas e de várias moções» é natural e «uma coisa não implica a outra, porque a não contestação da liderança está longe de significar o fim do debate. Pelo contrário».

Cardoso e Cunha critica passividade empresarial

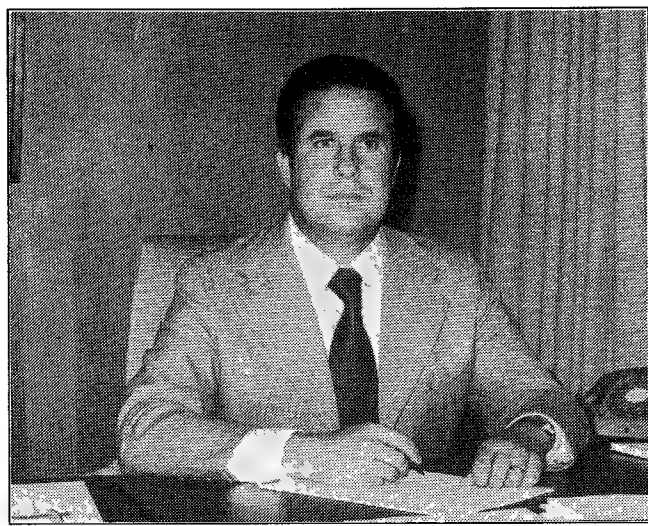
O comissário Cardoso e Cunha disse, em Bruxelas, que não sabe se os portugueses estarão a aproveitar como deve ser a oportunidade histórica que é a integração europeia. A afirmação foi feita durante um encontro promovido pela Associação Industrial Portuguesa (AIP), que inaugurou, no passado dia 29, as instalações da sua representação permanente junto da UNICE e da CEE.

Para assinalar o acontecimento, a AIP promoveu, no dia 29, um seminário durante o qual se reuniram empresários, dirigentes associativos e quadros da Associação com funcionários e técnicos da Comunidade e eurodeputados portugueses. Este seminário prosseguiu ontem de manhã, a que se seguiu um almoço onde esteve presente o ministro Mira Amaral.

A abertura deste departamento coincide com os 153 anos da Associação, que pretende ter, em Bruxelas, um departamento de apoio aos contactos com as estruturas centrais comunitárias e que faculte, aos empresários, possibilidades de fazerem reuniões, conferências e encontros.

Necessário um «lobby»

Cardoso e Cunha afirmou ser importante a presença



Cardoso e Cunha: «CEE gosta de lobbies»

directa da AIP em Bruxelas e acrescentou ser fundamental existir um «lobby» da indústria portuguesa, para que seja mantido um diálogo constante e permanente nas próprias estruturas centrais da Comunidade.

Conforme disse, «a CEE gosta de lobbies» mas, no seu entender, não existe qualquer manifestação de interesses empresariais portugueses em Bruxelas, havendo agora a possibilidade, com a representação da AIP, de se tentar ultrapassar essa questão. Cardoso e Cunha acrescentou que não interessa que a delegação seja feita, pois o importante «é

que exista».

Contudo não deixou de criticar a apatia que continua a manifestar-se em certos sectores portugueses, face à integração. «O que até agora temos conseguido com a adesão à CEE nem sequer chega para ter esperanças de nos aproximarmos da média de desenvolvimento da Comunidade», acrescentou.

O comissário português defendeu que a integração europeia seja e continue a ser uma prioridade da política externa portuguesa, mas acrescentou que Portugal «não pode contar apenas com os dinheiros da CEE, mas sim, e principalmente, com os dinheiros

que a economia tem de gerar».

Acção conjunta

Entretanto, Mira Amaral considerou a iniciativa da AIP como um «bom exemplo do que deve ser a cooperação entre empresas e Governo».

Para o ministro da Indústria, é preciso contar com as forças económicas e sociais para fazer face ao desafio da integração europeia. «Não basta a acção do Governo, temos de ser todos em conjunto», afirmou.

Uma única voz

Quanto a Rocha de Matos, presidente da AIP, pensa haver a necessidade de o sector empresarial português «fazer sentir a sua voz nas instituições comunitárias, nas quais são cada vez mais tomadas decisões do seu interesse».

Ao definir qual a posição que considera que deve ser assumida pelos empresários, disse ser necessário que estes tenham uma voz única que seja a expressão dos seus grandes problemas.

Essa voz pode ser traduzida, segundo deu a entender, pelas acções coordenadas entre a AIP e a CIP — Confederação da Indústria Portuguesa, no âmbito da União das Confederações patronais Europeias (UNICE). Estas duas organizações são as únicas representantes dos empresários nacionais na União.

B R E V E S

Fraudes fiscais têm novas penas

A fraude fiscal, praticada por quem, com intenção de obter vantagem patrimonial indevida, ocultar ou alterar factos ou valores que devam constar das declarações apresentadas, a fim de que a Administração Fiscal determine a matéria colectável, passa a ser punida com multa até mil dias, segundo estabelece o novo regime jurídico das infracções fiscais não aduaneiras.

O novo regime jurídico, ontem publicado no Diário da República, estabelece também que as penas aplicáveis aos crimes consignados são a multa, fixada em dias, no mínimo de 10 e no máximo de mil, e a prisão alternativa em caso de não pagamento da multa.

Este regime regula especificamente as infracções às normas reguladoras do IRS, do IRC e da Contribuição Autárquica e abrange também os restantes impostos, independentemente da sua natureza e do credor tributário, bem como as normas do Estatuto dos Benefícios Fiscais.

Cosec em crescimento

Os prémios processados, em 1989, pela Cosec - Companhia de Seguro de Créditos, registaram um crescimento de 23 por cento, em relação ao ano anterior, segundo elementos provisórios que apontam para a obtenção de cerca de 2,63 milhões de contos.

De acordo com dados fornecidos pela seguradora, os riscos assumidos com o apoio dos seus seguradores foi de 1,88 milhões de contos, o correspondente a um aumento de 22 por cento em relação a 1988. Deste montante, foram processados mais de 1,5 milhões de contos em seguros de créditos nos mercados interno e externo, sendo o restante em seguro-caução e seguro de créditos financeiros.

A maior expansão da actividade da Cosec foi registada no seguro de créditos no mercado interno, com uma subida de 30 por cento, o que, segundo a companhia, «demonstra a plena aceitação do universo empresarial às novas condições de apólice global de crédito interno», bem como o crescente recurso ao crédito comercial nas operações entre os agentes económicos nacionais.

COTAÇÕES



Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	48\$85	54\$85
ALEMANHA FED. (marco)	87\$00	88\$20
ÁUSTRIA (xelim)	12\$35	12\$55
BÉLGICA (franco)	3\$969	4\$219
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	123\$65	126\$15
(notas de 5 a 1000)	124\$15	126\$65
DINAMARCA (coroa)	22\$50	22\$90
ESPAÑA (peseta)	1\$312	1\$432
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	147\$10	150\$60
(notas de 5 a 1000)	147\$60	151\$10
FINLÂNDIA (marka)	36\$90	37\$50
FRANÇA (franco)	25\$60	26\$30
HOLANDA (florim)	77\$20	78\$30
IRLÂNDIA (libra)	231\$55	235\$55
ITÁLIA (lira)	\$106	\$121
JAPÃO (iene)	\$974	1\$029
NORUEGA (coroa)	22\$50	23\$00
REINO UNIDO (libra)	246\$75	251\$25
SUÉCIA (coroa)	23\$80	24\$30
SUÍÇA (franco)	98\$15	99\$65
VENEZUELA (bolívar)	3\$164	3\$964

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

Moda portuguesa em Paris

Uma representação da moda portuguesa vai estar presente, pela primeira vez, no Salão Internacional de Pronto-vestir Feminino que decorre em Paris, entre 3 a 6 de Fevereiro.

Segundo anunciou o ICEP, os nomes indigitados são Paulina Figueiredo, Karen Ritter e ainda a marca nacional, Scottwool.

O Salão acolhe 1200 expositores, de 25 países, que exibem ali, perante um batalhão de jornalistas da especialidade, as suas colecções para o próximo Outono/Inverno.

Portugal tem, assim, não só uma oportunidade de mostrar o que vale, como ainda de penetrar num mercado de 50 mil possíveis compradores.

Também em Fevereiro (nos dias 8, 9 e 10) realiza-se, na FIL, a Intermoda, um certame que, para além dos stands das empresas de confecção, nos oferece shows de moda e desfiles dos criadores mais conceituados.

Participam Manuela Tojal, Manuel Alves, José António Tenente e a dupla Eduarda Abbondanza e Matos Ribeiro.

À semelhança do que sucedeu na última Intermoda haverá, diariamente, uma «fashion performance», a cargo das escolas de formação profissional. O costureiro José Carlos apresenta a sua colecção logo no dia da abertura.

Programa JTI forma técnicos

Termina curso de quadros para a indústria

Decorreu hoje, nas instalações do Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologias da Informação, no Porto, a sessão final do 5º Programa do JTI — Jovens Técnicos para a Indústria, iniciativa conjunta do Ministério da Indústria e Energia, do IAPMEI, Instituto de Emprego, Formação Profissional, AIPortuense, AIPortuguesa, Gabinete do ministro adjunto e da Juventude e do LNETI.

O Projecto JTI destina-se à formação para a inserção, na vida activa, de licenciados e bacharéis, tendo igualmente como objectivo suprir carências no tecido industrial, de forma a que seja atingido um aumento de produtividade e maior competitividade da indústria.

Com estes programas pretendem os promotores proporcionar aos jovens uma formação pós-graduação em áreas seleccionadas, mediante a atribuição de bolsas de estudo que lhes permitam iniciar uma carreira profissional na indústria.

Outro objectivo é possibilitar um aumento do número e da qualificação dos quadros técnicos das empresas, mediante a inserção desses jovens, que recebem formação prévia, quer sob orientação de um tutor técnico em empresas formadoras, quer junto de entidades

vocacionadas para o apoio à indústria.

Potencial humano

A Associação Industrial Portuense considera que «os jovens são um potencial humano de grande valor neste contexto, visto que estão muito mais abertos à inovação e modernização técnica e tecnológica, não perdendo ainda os seus hábitos de aprendizagem», sendo mais fáceis de estimular para a mudança necessária ao sistema organizacional.

Um programa desta natureza é considerado de grande importância, dada a estrutura pedagógica do ensino superior existente, tida como não suficientemente virada para o exterior e com uma componente teórica mais forte que a prática, esta essencialmente desenvolvida dentro das próprias universidades, do que resulta que muitos alunos terminem a licenciatura sem possuírem noções claras do que é uma empresa e sem experiência no sector produtivo.

A presença do ministro da Indústria e Energia, Mira Amaral, de Carlos Florenzo e Vasco de Sá, directores do LNETI e de Manuel Magalhães, actual presidente dos JTI e director da AIPortuense, na sessão final do Programa, traduz a importância que estas instituições estão a dar à formação dos jovens para o sector.

INTERNACIONAL

Gorbachev não abandonará chefia do PCUS

Ao desmentir o rumor, veiculado pela CNN, o líder soviético disse que para a semana o partido iria tomar "decisões muito importantes"

O líder soviético, Mikhail Gorbachev, afirmou hoje que não tencionava abandonar a chefia do Partido Comunista, desmentindo deste modo fortes rumores de que estaria prestes a anunciar a sua demissão do PCUS.

Gorbachev qualificou como "infundada" uma notícia da cadeia de televisão norte-americana CNN, segundo a qual anunciaria em breve a sua demissão.

Jornalistas que estiveram presentes numa sessão de fotografias de Gorbachev com o presidente eleito do Brasil, Fernando Collor de Mello (em visita à URSS) Gorbachev mostrou-se surpreendido quando o questionaram sobre a notícia.

"Não tenho nenhuma intenção de o fazer", respondeu o líder soviético, acrescentando: "Ninguém disse tal coisa e certamente não fui eu que fiz tal declaração. Não tem fundamento qualquer sugestão nesse sentido".

Segundo a CNN, "fontes fidedignas e bem informadas" do partido teriam revelado que Gorbachev deixaria "a liderança do partido entregue ao seu aliado mais próximo, Alexandre Yakolev, enquanto ele concentraria o poder na chefia do Estado".

A CNN referia ainda que Gorbachev discordou do envio de tropas para resolver os conflitos étnicos na

região da Transcaucásia, onde morreram pelo menos 125 pessoas nos últimos 10 dias.

Plenário "muito importante"

Os rumores em causa surgiram a menos de uma semana da realização de uma reunião do Comité Central do PCUS, em que poderão ser tomadas resoluções decisivas para a eliminação de obstáculos com que a perestroika se defronta, sobretudo no domínio económico.

O correspondente da CNN em Moscovo disse também que Gorbachev, desde a sua oposição ao envio de tropas para o Azerbaijão, no dia 20, se tinha retirado para a sua casa de campo.

A este propósito, o líder soviético declarou aos jornalistas que tinha estado na sua casa de campo para preparar um discurso para o plenário do Comité Central, na próxima semana.

"Nos próximos dias teremos um plenário muito importante", referiu. "Serão tomadas decisões sobre questões muito importantes", a divulgar oportunamente.

Especulou-se igualmente que a razão do adiamento de um dia das conversações entre o secretário norte-americano de Estado, James Baker, e o seu homólogo soviético, Eduard Shevardnadze, estaria relacionado com a hipotética demissão de Gor-

bachev do PCUS.

Mas Baker também disse que a notícia da CNN não passava "apenas de um rumor, e como tal, não devemos responder ou reagir".

A Casa Branca, através da porta-voz Marlin Fitzwater, referiu igualmente que a administração não tinha conhecimento independente de tal notícia.

Dificuldades de transição

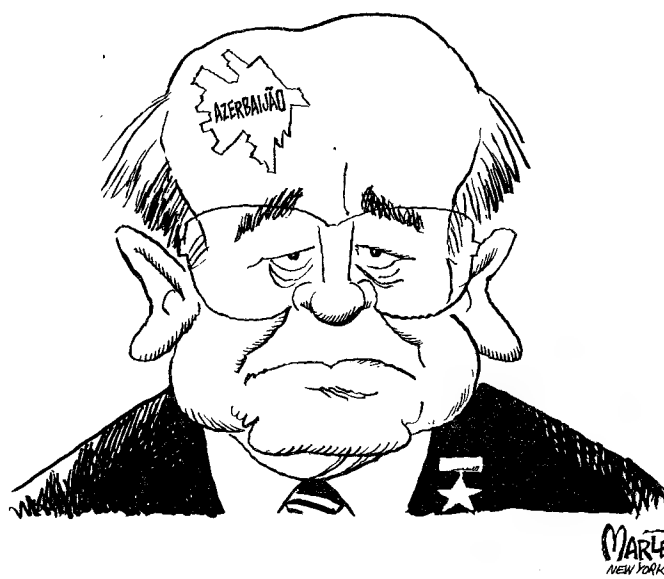
Entretanto Eduard Shevardnadze, numa entrevista ao jornal búlgaro "Vetchni Novini", negou que as reformas na URSS estejam numa situação periclitante, ou mesmo de impasse.

Para o ministro soviético, a perestroika tem sido e continua a ser o fio condutor e classificou o actual período de dificuldades como de transição e passagem do socialismo administrativo para o socialismo democrático e humanista.

Com efeito, o processo soviético de reformas é de uma complexidade maior do que os dos outros países de Leste, com passados nacionais recentes, e que por isso mesmo conservaram uma certa coesão interna, que lhes permitiu fermentar a rebelião.

Devido a estas características, o que se produz aceleradamente nos outros países do Pacto de Varsóvia, ocorre com uma lentidão geradora

Excedrin Headache #237



de tensões na União Soviética.

As confrontações entre azerbaijanis e arménios e às reivindicações bálticas poderão somar-se outros conflitos, porque a marcha dos acontecimentos aparentemente não tem o ritmo desejado pelas populações.

No entanto, Gorbachev, que tem

como melhor aliado o seu prestígio internacional, parece não estar em perigo. Pelo contrário, continua a utilizar esse prestígio como um instrumento de peso para fazer vingar o seu projecto de mudanças.

Redacção "DL"/Lusa/Reuter

Mediação báltica no conflito do Cáucaso

Moscovo acusa PC do Azerbaijão

Delegações do Movimento Nacionalista Arménio e da Frente Popular do Azerbaijão chegam hoje a Tallinn, a capital da Letónia, numa tentativa de resolver face-a-face as divergências existentes entre as duas repúblicas soviéticas rivais.

A mediação das frentes populares da Letónia, Lituânia e Estónia, no conflito do Cáucaso, constitui uma situação inédita na URSS.

Esta é a primeira vez na União Soviética que organizações não-oficiais desempenharão um papel de destaque na tentativa de resolução de uma importante questão nacio-nal.

Desconhece-se, para já, qualquer posição oficial do Kremlin quanto ao esforço báltico de mediação no conflito no Cáucaso.

Os líderes bálticos receiam que este conflito possa prejudicar os esforços pacíficos de

envolvidos nas repúblicas do Báltico para o avanço da democracia na União Soviética.

Segundo um dos mediadores da Frente Popular da Letónia, as conversações que terão início na quinta-feira, poderão ser «um princípio construtivo» numa tentativa de encontrar uma solução de paz para o Cáucaso.

Moscovo acusa PC do Azerbaijão

Entretanto em Moscovo, uma alta entidade do PCUS acusou terça-feira os dirigentes do Azerbaijão de não terem tomado medidas «suficientemente fortes» para evitar os confrontos na região.

As autoridades azeris são nomeadamente acusadas, por Moscovo, de não actuarem para impedir os distúrbios e, em vez de «isolarem e denunciarem os extremistas», fazerem «sucessivas concessões».

sões».

Falando numa conferência de Imprensa, o vice-chefe do departamento de relações étnicas do comité central do PCUS, Vyacheslav Mikhailov disse que «os extremistas» da Frente Popular do Azerbaijão «tiraram partido da inactividade» dos dirigentes azeris para fazer alastrar uma «histeria nacionalista».

O chefe do Partido Comunista do Azerbaijão, Abdul-Rakhman Vezirov, foi demitido do cargo e expulso do partido na quarta-feira sob a acusação de ter cometido «graves erros» que levaram aos confrontos sangrentos na região.

A agência noticiosa oficial soviética, Tass, informou, por seu lado, que não foi registado na terça-feira qualquer tiroteio em Baku e citou o comandante militar da cidade como tendo afirmado que a situação «está a regressar

gradualmente à normalidade».

Exército intervém na greve

A situação em Nagorno-Karabakh, origem de todo o conflito, mantém-se porém muito complexa, agravada por uma greve declarada na segunda-feira. Segundo a Tass, verificava-se, ontem ainda, alguma agitação.

Unidades do Exército soviético e das tropas do interior limparam e desbloquearam a rodovia «Stepanakert-Chucha-Latchin-Goris» e reiniciou-se o tráfego ferroviário no sector «Stepanakert-Latchin».

Órgãos de segurança estatal detiveram 13 dirigentes dos chamados «destacamentos de auto defesa», de orientação extremista, revela ainda a agência soviética.

Redacção "DL"/Lusa

URSS negocia com aliados

Inicia-se amanhã, em Budapeste, a primeira ronda de conversações sobre a retirada das tropas soviéticas da Hungria.

Segundo uma informação divulgada pela agência noticiosa húngara, MTI, as conversações, que durarão dois dias, destinam-se à revisão dos acordos «temporários» sobre o estacionamento de 50 mil soldados soviéticos na Hungria.

O vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, Ivan Aboimov, irá chefiar a delegação soviética e a delegação húngara será liderada pelo secretário do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Ferenc Szomogy.

Esta é a segunda vez que delegações da União Soviética e de um dos países de Leste se encontram para debaterem a presença de tropas da URSS nos seus respectivos territórios.

A primeira iniciativa ocorreu em Praga sem que, no entanto se tivesse atingido qualquer resultado positivo. A segunda ronda de conversações está marcada já para o início da próxima semana, novamente na capital checa.

Praga pretende que as tropas soviéticas na Checoslováquia, num total de 75 mil homens, iniciem a retirada naquele país antes de 15 de Maio e que o último contingente saia até ao final do ano.

Numa entrevista concedida pelo ministro dos Negócios Estrangeiros soviético, Eduard Shevardnadze, ao jornal búlgaro, «Vetchni Novini», reafirmou a posição soviética de «respeitar a vontade dos povos da Europa de Leste» ao mesmo tempo que manifestava a sua preocupação com «os destinos dos partidos comunistas» nesses países.

Em relação à Organização do Tratado de Varsóvia (OTV), Shevardnadze destacou que a sua transformação deveria evoluir de uma aliança militar-política para uma aliança político-militar.

Redacção "DL"/Lusa

A recente passagem por Lisboa do presidente da República do México, Carlos Salinas, fez parte de uma digressão pela CEE, em busca de apoios económicos para a crise mexicana

Privatização da banca no México este ano

No mês de Dezembro de 1988 Carlos Salinas, candidato do partido oficialista, PRI (Partido Revolucionário Institucional), foi empossado como presidente do México no meio dos protestos, ao que parece totalmente válidos, dos partidos da Oposição, quer da direita, o PAN, quer da esquerda, o PRD, de Cuauhtémoc Cárdenas, protestos que punham em causa a legitimidade do triunfo deste político, acusando-o de fraude eleitoral.

Em boa verdade, acusações deste género houve sempre que no México se realizaram eleições. Também era, e é, verdade que já de antemão se conhecia o triunfador, por Salinas ser o candidato do PRI, que governa o país desde o começo da década de 20.

Todo o México esperou sempre, no fim de cada mandato presidencial, por ouvir o nome do «tapado», palavra pela qual os mexicanos designam o seu futuro presidente, a nomear pelo

homem que nesse momento governe o país. Este facto faz parte da História e até do folclore mexicanos. Mas nas últimas eleições, em 1988, apareceram dificuldades para o partido oficialista.

O asilo dado a Trotsky

A esquerda e a direita organizaram-se como nunca o haviam feito, em especial a esquerda, que fez uma frente alargada de todos os partidos, incluindo comunistas e trotskistas. Escolheu como candidato a presidente o filho de um homem lendário no México por ter nacionalizado o petróleo, na década de 30, quando fez frente aos EUA e às grandes empresas petrolíferas. Há que considerar que o subsolo mexicano é extremamente rico neste produto vital para o desenvolvimento industrial.

Aliás, o México, antes da crise do petróleo de 1982, chegou a ser o primeiro fornecedor do mercado norte-

americano. Aquele homem lendário, Lázaro Cárdenas, foi, no melhor sentido da palavra, um dos primeiros dirigentes nacionalistas da América Latina e teve também, a seu crédito, o facto de haver concedido asilo político ao revolucionário russo León Trotsky, quando nenhum país no mundo lhe dava visto de entrada.

Foi, pois, Cuauhtémoc Cárdenas, filho desse presidente mitificado e, portanto, ele próprio também figura simbólica, saído, aliás, das fileiras do PRI, quem veio denunciar este partido como contrário aos interesses populares e totalmente corrupto. A vitória nas eleições coube a essa frente de esquerda, de acordo com todas as opiniões imparciais, mas Carlos Salinas foi dado como vencedor embora, e pela primeira vez em várias décadas, a margem da sua vitória, que os tribunais mexicanos deram a conhecer, fosse muito escassa.

Mais importante ainda o facto de a própria direita acusar o PRI de fraude e de dar o PRD de Cárdenas como triunfador. Este é o contexto político em que Salinas assumiu a Presidência.

A receita de Salinas

O contexto económico que de alguma maneira deu azo a essa configuração política foi a de uma gravíssima crise económica.

Uma dívida externa de mais de 53 mil milhões de dólares, constante desvalorização da moeda, acentuada inflação, aumento de desemprego, aprofundamento da deterioração da economia rural que já vinha de longe e que se traduz na grande necessidade de o México importar quantidade importante de produtos alimentares, etc.

No plano social houve um aumento das greves, da repressão do movimento popular e do assassinio de opositores ao Governo, como por exemplo o caso do jornalista Manuel Buendia, do «Excelsior». Esse é o México, em traços gerais, que encontrou Salinas. Qual foi a sua resposta?

Desaparecimento de opositores

A receita que ele tentou, e tenta, impor é quase comum a todos os países da América Latina: privatizar tudo, reduzir os gastos públicos, mandar para o desemprego milhares de pessoas. Assim, neste primeiro ano de Governo Salinas privatizou os telefones e, agora, é a vez



Demagógica ou sincera, a capacidade de comunicação humana de Salinas funciona

da banca, estatizada em 1982. Mais difícil, porém, embora esteja nos seus planos, será privatizar a Pemex (petróleos mexicanos) não só pelas consequências económicas mas também por circunstâncias políticas e sociais.

Neste sentido, avançou com seus planos e tem dado um pequeno desafogo financeiro a sectores alargados da sociedade mexicana mas, paralelamente, tem exercido uma acção governativa repressiva sobre sectores que fizeram greves por reivindicações salariais.

Se é verdade que começou o combate contra a repressão do aparelho burocrático sindical ligado ao seu próprio partido, não é menos verdade que a política do desaparecimento de opositores tem continuado, como é o caso do dirigente do PRT, do Es-

tado de Morelos, José R. Garcia.

No plano internacional e como consequência da invasão do Panamá pelos EUA, a sua política de boa vizinhança com aquele país sofreu um rude golpe. O seu grande «triunfo» tem sido o perdão de uma parte da dívida externa mas, mesmo assim, o México continua devedor de 33 mil milhões, situação não muito boa. No plano político, o PRI sofreu a sua primeira derrota em eleições estaduais: perdeu o Governo da Baixa Califórnia.

Este é o balanço do primeiro ano. As interrogações são muitas para o futuro. Salinas veio à Europa à procura de soluções económicas para resolver graves problemas do seu país. Conseguirá fazê-lo?

André Martin



Salinas de Gortari em momento da campanha eleitoral

Um Jornal + Uma Revista a cores / Um Jornal + Uma Revista a cores / Um Jornal + Uma Revista a cores

O Diabo está a mudar

SEM perder a originalidade de ser o semanário que escreve o que outros não conseguem, «O Diabo» experimenta novas fórmulas.

Veja o novo «Diabíssimo», revista a cores que, semanalmente, acompanha «O Diabo»

As terças-feiras leia O Diabo

Um semanário que a Esquerda e a Direita precisam de ler • O semanário que a Esquerda e a Direita precisam de ler • O semanário que a Esquerda e a Direita precisam de ler

INTERNACIONAL

Informação e Poder na União Soviética

Há quase dois séculos, Robespierre afirmava, sobre a Imprensa, que era absurda a lei que impedia a livre troca de opiniões. Hoje, parafraseando a sua tese, poder-se-ia dizer que é absurda a falta da lei que a defende.

Os tempos mudaram na União Soviética e, nesta hora da perestroika e transparência, uma lei de Imprensa é tão importante como um decreto constitucional. Não é verdade que o problema do Poder está estreitamente ligado ao domínio sobre a Informação?

Nenhum outro projecto de lei examinado no Soviete Supremo teve um destino tão dramático. Aprovado na sua generalidade pela anterior sessão, que terminou em Novembro, deverá de novo ser analisado na que se inicia, em meados de Fevereiro, sem que ninguém saiba ainda qual a sorte que o espera.

Muitas emendas

Como em tudo agora na URSS, o projecto tem duas versões: uma, mais aberta e, se quisermos, radical; a outra, mais restrita e recuada e, por que não dizê-lo, conservadora. A primeira versão, elaborada sob a direcção da União dos Jornalistas, foi rejeitada pela maioria dos trabalhadores do

sector e, uma segunda, preparada por um grupo de peritos do Instituto de Estado e de Direito, já foi submetida a tantas emendas e apreciações que se torna difícil discernir o texto original.

Neste momento, acertam-se os capítulos sobre a liberdade de Imprensa, a liberdade de criação dos meios de comunicação e a responsabilidade do redactor, mas os debates mais acesos surgiram em torno dos artigos sobre a formação dos órgãos de informação privados, a protecção jurídica dos jornalistas e o acesso às fontes.

Em causa estão sobretudo dois artigos que, como sempre, têm duas variantes. Para o primeiro, sobre a formação de novos órgãos, propõe-se que qualquer cidadão possa criar o seu ou, em alternativa, que esse direito só seja concedido às organizações e associações (tal como acontece agora, de resto). O outro artigo polémico refere-se à liberdade de escrita: o redactor é ou não livre de escrever o que entender e, como tal, responsável, ou pode ser sujeito a qualquer tipo de censura?

Do alto das suas tribunas
As críticas não se fizeram

esperar, apesar de se saber que a aprovação da lei apenas levantará as barreiras jurídicas que se colocam à via da liberdade de Imprensa, e que as barreiras técnicas e

acontecias há algum tempo atrás, quando todos os soviéticos eram a favor da «glasnost», hoje há quem se preocupe muito com isso e altos responsáveis advertem,

tos da Revolução de 1917 foi, precisamente, sobre a Imprensa, libertando-a das peias administrativas que então a envolviam. No entanto, com o rolar dos anos, sobretudo nos tempos da ditadura estalinista e mais tarde, os meios de comunicação foram controlados rigidamente pelo aparelho de Estado e do partido, detentores do Poder.

Os «samizdat»

A maior parte dos jornais existentes na URSS são órgãos do comité do partido ou do soviete local. No entanto, com o avançar da perestroika surgiu, ao lado desta Imprensa oficiosa, um sem número de publicações, que do ponto de vista estritamente jurídico são consideradas ilegais, mas que na verdade expressam a riqueza de pontos de vista existente actualmente na sociedade soviética.

Hoje, estes jornais - os chamados «samizdat» - contam-se por mais de um milhão em todo o país e são extremamente representativos em determinadas Repúblicas, como a Lituânia ou a Ucrânia. Em Leninegrado, por exemplo, são cerca de 200. «Só a sua simples existência ajuda a sociedade a combater o monopólio do pensa-

mento», dizia a este respeito um dos autores do projecto-lei, o deputado Mikhail Fedotov.

De facto, o velho costume de mandar nos jornais ainda não foi superado. Basta recordar o que aconteceu com as tentativas de pressão sobre o director do mais popular semanário, o «Argumentos e Factos», com 32 milhões de exemplares de tiragem, que foi ameaçado de demissão porque publicou uma sondagem em desabono de Gorbachev. E também o caso do afastamento dos autores mais radicais de um conhecido programa de televisão.

Contudo, o velho sistema de tutela e controlo dos meios de comunicação social está desmontado. A partida, a censura já não existe, mas a «auto-censura» persiste ainda em muitos jornalistas. Como ultrapassar esta situação e estabelecer no país um alto padrão de «glasnost» não será apenas tarefa da próxima lei. Mas, pelo menos, ela poderá constituir um valioso instrumento para atingir esse objectivo e ajudar a construir um verdadeiro Estado de direito.

Guennadi Petrov

O «DL» publica hoje um primeiro artigo de Guennadi Petrov. Nascido em 1947, Petrov é licenciado pela Faculdade de Letras da Universidade de Moscovo. Trabalha como jornalista desde 1971. Ocupa actualmente o cargo de analista político da TASS para os assuntos internacionais. Foi correspondente desta agência soviética em Cuba e dirigiu a sua delegação no Brasil, desempenhando funções idênticas em Portugal, entre 1983 e 1988

materiais se manterão a despeito dela. Ninguém tem ilusões: a falta de papel continuará e continuarão a ser insuficientes as tipografias existentes.

Contrariamente ao que

do alto das suas tribunas, que «os jornalistas exageram desmesuradamente os problemas da sociedade», assim agravando a situação. Esse tipo de gente esquece-se de que um dos primeiros decre-

Frente romena convida oposição a integrar o Governo provisório

A Frente de Salvação Nacional da Roménia, (FSN), cedendo a pressões oposicionistas, anunciou ontem aceitar a formação de um Governo de coligação que dirigirá o país até às eleições de 20 de Maio próximo.

A Frente, que até agora rejeitou qualquer concessão à oposição, decidiu convidar os outros partidos a participar num conselho nacional provisório que organizará as eleições.

Silviu Brucan, dirigente da FSN, afirmou em declarações à Imprensa que a Frente seria dividida em dois blocos: o Conselho Nacional Provisório, que estará no Governo, e a Frente de Salvação Nacional, que participará nas eleições como uma organização política. Segundo Brucan, a proposta da FSN aos partidos da oposição para que integrem o Governo destina-se a garantir a objectividade do acto eleitoral.

Esta decisão seguiu-se a críticas e manifestações levadas a cabo pela oposição, particularmente intensas após a FSN ter anunciado que concorreria às eleições.

Enquanto que, durante a semana passada, uma dezena de membros da Frente, entre os quais a famosa escritora, Doina Cornea, se demitiram, no passado domingo, os três principais partidos oposicio-

nistas convocaram uma manifestação de protesto que juntou mais de 50 mil pessoas. Por seu lado, dois mil apoiantes da FSN cercaram, na segunda-feira, a sede do Partido dos Camponeses, forçando o seu líder, Ion Ratiu,

a sair. Segundo o diário madrilenho «El País», estudantes romenos asseguraram que, no cerco, se encontravam membros da antiga Securitate.

Para o matutino espanhol esta situação de instabilidade

na Roménia poderá culminar numa guerra civil.

Paralelamente decorre no tribunal militar de Bucareste a primeira série de julgamentos a 30 colaboradores de Ceausescu. Neste momento as quatro individualidades no

banco dos réus são o antigo ministro do Interior, Tudor Postelnicu, o ex-primeiro ministro Ion Dinca e os antigos vice-presidentes Manea Manescu e Emil Bobu, que poderão ser condenados a uma pena máxima de prisão

perpétua. Uma testemunha revelou ontem que o antigo ministro da Defesa, Vasile Milea, se suicidou após ter sido chamado de «cobarde e traidor» por Ceausescu, ao recusar-se a ordenar às tropas para que disparassem sobre os manifestantes.

Em declarações ao tribunal militar, o coronel Corneliu Mircalabescu disse que Vasile Milea se suicidou com um tiro no coração no edifício do Comité Central do Partido Comunista em 21 de Dezembro, horas antes da tentativa de fuga de Ceausescu.

Por outro lado, um antigo agente da Securitate revelou ter acompanhado dois voos secretos para a Suíça em Setembro e Outubro de 1980 transportando 40 toneladas de lingotes de ouro a serem depositados em bancos em nome de Ceausescu. Aquele agente calcula que o ditador depositou cerca de 400 milhões de dólares em ouro em bancos suíços, mas outras fontes pensam que o montante se eleva a mil milhões de dólares.

O jornal «Romania Libera» apelou ontem a antigos colaboradores de Ceausescu para que ajudem as novas autoridades romenas a recuperar os enormes bens transferidos para o estrangeiro pelo antigo ditador.

Redacção «DL»/Lusa



Manifestantes anti-FSN gritam «ditador, ditador» em protesto contra o actual presidente, Ion Iliescu

Economias do Leste em «strip-tease»

O que há e não há, à vista está. Como no proveito da Hungria, Polónia e URSS para finalmente a economia, como o fizeram os

A URSS é um hermafrodita económico

Do nosso enviado especial

A economia soviética é um gigante cheio de maleitas, com bronquite crónica, reumatismos vários, coxo, gago e cujas doenças podem ser enumeradas desde que se tenha à mão um quilómetro de papel.

O gigante respira mal quando a sua população dispõe, em poupança, de um volume de dinheiro que é quatro vezes superior às mercadorias que circulam na rede comercial. Daqui nascem distorções aberrantes.

Em finais do ano passado, a URSS estava atacada por uma febre do ouro; o desprezo pelo rublo era de uma evidência escandalosa; a sombra da inflação, vinda do exemplo da Polónia, pairava por todo o lado; a desvalorização do rublo meses antes lançara o alarme; a falta de confiança no futuro da economia e o receio do desemprego infectaram a população, levaram-na a querer segurar, por qualquer modo, o valor das suas poupanças.

Os leilões dos sábados

Na primeira metade do ano passado, as vendas de ouro aumentaram 45 por cento em relação ao mesmo período

do ano anterior, segundo as estatísticas oficiais. Mas ouvindo os comerciantes do ramo, o que eles dizem é que as vendas de ouro e de artigos de ouro duplicaram e que quadruplicaram as vendas de prata e de diamantes.

As reservas de ouro, no circuito comercial, tinham descido, nos últimos meses do ano passado, para um terço dos seus níveis normais. Muitas lojas só mostravam prateleiras e vitrinas vazias; em Moscovo, metade das joalharias estavam sem jóias de ouro e quatro quintos destes estabelecimentos já nenhuma prata possuíam.

Rareando a oferta, houve uma derivação: as antiguidades.

Os leilões de antiguidades, aos sábados, na capital soviética, atraem milhares de pessoas. Os comerciantes do ramo passam a pente fino as velhas casas da província russa, trazem móveis, quadros, ícones, louças, pratos de mesa, pesados samovares e chegam a obter, na venda, lucros de 3000 por cento.

Um moscovita queixou-se: «Até o pouco que havia nas lojas de electrodomésticos desapareceu. As pessoas foram comprar televisões, máquinas de lavar, aspira-

dores e frigoríficos aos três e quatro de cada vez».

Já Lenine tentou...

Esta fome de compras mostra o desespero de trocar por valores mais duráveis esse rublo de que todos desconfiam e que é um perigo ter como base das poupanças pois, de uma semana para a outra, a desvalorização e a inflação poderão reduzir a zero as economias de muitos anos.

Fala-se, aliás, da possibilidade de o Governo pôr em circulação moedas de ouro ou uma moeda com a respectiva cobertura em ouro, de modo a absorver a poupança excessiva. Não seria, no entanto, ideia nova.

Lenine introduziu, em 1922, o «tchervonet», cujo valor era garantido por ouro. Mas a experiência não foi feliz. O velho rublo morreu vítima de uma hiperinflação.

Agora, volta-se a pensar numa nova moeda, com o mesmo nome, mas neste caso como fase no caminho para a convertibilidade do rublo, em termos da sua livre submissão ao mercado internacional. O novo tchervonet teria a missão de circular como moeda internacional específica dos países social-

istas, de modo a permitir um desenvolvimento que, por sua vez, protegesse o rublo quando ele se tornasse plenamente convertível.

O elogio de Brejnev

Este excesso de poupança coincide com uma evolução que, aparentemente, deveria tê-lo impedido. A receita do Orçamento de Estado soviético constitui hoje 71,4 por cento do rendimento nacional bruto. Isto significa que os salários líquidos não correspondem a mais do que 28,6 por cento do rendimento nacional. Quer dizer, grosso modo, das suas oito horas de trabalho diário, o cidadão soviético fica com o valor de duas e paga as restantes seis ao Estado.

Em 1970, quando surgem os primeiros indícios de estagnação na economia, a receita do Estado soviético constituía 54 por cento do rendimento nacional bruto. Portanto, ia para o trabalhador o valor de cerca de metade das suas horas de trabalho.

Os chamados comunistas conservadores fazem o elogio dos tempos de Brejnev, com base na relativa justiça e na estabilidade então verificadas. O nível de vida era baixo mas podia contar-se

com a regularidade de abastecimento do pouco que havia e o sistema «funcionava» porque a corrupção estava integrada no aparelho do partido, obedecia a regras. A luta contra o regime que Brejnev deixou fez com que os velhos esquemas de abastecimento e corrupção sofressem uma quase completa desorganização, sendo substituídos por uma espécie de selva de economias paralelas, em que só a mafia e o «salve-se quem puder» dos cidadãos conhecem os caminhos.

Não aprenderam com a Lei Seca

Foram cometidos grandes erros, desde os máximos aos mínimos. Começando por estes últimos. Dois exemplos. Foi há há anos lançada uma campanha anti-alcoólica ou seja, portanto, anti-vodka. O alcoolismo, tal como a droga nos Estados Unidos, causava incalculáveis prejuízos na indústria, no aparelho de Estado, nos transportes.

Leonid Abalkin, de 60 anos, vice-primeiro-ministro soviético e braço direito de Gorbachev para as questões da economia, considera a subida de preço da vodka um «erro crucial», que só teve

efeitos negativos no orçamento estatal. O prof. Abel Aganbegyan é, desde Junho do ano passado, presidente da Comissão Estatal de Ministros para a Reforma Económica da União Soviética. Abalkin considera-se seu discípulo.

Ora para Aganbegyan, a subida do preço da vodka foi um «erro imperdoável», já detectável em 1988 (entrevista a «Sovetskaya Rossia», 88.07.27). Dessa medida resultou o quê? Disse Aganbegyan que resultou o aparecimento de uma tentacular indústria caseira de destilação de vodka, uma carência quase absoluta de açúcar no mercado e, para o Estado, uma perda de cerca de 10 mil milhões de rublos por ano. Os fantasmas da velha Mafia de Chicago e da Lei Seca terão rejubilado.

Secretário-Geral de uma mercearia

Outro erro, aparentemente menor, mas também denunciado pelo mestre de Abalkin.

Com a mentalidade de secretário-geral de uma mercearia, o Governo soviético decidiu mandar cortar, em segredo, as facilidades de «coupons» que dava aos milhares de seus funcionários

Hungria: investimentos ocidentais são a

Do nosso enviado especial

Após quatro décadas de uma economia centralizada, de modelo soviético, a Hungria prepara-se aceleradamente para pôr em prática um pacote de medidas legislativas destinadas a eliminar os últimos entraves à iniciativa privada, ainda vigentes. Decorrente das reformas em curso no país, esta opção corresponde a um sentimento profundo da generalidade dos húngaros, que nunca aceitaram de bom grado a imposição do comunismo. Com eleições gerais previstas para Março (que estabelecerão um regime democrático de tipo Ocidental) e aspirando à integração na CEE, a curto prazo, a Hungria está empenhada em sair da grave crise económica e financeira em que se encontra mergulhada.

Enquanto isto, Budapeste transformou-se num polo de atracção de empresários de vários quadrantes, decididos a apostar nas potencialidades do novo mercado consumidor.

Não sendo, no contexto dos países do Pacto de Varsóvia, das mais preocupantes, a economia húngara atravessa na realidade uma crise pro-

funda. Os responsáveis governamentais do sector têm plena consciência desta situação. Em vários debates dentro e fora do Governo, o problema foi escarpado, apontando-se sempre nas conclusões a abertura ao mercado livre como a única saída para as actuais dificuldades.

Com uma superfície e população idênticas às de Portugal, aquele país centro-europeu tem uma dívida externa da ordem dos 20 mil milhões de dólares e um défice anual da balança comercial estimado em mais de 1.500 milhões de dólares.

«Estamos em vésperas de um colapso económico e, sem o investimento estrangeiro, a derrocada seria inevitável», afirmou ao «DL» Jozsef Szaszi, chefe de redacção do diário «Magyar Hírlap», que se publica em Budapeste, e especialista em economia.

O Governo de Miklos Nemeth, disse, tem-se desdobrado em múltiplas iniciativas destinadas a atrair ao país o auxílio do Ocidente. Esse esforço tem ultimamente vindo a dar os seus frutos. Efectivamente, para além dos milhões oferecidos pelos Estados Unidos, há toda uma série de planos de auxílio da Comunidade Europeia, que totalizam cerca de mil mil-



A febre de consumo invade os húngaros. Na foto, uma montra com casacos de pele, no centro de Budapeste

hões de dólares.

Por outro lado, o Japão, durante a recente visita do primeiro-ministro Toshiki Kaifu a Budapeste, concedeu à Hungria um crédito de 500 milhões de dólares.

Estas injeções de capital, em princípio destinadas a proporcionar condições para a transição do regime monolítico para a democracia, não

serão de todo desinteressadas.

A penetração nesse mercado quase virgem é uma das molas propulsoras dessas acções de solidariedade, não só de europeus, norte-americanos, japoneses, como até de outros países, como o Brasil.

A corrida empresarial

As empresas norte-ameri-

canas, ultrapassado que foi o período da guerra fria, lançam-se na corrida aos mercados do Leste, em que o da Hungria se inclui. A General Electric tomou uma posição maioritária no capital da fábrica de lâmpadas húngara Tugsnam.

Segundo o presidente da empresa, Jack Welch, esses mercados são «mares inex-

plorados». A sua importância, face a uma Europa em que as diferenças entre Ocidente e Oriente tendem a esbater-se, torna-se cada vez mais decisiva na disputa do mercado mundial.

Uma outra empresa norte-americana, a U.S. West, anunciou igualmente um investimento de 10 milhões de dólares na Hungria, para a instalação de um sistema telefónico com tecnologia celular.

A indústria automobilística, com a Suzuki à cabeça, está em vias de expansão.

A empresa japonesa procede a negociações com as autoridades húngaras para a sua instalação em força no país.

Aliás a visita de Kaifu, para além do seu carácter solidário, de apoio à democracia nascente, visou essencialmente interesses de ordem económica, que se prendem com a expansão do império comercial japonês.

A posição portuguesa, em todo este processo, não só em relação à Hungria, como a todo o Leste, é a de, embora apoiando o amplo movimento de solidariedade, acautelar os interesses nacionais. Estes podem ser postos em risco, não só pela redução das verbas que em princípio seriam

ovérbio português, basta ir à
to encontrar a transparência
os nossos enviados especiais

ômico

em serviço no estrangeiro e que lhes permitia remeter, para a URSS, gordas encomendas postais, cheias de «coisas boas». Resultado: aumentou a pressão sobre o sistema de abastecimentos oficial, prosperou o contrabando.

Um exemplo de erro grande. Algumas empresas foram meio privatizadas. O Ministério responsável pelo ramo concedeu as instalações e os bens de equipamentos a grupos que se propuseram, com o apoio do Estado, a assumir a sua gestão, conservando-se o Estado como sócio. Caso M.V.Frunze Associação de Investigação e Produção, em Sumy.

Pelo contrato assinado, é o Estado quem determina os investimentos, de origem estatal, que a associação pode fazer; define as metas a atingir; confirma as encomendas do Estado e os respectivos pagamentos; assegura o fornecimento de matéria-primas; encarrega-se dos mecanismos de distribuição e comercialização, etc. E, depois, o que acontece?

Um produto várias vezes «produzido»

Resume-se a opinião de Vladimir Moskalkenko, vice-

director geral da associação.

O Estado determina metas de «output» a atingir, em termos de custos. Segue-se isto: o mesmo produto passa por várias unidades de produção e cada uma delas acrescenta a sua parte de custos sem que, muitas vezes, ao produto aconteça muito mais do que passar por essa unidade. Quer dizer: um mesmo produto serve para muitas unidades de produção o «produzirem», tendo cada uma individuais quotas para os custos. Quer dizer também que o custo final e real é enorme.

Quando se chega ao fim, as metas de «output» em termos de custo foram conseguidas por todas as unidades e o Plano alegremente cumprido, embora ainda possa acontecer que, na fase final, o produto vá ficar parado num armazém estatal que cumprirá, também, por sua vez, as metas que lhe impuseram. Só que o produto nunca mais chega ao mercado.

Nada de «profit-and-loss»

Os dirigentes da associação propuseram a adopção de um critério de «profit-and-loss» para a gestão, pretendendo libertar-se do regime de



salários fixos. O Ministério da Engenharia Química, de que a associação depende, opôs-se às duas propostas. Manteve uma relação rígida entre a subida de salários e a subida de produtividade e rejeitou todo o sistema de gestão que se baseasse essencialmente no «profit-and-loss». E se tivesse sido só isso...

Não foi alterado o sistema centralizado de fornecimento de matérias-primas e de equipamento. A consequência é a de as unidades de produção não poderem garantir datas de entrega dos seus produtos. Exemplo citado por Vladimir Moskalkenko: «Embora ultimamente o sistema tenha melhorado, o pior

caso que tivemos foi o de 1988. Apresentamos o nosso projecto de plano sobre as possibilidades de produção em Março e Abril. Em Junho, deram-nos os contratos para assinar e, então, apresentamos as nossas encomendas de matérias-primas, equipamento eléctrico, bombas, etc.

Os grandes Ministérios de Moscovo

«O fornecimento do que tínhamos pedido apareceu em Agosto e, depois, em Dezembro, chegaram mais fornecimentos, que alguém decidira acrescentar aos outros, como se desde Março-Abril tivéssemos esta unidade de

produção parada, para só atingir as suas metas durante um único mês, o de Dezembro. Claro que não atingimos as metas. Só por outras maneiras conseguimos manter os nossos operários em plena produção».

Assustados perante o gigantismo da tarefa de presidir à transição entre um sistema de economia rigidamente planificado e burocratizado e uma livre economia de mercado, os homens da perestroika, juntamente com os conservadores do sistema, parecem estar a empurrar a URSS para a situação de um hermafrodita económico.

As cooperativas e as empresas privadas trabalhariam

para os grandes ministérios de Moscovo, deles dependendo para a compra de matérias-primas, para a fixação dos critérios de gestão, para a distribuição e para a comercialização dos seus produtos.

Por este modo, esta estranha economia de mercado fica amputada das suas liberdades essenciais e relativas à escolha das fontes de abastecimento, ao estabelecimento dos critérios de gestão, aos reinvestimentos e à flexibilidade da produção de acordo com os mercados prospectados.

Paulo David

cont. na página 22

a luz ao fundo do túnel

destinadas ao nosso país pela Comunidade, como também pela concorrência inevitável dos novos mercados.

Os obstáculos da moeda

Não obstante a reconversão das regras do jogo económico na Hungria, várias entidades ligadas ao sector, com quem conversámos em Budapeste, são unânimes em considerar que subsistirá um obstáculo importante, relacionado com a inconvertibilidade do forint. Esta circunstância impede as empresas de retirar do país os seus lucros, obrigando-as a recorrer a expedientes engenhosos para obviar a este inconveniente.

Mas a velocidade com que as reformas têm vindo a registar-se no país leva a crer que tais dificuldades venham a ser superadas a curto prazo.

As autoridades húngaras atribuem grande parte das

suas dificuldades económicas ao estreito relacionamento comercial com os restantes países do Pacto de Varsóvia, e sobretudo com a URSS. Numa primeira iniciativa, com vista a diminuir essa asfixiante interdependência, proibiram recentemente as empresas magiares de exportar mercadorias em rublos, a moeda de troca nos países do Comecon.

Esta medida deve-se ao facto de o rublo, inconvertível, poder apenas ser usado nos países de Leste. Acontece que o superavit comercial com esses países, segundo o executivo húngaro, «não tem interesse» na medida em que não oferece condições para o fornecimento de bens complementares necessários ao país.

Mas, com 10 milhões de habitantes, a Hungria é um mercado tentador, com o aliciante adicional da mão-de-obra experiente e salários baixos (a média é entre os 20

e 25 mil escudos). Estes números, como é sabido, contrastam de forma chocante com as remunerações médias praticadas nos países da Europa Ocidental.

De referir que a Hungria (com apenas 40 mil desempregados), juntamente com a Checoslováquia, foi dos primeiros países europeus a industrializar-se, conservando ainda vestígios da estrutura empresarial anterior ao comunismo.

O papel dos emigrantes

Para Szaszi, as várias centenas de milhares de emigrantes húngaros «estão também a desempenhar um papel muito importante» no relançamento económico do país.

Muitos desses emigrantes, afirmou, «são ricos» e têm vindo a manifestar a disposição de ajudar a democracia, havendo já um número

considerável deles a comprar acções de várias empresas nacionais. Outros estão até na disposição de regressar ao país.

Na opinião do jornalista húngaro, os nacionais fugidos do país após a instauração do comunismo são os que têm manifestado maior empenho no processo de reformas em curso.

De referir que, só nos Estados Unidos, o número de imigrantes húngaros eleva-se a mais de um milhão.

Consumo excessivo

A população húngara despende anualmente, em divisas, cerca de milhão e meio de dólares na compra de automóveis e electrodomésticos do Ocidente.

Para se ter uma ideia exacta desta situação, basta referir que diariamente são comprados na Hungria cerca de 300 viaturas automóveis

ocidentais, sobretudo por consumirem menos combustível e terem um design mais atraente.

Ainda segundo Jozsef Szaszi, os húngaros não têm hábitos de poupança. «Gastam tudo o que ganham».

Os recentes aumentos, que provocaram protestos, foram feitos a conselho do FMI e visaram restringir a escalada consumista, agravada com a inundação de produtos ocidentais.

Ainda no que se refere às condições de vida, há a registar o facto de cerca de oitenta por cento da população ter habitação própria, embora uma parte considerável do património imobiliário nacional se encontre degradado.

No entanto o problema habitacional na Hungria assume uma certa acuidade, na medida em que a construção anual de uma média de 80 mil fogos está longe de satisfazer as necessidades. O

problema é agravado pelos elevados custos de produção, que não permitem a venda das casas com lucro.

Em Budapeste, por exemplo, as carências habitacionais fazem com que, quando surgem alguns apartamentos para alugar, a renda seja da ordem dos 100 contos para duas simples assoalhadas. É por demais óbvio que essas casas são completamente inacessíveis à maioria.

Mas a alimentação, transportes públicos, água, gás e electricidade são por enquanto a preços baixos (controlados), o que permite ao visitante ficar com a impressão de que a vida na Hungria é muito barata.

Outros benefícios relevantes para a população são a educação e os serviços de saúde gratuitos, bem como o direito a uma pensão de terceira idade equivalente a 12 mil escudos.

Jorge Ferreira



Auto Monumental do Automóvel
S.A.



CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

Economias do Leste em «strip-tease»

O que conta para a Economia polaca é, doravante, o conjunto da «capacidade, o conhecimento, talento, mãos eficazes e disposição para o trabalho», segundo o vice-primeiro-ministro Leszek Balcerowicz

A Polónia vai ter um código de falências

Do nosso enviado especial

Depois de 123 anos de guerras várias, de 45 sem desemprego e de séculos em que o trabalho foi impopular, a Polónia troca as espadas das estátuas pelos ouros das cartas do FMI. Que impõem um código de falências.

Ao ouvir declarações semelhantes às de Balcerowicz, proferidas numa conferência de Imprensa dada por Lech Walesa e o próprio primeiro-ministro Tadeusz Mazowiecki, quando o líder do Solidariedade regressou com os milhões do Ocidente depois de ter deixado a promessa do reembolso da dívida externa, Marek Kwiatkowski começou a barafustar.

Polaco de nascimento e cidadão francês por opção, Marek representa na Polónia uma empresa da pátria adoptiva, do ramo da pintura à pistola e da metalização. Tem interesses noutra firma, com contratos firmados com os estaleiros de Gdynia.

Na sua maneira de ver, «o necessário é dizer aos polacos que, amanhã, poderão ter sérias dúvidas sobre se estão ao lado ou atrás da Albânia».

Neste aspecto, não desmente a mentalidade catastrofista de um país cujo hino

nacional, a «Marcha Dabrowski», de Józef Wybicki, se intitula «Ainda não está perdida a Polónia».

Águia branca e elefantes brancos

Reconhece que, no tempo dos comunistas, as empresas privadas viviam acamadas sob um cobertor demasiado duro, o do Estado. Mas também reconhece que este Governo dominado pelo Solidariedade nada fez para diminuir o fosso entre as empresas do Estado e as privadas, quando duplicou os salários naquelas, «sem dizer água vai» a estas, sendo do conhecimento geral a quebra entre 30 a 70 por cento da facturação dos «elefantes brancos» herdadas da economia planificada.

Quando ouve falar na revolução a ser operada no ano de 1990, repete que «os polacos não estão preparados para as mudanças, apesar de dizerem que estão de acordo com todas. Todos acham que é necessária a existência de desemprego, mas ninguém considerava prescindível o seu posto de trabalho».

Assim, o primeiro-ministro Mazowiecki «herdou a porcaria anterior e quis ganhar a calma. Continuou a aumentar os salários. Hoje, porém, os operários perguntam o que é isso de fazer sacrifícios. Conhecemos bem, sei que não gostam de trabalhar, chegam tarde ao emprego e saem a

correr às quatro da tarde, como um tornado».

Ora a carta de intenções dirigida ao administrador Michel Camdessus, do FMI, prevê expressamente o corte nos salários e novas leis laborais.

Como dizia ao «DL» o porta-voz do Grupo Parlamentar do Solidariedade, Jacek Zakowski, «a nossa crise económica é sobretudo uma crise de trabalho. As pessoas não podem ir para o emprego apenas para garantir o seu lugar, as fábricas têm que se modernizar e há que cortar com os hábitos organizativos do século passado».

Mas o Solidariedade não nasceu da luta contra coisas assim, lançada por Gierek?

A resposta de Jacek é sibilar. Não teme novas erupções de cólera popular, e cita Walesa: «Quando o barco se afunda, o que o sindicato deve pedir não é mais dinheiro ou pleno emprego, mas sim que o barco volte a flutuar». Vinda a metáfora de um operário dos estaleiros de Gdansk, a afirmação adquire foros de verdade. Mas ninguém duvida, apesar de todo o optimismo, que as relações entre o Solidariedade/partido político e o Solidariedade/sindicato histórico já não eram boas há uns meses e vão degradar-se de forma acelerada.

Suicídio bancário

O empresário Marek Kwiatkowski acha que «nesta Economia, todos têm dívidas e créditos no papel, porque ninguém consegue cobrar ou pagar por falta geral de dinheiro». As grandes empresas, as do Estado, «vão buscar o dinheiro que necessitam ao mesmo Banco Central que corta os créditos às firmas privadas».

Ora o cumprimento dos votos consignados na carta de intenções inclui, com a assinatura do respectivo Governador, o suicídio desta

instituição pouco bem vista pelos empresários e pelo público, uma vez que congelou os depósitos da população durante o tempo que se seguiu ao golpe de estado de Jaruzelski.

A desconfiança no sistema bancário levou um jornal francês a noticiar que os pés-de-meia e colchões dos camponeses polacos ascendia a mais de seis mil milhões de dólares.

«Só?», pergunta por seu turno Michal Radlicki, membro do gabinete de apoio do Grupo Parlamentar do Solidariedade. E explica que naquele banco não iriam jamais confiar os camponeses polacos, confirmando, por outro lado, que a desvalorização galopante da moeda nacional, o zloty, já tinha levado este importante sector da população (à volta de 38 por cento do total de habitantes) a abandonar mantimentos.

Culpa sobretudo o SPOLEM, o sistema estadual que tudo distribui em todo o país, de pagar mal a quem produz e ao mesmo tempo vender caras as alfaias, os adubos, as sementes, etc.

Faz notar, entretanto, que apenas cerca de um quarto da área agrícola da Polónia

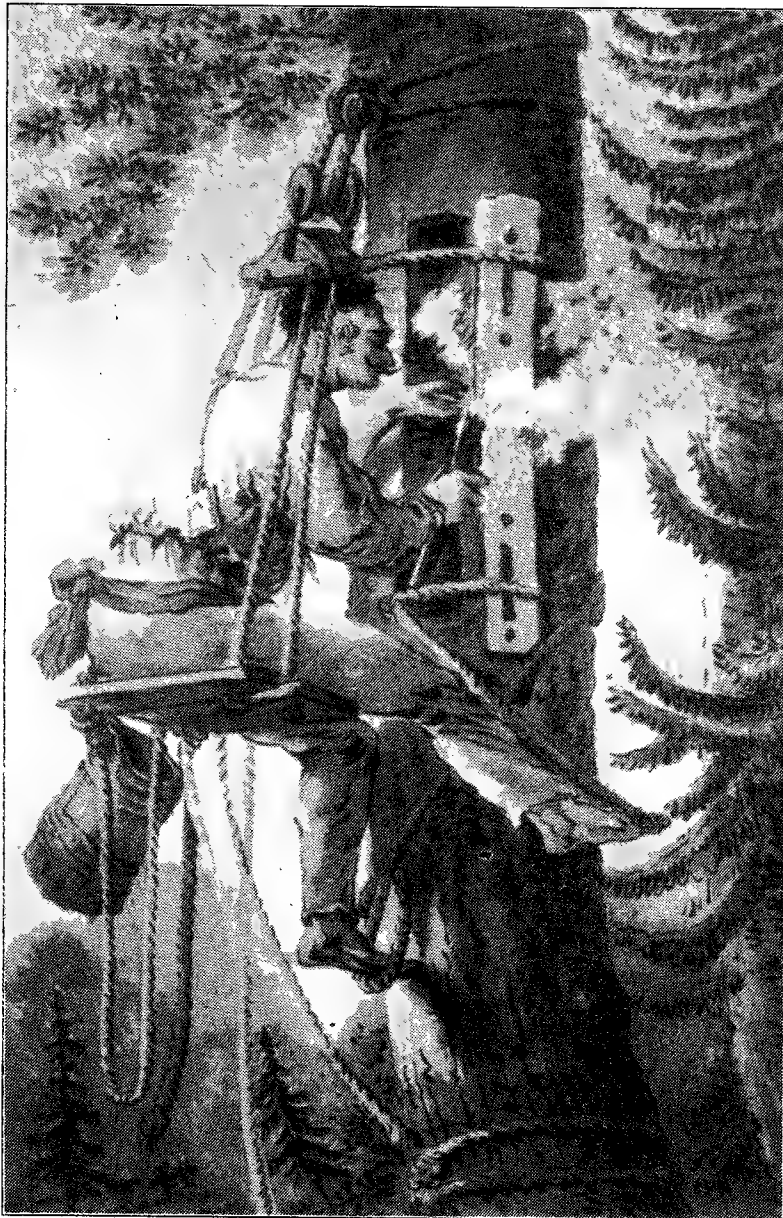
pertence a unidades colectivas organizadas à imagem e semelhança dos «kolkhoses» e «sovkhoses», porque «aqui, ao contrário do que aconteceu na Hungria, por exemplo, eles nunca conseguiram a colectivização geral da agricultura».

Com um comércio neste estado, uma agricultura que necessita que os japoneses

financiem a transferência de alimentos para a Polónia dos excedentes húngaros, a Polónia conta agora com uma carta de intenções que prevê «a simplificação dos processos de falência, particularmente indispensáveis para os credores».

Significativo.

João Isidro



Tirar mel com fumo de protecção de um cortiço no alto de uma árvore, pensando por cordas. A gravura de Jan Piotr Norblin (1745-1830) retrata hoje a tarefa do primeiro-ministro Tadeusz Mazowiecki com a inflação a mais de mil por cento

Sem sonsice com FMI

Introduzam dez por cento de sonzice inglesa no carácter polaco, tão franco, tão aberto; e a generosa águia branca reinaria hoje por toda a parte onde se introduz a águia de duas cabeças. Um pouco de maquiavelismo teria impedido a Polónia de salvar a Áustria que a partilhava, de contrair um empréstimo com a Prússia, sua usurária, que a minou, e de se dividir no momento da sua primeira partilha. No baptismo da Polónia, uma fada Carabosse esquecida pelos génios que dotaram essa nação sedutora das mais brilhantes qualidades apareceu, sem dúvida, para lhe dizer: «Guarda todos os dons com que as minhas irmãs te cumularam, mas nunca saberás o que queres».

A citação é de Balzac, em «A Prima Bette», e tanto poderia ilustrar a crónica económica da Polónia. Grande e outra andaram sempre ligadas, dos discursos e das declarações de guerra até aos romances rosa com nobres polacos arruinados, vítimas das paixões pelas mulheres, pela vodka, pela pátria e pela doce vida,



Marek Kwiatkowski, empresário: «Nesta economia, todos têm dívidas»

ou todas ao mesmo tempo, de preferência. As duas cabeças da águia czarista pouco mais duraram, de resto.

Com o FMI de permeio, queixa-se o industrial Marek Kwiatkowski: «No fim de Janeiro, posso não ter dinheiro para pagar os salários. Penso que o FMI está mais interessado na operação inédita que no estado do doente. Saia ou não cadáver, terão feito a experiência».

A URSS é um hermafrodita económico

cont. da pág. 21

«Fascinante»

Observador diplomático ocidental em Moscovo: «A URSS é, quanto à economia, um colossal gigante com três não menos colossais calcanhares de Aquiles: a agricultura, a carência de indústria ligeira e a desorganização da produção e da distribuição. E depois de tantos mais um monte de outros calcanhares de Aquiles, é tudo pés de barro e tendões frágeis, sobretudo se tivermos em conta a

dimensão gigantesca do país.

«Faltam estradas em quilómetros suficientes e com condições para suportarem extremos de calor caucasiano e de frio siberiano; as linhas ferroviárias são escassas e não adequadamente ramificadas e também ainda estão por nascer as necessárias frotas rodoviárias e ferroviárias capazes de fazerem circular por toda a União Soviética enormes fluxos de matérias-primas, de produtos manufacturados, de serviços e de mão-de-obra, o riquíssimo

sangue que este país tem mas cuja circulação ainda não soube organizar.

«É certo que desenvolveram uma razoável rede de aeroportos e uma também razoável rede de transporte aéreo. O avião Antonov AN-124 é um colosso que transporta à-vontade 150 toneladas de carga mas que, na sua viagem inaugural, há dois anos, levou nos porões carga da Europa para o Japão, pois o custo do transporte era demasiado elevado para a economia interna soviética».

E o que pensa ou sente esse diplomata ocidental sobre viver em Moscovo: «Isto aqui tem vários inconvenientes: o sistema ainda está muito fechado; o clima é violento nos calores e nos frios; irrita a escassez de abastecimentos e etc., etc. Mas viver aqui tem uma grande qualidade: é fascinante observar de perto tudo o que se passa em nossa volta e que é um processo histórico de alcance mundial e curso acelerado».

Paulo David

QUOTIDIANO

Chuva e vento vão continuar

O mau tempo volta a afectar o país. Há portos fechados, o mar galga as zonas ribeirinhas e o trânsito processa-se com dificuldade. Os aeroportos, no entanto, continuam a funcionar normalmente. Mas, segundo as previsões do Instituto de Meteorologia, o mau tempo vai continuar, pelo menos até amanhã, devendo registar-se uma diminuição da intensidade do vento, durante a tarde de hoje. Contudo, o INMG indica que as chuvas continuaram a fustigar o país e que a intensidade do vento sofrerá, de novo, um agravamento a partir da tarde de amanhã.

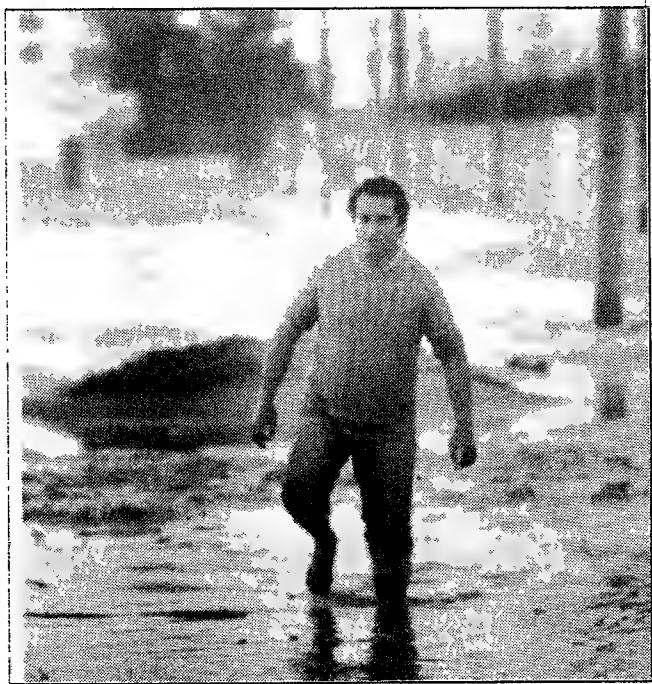
Hoje, na marginal de Cascais, o mar ultrapassou a barreira protectora inundando algumas zonas. Foi o caso da área junto à curva do Mónaco, em que chegou mesmo a lançar pedras para a estrada, o que dificultou o trânsito na marginal.

Segundo informações da Brigada de Trânsito da GNR, o tráfego, esta manhã, na Ponte 25 de Abril processou-se com



Na ilha de Faro, um habitante em dificuldades em plena estrada

dificuldade, devido ao mau tempo. No entanto, não se prevê o fecho desta via.



A Ilha de Faro foi muito fustigada pelo mau tempo

Os portos a norte do rio Mondego também se encontram encerrados à navegação. É o caso das barras de Caminha, Viana do Castelo, Póvoa de Varzim, Vila do Conde, Leixões, Aveiro e Figueira da Foz.

Em Sines, seis petroleiros estão ao largo do porto, aguardando condições de tempo para acostar ao molhe. Os barcos de pesca estão recolhidos, impedidos de sair pelas más condições atmosféricas.

No Algarve, vagas, com mais de seis metros de altura, galgaram, esta madrugada, a Ilha de Faro, provocando prejuízos materiais em estabelecimentos e residências. As ondas passaram as barreiras naturais em vários pontos da ilha, levando atrás de si areias e destroços variados que se depositaram junto às casas e à estrada.

O asfalto ficou, assim, intransitável para a parte nas-

cente da Ilha de Faro. O muro da vedação do parque de campismo também foi destruído.

Até à hora do fecho da nossa edição não se tinha conhecimento de situações de perigo para os residentes. No entanto, soube-se que proprietários e residentes da zona algarvia estavam já a gerar um movimento de pressão no sentido de se encontrarem soluções técnicas que impeçam o avanço do mar sobre as zonas ribeirinhas.

A grande preocupação é se o muro de suporte das areias das dunas, na Ilha de Faro, irá resistir à próxima maré cheia, a verificar-se na tarde de hoje e que, na opinião dos pescadores, será ainda mais alta.

Ainda segundo os pescadores, a tempestade, que tem origem no mar dos Açores, é a maior registada na costa algarvia, desde o ciclone de 1969.

B R E V E S

Maré negra menos crítica na Madeira

As manchas de crude a sul da Ilha da Madeira encontram-se muito espalhadas, entre as seis e as 35 milhas, que devido à sua dispersão cobrem áreas bastante largas, informou uma fonte da Marinha.

A mancha mais concentrada foi localizada a cerca de duas milhas da Ponta de São Lourenço, enquanto nas Costas Norte e Nordeste o crude já saíu todo devido à rebentação forte das ondas.

Na zona Sul, quase não há poluição e apenas na Ponta do Sol se verifica alguma concentração, em pequenas quantidades e com tendência para desaparecer, disse a mesma fonte.

Vítimas do cloro em Constância livres de perigo

Os dez sinistrados do rebentamento de uma válvula de ar do camião-tanque da Companhia de Celulose Caima, em Constância, tiveram alta do Hospital de Abrantes ontem pelas 13 horas, já com as vias respiratórias em estado normal mas com conjuntivites ligeiras, informou o médico, dr. Luís Fernandes.

As vítimas, nove empregados da empresa e um bombeiro, tiveram de receber oxigénio a 100 por cento e fazer lavagem aos olhos.

As causas do acidente, que libertou 1 tonelada de cloro para a atmosfera, ainda não foram determinadas, apontando algumas versões para falha humana e outras para deficiência de material.

Vírus mata coelhas nos Açores

Um vírus detectado pela primeira vez na China há seis anos é a causa da elevada mortalidade que se regista no efectivo de coelhas bravas dos Açores, disse um técnico regional.

A doença chegada à Europa em 1988, começou por afectar as coelhas bravas da Ilha do Faial, mas já causou danos, na espécie, nas ilhas do Pico, Graciosa, S. Jorge, Terceira e S. Miguel.

Conselho de Imprensa condena «Tempo»

O Conselho de Imprensa condenou a atitude do jornal «Tempo» por publicar um texto do jornalista Vasco Fernandes, da Agência Lusa, abusivamente assinado por uma colaboradora daquele semanário.

O «Tempo» é obrigado a publicar, no prazo de uma semana, sem quaisquer comentários, a decisão do Conselho de Imprensa, que será ainda objecto de comunicado a emitir pelo Conselho.

Remodelado o Instituto Geográfico e Cadastral

«Gerir tudo o que tem a ver com a terra é o objectivo da comissão de reestruturação do Instituto Geográfico e Cadastral», afirmou o ministro Valente e Oliveira ao empossar ontem os membros daquela comissão.

A «actualização tardou em vir» admitiu o ministro, adiantando que o IGC, criado em 1926, tem apenas registados 15,7 por cento dos prédios rústicos do continente.

Câmara adia cobrança de taxas sobre anúncios luminosos

A Câmara Municipal de Lisboa adiou para o mês Abril a cobrança da taxa de Fevereiro sobre anúncios luminosos, a qual já tinha sido aumentada em Outubro.

Na primeira reunião da nova edilidade alfacinha, Jorge Sampaio prometeu dialogar com os representantes dos comerciantes lisboetas, que receberam com «profundo desagrado» os aumentos.

Afirmam mesmo estar dispostos a mandar retirar os referidos anúncios luminosos e deixar Lisboa mais escura. Isto, se a tal disposição camarária sobre o aumento das taxas, que em certos casos ultrapassam os 5000 por cento, não for revista.

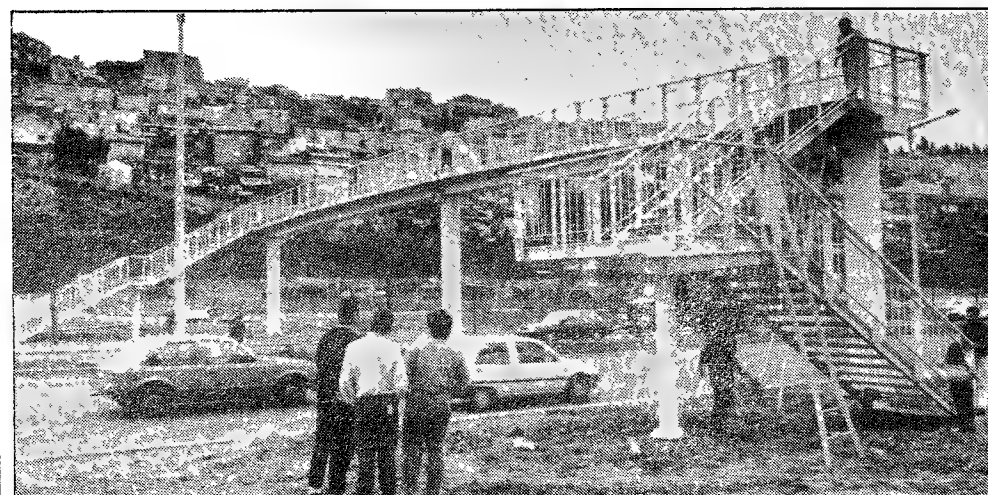
Contudo, a Câmara refere, em comunicado divulgado, que «este aumento foi proposto em reunião de câmara e decidido em Assembleia

Municipal entre Junho e Julho de 1989, não tendo na altura suscitado reparos de ninguém».

Ainda segundo este documento «os avisos para pagamento, que normalmente são expedidos em Dezembro, só em Janeiro foram enviados aos contribuintes».

Para a CML, «o aumento extraordinário desta taxa visou situar em níveis significativos valores que, na prática, não tinham expressão económica e não cobriam sequer os encargos administrativos e de cobrança».

O comunicado conclui pelo «diálogo franco e responsável com todas as partes envolvidas», sublinhando que «a Câmara tudo fará para que se chegue a uma solução satisfatória e de salvaguarda de todos os interesses em jogo».



Peões a salvo Desde ontem acabaram-se as tormentas para atravessar a Avenida de Ceuta, em Lisboa. Com efeito, foi ali montada, junto ao cruzamento com a Rua do Arco do Carvalho, uma passagem superior com 32 metros de comprimento, que começou a ser utilizada ao fim da tarde

Peneda promete melhores salários

O ministro Silva Peneda confirmou ontem, perante uma delegação da CGTP com quem esteve reunido, a disponibilidade do Governo, já anunciada pelo Primeiro-Ministro, de que 1990 seja um ano de melhores salários. A central sindical espera agora que, nas próximas semanas, essa boa vontade se concretize na prática.

Segundo Carvalho da Silva, que chefiava a delegação da Intersindical, «não houve resultados palpáveis, a reunião serviu para colocarmos em cima da mesa as nossas reivindicações».

Três pontos essenciais foram levantados pelo líder da central perante o ministro do Emprego e Segurança Social: «a necessidade do Governo assumir toda a sua responsabilidade e contribuir para desbloquear os conflitos laborais existentes», a importância de uma política de âmbito social, com medidas

que permitam um «crescimento efectivo dos salários e das prestações da Segurança Social».

O respeito pelos direitos dos trabalhadores foi a terceira reivindicação apresentada pela CGTP.

Da reunião a central sindical saiu na «expectativa»: «Não bastam posições de princípio. É preciso ver nas próximas semanas alguma resposta concreta», afirmou Carvalho da Silva, acrescentando:

«Estamos numa fase importante da contratação colectiva e é agora que o Governo tem que responder a algumas questões e tomar decisões, senão a conflitualidade social pode agravar-se».

O ministro Silva Peneda recusou-se a falar aos órgãos de Comunicação Social, não sendo sequer visto, e contrariando a fase de abertura e diálogo anunciada pelo Primeiro-Ministro.

Estivadores em alvoroço

Indemnizados com cheques sem cobertura, os cerca de 1200 trabalhadores aguardam que o Governo cumpra a promessa de cobrir o respectivo pagamento

Cheques sem cobertura no valor global de quatro milhões de contos foram passados pelo Instituto do Trabalho Portuário (ITP) a cerca de 1200 trabalhadores portuários, considerados excedentários, como indemnização pelo seu afastamento do sector. Tal facto deve-se ao não cumprimento do acordo entre o Governo, sindicatos portuários e associações de empregadores. Estes últimos, representados pela ANEE (Associação Nacional das Empresas Portuárias), não entregaram até ao momento os quatro milhões de contos acordados como indemnização aos trabalhadores afastados. A situação está em vias de resolução, como garantiu ao DL João Lopes da Silva, presidente do ITP. À hora a que encerramos esta edição, os trabalhadores continuavam, no entanto, concentrados à frente das instalações do Instituto. Nesta altura, está a ser negociado um empréstimo bancário com vista a ultrapassar a situação.

Ao todo, são, como dissemos, 1 200 trabalhadores portuários credores de três

mil duzentos e cinquenta contos cada um, acordados quando do seu licenciamento do sector negociado com o Estado. Desesperados e um tanto indignados, agora, com a má-fé do patronato, que não cumprindo o prometido, lhes passou a todos cheques sem cobertura, os estivadores ameaçam paralisar os portos de Lisboa e Leixões, caso não seja feita justiça.

O processo de reforma antecipada dos estivadores teve início em 87 e conseguiu, na altura, o acordo dos sindicatos, da associação das empresas portuárias e do Estado, tendo-se então todas as partes envolvidas congratulado com o decorrer das negociações. Os trabalhadores que devido à evolução tecnológica foram considerados excedentários do sector teriam direito, a par de uma reforma antecipada, a dez anos de bonificação e a três mil e duzentos contos, cada um, do fundo de reforma e da Segurança Social. Quatro milhões de contos, em números redondos, foi quanto a ANEE se comprometeu a pagar aos cerca de 1 200 tra-



Estivadores do porto de Lisboa explicam ao DL a situação angustiante que agora vivem

balhadores como prémio de desvinculação do sector portuário e que lhes chegou às mãos sob a forma de cheques «carecas».

Uma segunda Dona Branca

Muitos deles falam já de uma «segunda Dona Branca» mas todos estão convictos de que o Governo irá tomar medidas, mais cedo ou mais tarde. Caso contrário, a situação pode vir a complicar-se e a tomar-se ainda mais incómoda pois os estivadores estão decididos a ir até às últimas consequências. O encerramento dos portos de Lisboa e Leixões, como manifestação de solidariedade para com os companheiros de trabalho lesados, desenha-se já no horizonte.

Carlos Guerreiro, um dos trabalhadores que desde a primeira hora se concentrou frente ao Instituto de Trabalho Portuário para exigir a bonificação a que tem direito, garantiu que o «Governo cumpriu, com lisura, os compromissos assumidos no processo de licenciamento e

não acredito que nos vire as costas». Quanto ao patronato, as queixas não têm fim e os trabalhadores, «que negociaram de mãos abertas, confrontam-se com uma situação pouco transparente. Sempre falharam, é verdade mas, desta forma, não se admite», refere.

Quase todos investiram parte da quantia que esperavam receber a partir do fim do mês. Agora, os credores ameaçam bater-lhes à porta e eles exigem uma solução que lhes garanta a liquidação das dívidas entretanto acumuladas. Casos dramáticos, muitos deles, que esperam pacientemente o desbloquear dos 4 milhões de contos que a ANEE devia ter pago. Para já, vive-se uma situação de impasse apesar de dirigentes sindicais, representantes dos bancos de Portugal e Espírito Santo e o presidente do ITP terem estado, desde há dois dias, em constantes reuniões com o secretário de Estado dos Transportes Exteriores a fim de tentarem repôr a normalidade.



Este cheque não vale nada

B R E V E S

Universidade de Coimbra elegerá hoje reitor

Três candidatos concorrem hoje à eleição do reitor da Universidade de Coimbra. Rui Alarcão, com sete anos de mandato, representa a continuidade de uma linha de acção. Contra ele disputam o cargo Teixeira Dias e Ribeiro Gomes, que levantaram a bandeira da alternativa.

Encapuçados assaltam banco em Setúbal

Dois indivíduos de cerca de 25 anos, munidos de pistolas, assaltaram às 9 horas da manhã de hoje a dependência de Setúbal do Crédito Predial Português. Segundo o responsável pela segurança, deverá ter sido furtada uma quantia entre 1500 e 1800 contos.

O assalto verificou-se quando no banco se encontravam 15 clientes. Os dois indivíduos encapuçados não molestaram ninguém, ficando um à porta e o outro a recolher o dinheiro das caixas.

«Somente um funcionário que estava ao telefone foi ameaçado para se despachar, mas não lhe fizeram mal, saindo em seguida», disse o referido responsável.

Gerência da CP admite

Greve dos maquinistas continua a levar à supressão de comboios

As greves parciais dos maquinistas da CP, ontem iniciadas e que se prolongarão até às 24 horas do dia 9, levaram já à supressão de comboios de mercadorias, regionais e inter-regionais, estando a restante circulação a fazer-se «conforme o previsto para as condições de paralisação», admitiu a própria empresa, através do director de Relações Públicas, Américo Ramalho. O

Sindicato dos Maquinistas acrescenta que também foram suprimidos os «curtos» do Cacém, Amadora e Queluz, na linha de Sintra.

A estrutura sindical lembra só que nesta «segunda ronda» de paralisações parciais os seus associados continuam a responder com uma adesão de 100 por cento.

Segundo Castelo Lopes, presidente do sindicato, realiza-se sexta-feira um plenário de dirigentes e delegados sindicais para decidir «o prosseguimento e agravamento da luta» face «à posição de total inflexibilidade da gerência da CP».

«Vamos analisar a situação ao longo da greve, e um seu eventual levantamento poderá ocorrer se houver novidades resultante de um desbloqueamento através de negociações», afirmou António Medeiros, também

dirigente da estrutura.

Segundo o mesmo sindicalista, a CP «já tinha resolvido a questão salarial com os dinheiros desviados para o pagamento dos autocarros alternativos».

Mas as acusações são mútuas, e ainda ontem foi a vez do Conselho de Gerência da CP afirmar que o Sindicato dos Maquinistas «não compreende que a greve cause transtornos a passageiros e clientes e provoca perdas de clientela à empresa». O sindicato devolveu-lhe as acusações de intransigência e a responsabilidade pelos prejuízos causados.

Em comunicado, o Conselho de Gerência da CP afirma que na reunião de sexta-feira o Sindicato dos Maquinistas fez reivindicações que, alargadas a todos os trabalhadores, significariam um encargo suplementar de 2,1 milhões de contos por ano, ou seja, mais seis por cento, acusando a estrutura de exigir condições mais vantajosas do que as negociadas com outros sindicatos.

A perspectiva sindical é diferente. A referida reunião foi «uma farsa» para «dar a entender que a empresa não tinha cortado o diálogo», afirmou Vargas Ramos, justificando as suas afirmações no facto da empresa ter delegado a sua representação num director e num consultor, para além do abandono da reunião, «de forma indelicada», do presidente.

Segundo o mesmo sindicalista, a empresa faz depender uma das suas reivindicações, a aplicação das pré-reformas, para a qual tem autorização da tutela, da assinatura do sindicato do acordo para 1990.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 11.º JUÍZO P. 6981 ANÚNCIO

O DOUTOR JOÃO ALFREDO DINIZ NUNES, Meretíssimo Juiz de Direito do 11.º Juízo Cível de Lisboa.

Faz saber que na acção com processo Ordinária, pendente na 1.ª Secção da Secretaria desta comarca movida por António José Caetano Santos e Filomena da Conceição Alberto de Figueiredo Machado, contra JOAQUIM DUARTE ALVES PAIÕES e mulher D. Júlia da Conceição Oliveira Paiões, e outros, com última residência conhecida na Rua Álvaro de Santa Rita Vaz, n.º 4, 3.º Esquerdo, em Lisboa, são estes réus citados para contestar apresentando a sua defesa no prazo de vinte dias, que começa a correr depois de finda a dilação de trinta dias, contada da data da segunda e última publicação do anúncio, com a advertência de que a falta de contestação importa a confissão dos factos articulados pelos Autores, ou seja deve ser declarada a nulidade do negócio jurídico titulado pela escritura de 11 de Janeiro de 1995, com as legais consequências, conforme tudo melhor consta do duplicado da petição inicial que se encontra nesta secretaria à disposição dos réus citados. Lisboa, 15 de Janeiro de 1990.

O Juiz de Direito, João Alfredo Diniz Nunes A escrivã adjunta, Maria José Oliveira Crespo de Jesus

«DL» 31/1/90 - 2.º Pub.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA 1.º JUÍZO ANÚNCIO

A DOUTORA MARIA ALEXANDRINA DE ALMEIDA BRANQUINHO FERREIRA, JUIZ DE DIREITO DO PRIMEIRO JUÍZO E SEGUNDA SECÇÃO DESTA TRIBUNAL.

FAZ SABER QUE pela segunda secção e primeiro juízo correem seus termos pela segunda secção e primeiro juízo sob o n.º 993/89 em que é autora Lina Marília Sousa Matias Rodrigues, residência na Rua Amílcar Cabral, n.º 9 - R/c - G, em Lisboa e Réu JOSÉ CARLOS DIAS PACHECO que teve a sua última residência conhecida na Quinta do Lambert - Rua Amílcar Cabral - Lote 4, em Lisboa, é o RÉU CITADO para no prazo de OITO DIAS, contados da segunda e última publicação do respectivo anúncio, contestar a acção acima referenciada sob pena de não o fazendo ser condenado no pedido e cujo duplicado se encontra à ordem do Réu na respectiva secção de processos.

Lisboa, 5 de Dezembro de 1989.

A JUIZ DE DIREITO, Dr.ª M.ª Alexandrina de Almeida B. Ferreira Pel'º ESCRIVÃO, Ludgero Bernardes

«DL» 31-1 - 2.º Pub.

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção n.º 81 764, para: «PROCESSO PARA A TRANSMISSÃO DE NÚMEROS SEQUENCIAIS DE PACOTES DE INFORMAÇÃO NUM SISTEMA DE TRANSMISSÃO DE PACOTES DE DADOS». Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LDA. Patentes e Marcas Rua Castilho, 201 - 3.º - Esq.º 1000 LISBOA Telef. 651339-654613-692815

QUOTIDIANO



Torres Couto

Leque amplo de assuntos na mesa

Centrais sindicais e patrões acertam no diálogo

Encontrar soluções para os anseios dos trabalhadores foi um dos objectivos que, segundo o secretário-geral da CGTP-IN, Carvalho da Silva, esteve presente na reunião, efectuada ontem, entre as confederações de empregadores e as duas centrais sindicais.

A necessidade de aumentar os salários em 1990, de melhorar a segurança social, a produtividade e o diálogo entre os intervenientes na economia portuguesa foram algumas das conclusões saídas desta reunião bilateral.

Para o presidente da Confederação da Indústria Portuguesa, Ferraz da Costa, este encontro teve como objectivo a apresentação às duas centrais de um conjunto de propostas. Ferraz da Costa defendeu que, associados a aumentos salariais, devem

estar, além de um aumento de produtividade, a moralização do trabalho.

No campo sindical, a estratégia para este primeiro encontro entre representantes dos trabalhadores e das confederações patronais (CIP, CAP, e CCP, agora agrupados no CNEP) sem a participação do Governo foi definida antetontem entre as duas centrais sindicais, numa reunião que decorreu no âmbito do CPSC.

Em declarações ao «DL», anunciadas na primeira página da nossa edição de ontem, mas não publicadas por erro técnico, de que pedimos desculpa aos nossos leitores, Torres Couto, falando em linguagem futebolística afirmou que CGTP e UGT continuavam a ser organizações distintas, como o Benfica e o Sporting, mas que frente aos patrões for-

mavam a selecção dos trabalhadores.

Apresentaram-se com uma «posição sintonizada e convergente» frente aos patrões era o objectivo das duas organizações sindicais, explicou por sua vez Carvalho da Silva.

Segundo os respectivos líderes, as duas centrais aceitaram o convite para a reunião bilateral - que não é novidade, pois em Setembro foi feito em sentido inverso, mas não aceite pelas confederações dos patrões - «com espírito construtivo, no sentido de encontrar soluções que visem a modernização da sociedade portuguesa com vista à entrada em vigor do Mercado Único».

«Se o patronato se apresentar aqui com objectivos meramente cosméticos e não com um novo comportamento, a reunião será uma

perda de tempo e nefasto para todos», afirmou Torres Couto, segunda-feira.

O líder da UGT salientara ainda que não se tratava de «nenhuma frente comum contra o Governo, mas sim de uma acção para melhorar o funcionamento da estrutura produtiva portuguesa. Os sindicatos têm capacidade para travar sozinho as suas lutas contra o Governo» - disse.

As centrais sindicais mostravam-se disponíveis para o diálogo, «desde que o seu conteúdo não se traduza só por reuniões de cúpula, mas na participação dos trabalhadores a todos os níveis» - referiu Carvalho da Silva. Torres Couto reforçou dizendo que «nada é estático e, infelizmente para nós, as grandes reivindicações continuam a estar por resolver, mas outras se lhes juntaram».

O autor material do derrube das árvores da Quinta Grande em que nidificavam 27 casais de cegonhas foi identificado e chamado a depor, no julgamento da agrária Maria da Graça Ribeiro da Cunha

Tribunal de Coruche convoca testemunha incómoda para a ré

O depoimento do madeireiro que abateu as árvores é o que maior expectativa desperta entre os que deverão ser produzidos amanhã, no tribunal judicial de Coruche, na segunda sessão do julgamento do chamado «processo das cegonhas», em que uma agrária responde pela destruição de cerca de três dezenas de ninhos destas aves.

O madeireiro, cuja identidade a ré afirmou desconhecer, foi convocado depois de uma testemunha, por sinal de defesa, fornecer elementos que permitiram a sua localização.

A testemunha, um trabalhador da Quinta Grande, contradisse a ré, administradora e antiga proprietária da herdade, ao revelar que ela

costumava contactar o madeireiro, telefonando para um café de Amiais, povoação próxima de Santarém.

A GNR foi incumbida de notificar o autor material do abate dos pinheiros que suportavam os ninhos. Este deverá assim testemunhar amanhã no julgamento de Maria da Graça Ribeiro da Cunha, para cuja sentença o seu depoimento pode tornar-se decisivo.

Na verdade, um argumento fundamental da defesa é o da impossibilidade de Graça Ribeiro da Cunha avisar tempestivamente o madeireiro de que não deveria abater os pinheiros com os ninhos.

Fora isso, a ré, segundo alega, tomou as medidas de protecção da colónia de

cegonhas que lhe foram sugeridas por ambientalistas que a contactaram sobre o assunto, nomeadamente afixando em alguns locais da herdade cartazes por eles fornecidos.

Este caso remonta a Março de 1988, quando a associação ambientalista Quercus denunciou à Secretaria do Estado do Ambiente o derrube de três pinheiros seculares da Quinta Grande, no concelho de Coruche, onde nidificavam 27 casais de cegonha-branca, em plena fase de incubação.

Apoiada pela Câmara local, a denúncia levou aquele gabinete do Governo a intentar uma acção contra o presumível responsável pelo vandalismo, Graça Ribeiro da Cunha.

Na queixa, acentua-se que,

dois dias antes dos abates das árvores, uma equipa da Quercus se avistara com a acusada, alertando-a para o prejuízo que, tratando-se a cegonha duma ave em acentuado declínio demográfico, adviria da destruição daqueles ninhos, onde, segundo a sua estimativa, estariam a ser chocados uns cem ovos.

EDP coopera com Quercus

Numa intensificação do apoio que vem prestando as acções de Quercus em defesa da cegonha-branca, a EDP acaba de oferecer um jipe aquela associação ambientalista. A viatura destina-se a trabalhos de recenseamento, estudo e conservação da ave.

A cooperação no mesmo âmbito das duas entidades



Atentar contra a cada vez mais rara cegonha é agora motivo para tribunal

traduziu-se também na edição de um cartaz que começará a ser distribuído dentro de dias e no qual se exorta as populações rurais a protegerem a cada vez mais ameaçada pernalta.

O cartaz inclui um texto em que se acentua a utili-

dade da cegonha para a agricultura, como predador de insectos, e refere a colocação pela EDP de plataformas-ninho nos postes de electricidade, em condições de evitar a morte por electrocussão das aves, iniciativa esta documentada por fotos.

MALHAS DA JUSTIÇA

Um homem de fortes convicções

Mário é um autêntico campeão. Está, pela quinta vez, desde há dois anos, frente a frente com o juiz do Tribunal de Polícia. O motivo é o mesmo, pois Mário é um homem fiel às suas convicções. Barman de profissão, trata de preencher os seus tempos de ócio passeando pelos recheados corredores dos supermercados e não vem nunca de mãos a abanar.

Em geral, esquece-se de pagar mas há sempre algum desmancha-prazeres disposto a avivar-lhe a memória. Fraqueza ou vocação, não resiste às luzidias garrafas ou vedações alinhadas nas prateleiras e que tão necessárias

são para os bons cocktails que diariamente prepara.

Em geral, o Pão de Açúcar parece merecer a sua preferência e aí foi apanhado, uma vez mais, com uma garrafa de whisky disfarçada sob o blusão. Nem sequer era das mais caras, tão pouco das melhores mas Mário também não é esquisito. Pelo preço...

Mário confessa-se. Solteiro, com um filho de três anos e a viver em casa dos pais, tem uma vida difícil que invariavelmente o empurra para situações menos honrosas. Sujeito a tratamento no hospital de Oeiras, Mário fala

da sua dependência da droga e, claro, por aí justifica a necessidade de furtar.

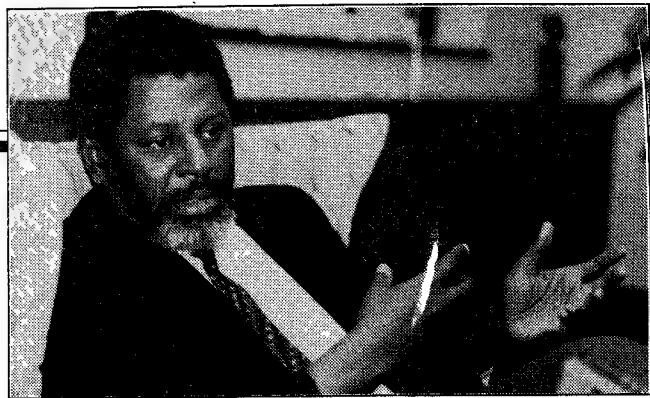
Precisa de dinheiro para satisfazer o seu vício, vício caro e irresistível que por diversas vezes lhe custou a liberdade. Desde 77, o seu cadastro tem sido permanentemente actualizado com furtos em supermercados e «esteve dentro» uma das vezes por ter desviado e utilizado, também num desses estabelecimentos, um cartão de crédito que lhe não pertencia.

Mário está envergonhado. De estatura frágil e pouco cuidado no trajar, aguarda a sentença

do juiz que adivinha já. Olhos pregados no chão, assim permanece até ao final do implacável veredicto. Seis meses de prisão, com a garantia de que o Centro de Recuperação das Taipas e o Ministério de Medicina Social serão alertados para a sua triste situação. Em Agosto, Mário vai gostar de poder ver o sol. Depois, quem sabe?

Talvez um novo frente a frente com o juiz do Tribunal de Polícia esteja na forja, que Mário provou já, por várias vezes, ser homem de fortes convicções.

Emília Trindade



«A imposição da qualidade para ultrapassar tabus»

«Continuo a ser um homem da música. A minha vida actual é que não me permite ter-lhe a mesma dedicação de há uns anos atrás. Quando fui para Angola, tinha intenção de trabalhar mais nesse campo, fazer investigação sobre a música tradicional angolana, dedicar-me a trabalhos para as crianças, mas um país jovem como o meu, carente de quadros, levou a que acabassem por me solicitar para tarefas que não estavam nas minhas previsões. Nunca pensei vir a ser membro do Governo e, muito menos, estar aqui, hoje, como embaixador. Canto menos porque não tenho nem tempo real, nem mental, para fazer música.»

P - O político é inimigo do músico?

R - Não, necessariamente. Há políticos que são poetas e se destacam nesse domínio. Aliás, sempre fiz as duas coisas.

A promessa do reencontro

P - Nos últimos anos a Embaixada de Angola pouco tem feito pela divulgação da cultura do seu país. A que é que isso se deve? Será que a esperança depositada em si, homem de cultura, por parte dos amigos e artistas de Angola, aqui residentes, de que tudo mudará, será satisfeita?

R - É possível que mude. Esta grande falta de divulgação da cultura angolana pode resultar de factores de ordem conjuntural. Nós temos problemas delicados, como a guerra, na nossa terra, que, provavelmente, devem ter levado à definição de um conjunto de prioridades para tratamento no exterior, que puseram, contrariamente ao meu sentido, a cultura num plano secundário. A cultura de um povo é sempre uma mensagem rica, e politicamente importante. Estamos a pensar criar uma Casa de Cultura Angolana, ou um Centro Cultural Angolano, onde não só os africanos residentes em Portugal, mas também a juventude portuguesa, possam conhecer aspectos importantes da nossa terra. Pensamos, também, que é uma forma saudável dos dois povos se conhecerem, e, no fundo, encontram as afinidades consequentes da vivência comum que tivemos. Durante o meu período de permanência em Portugal, os angolanos e os portugueses, amigos de Angola, que sentem desejos de um reencontro com a cultura angolana, penso, poderão sentir que, pelo menos eu, um homem também desta área, algo fiz para que não se sintam tão desiludidos.

P - O racismo está a atingir o nível nunca visto em Portugal, embora não se comparando ao resto da Europa. As Associações Cabo-verdiana e Guineense pediram ao Governo português que tomasse medidas contra a actividade desses grupos. A Embaixada de Angola vai tomar posição sobre o assunto?

R - Estamos à espera de ver a dimensão real deste movimento. Seria muito mau que se desenvolvesse, porque existem tantos portugueses emigrados noutros países que, se um dia, as pessoas tivessem que assumir comportamentos iguais as repercussões seriam marcadamente negativas. Penso que este fenómeno tem raízes económicas marcantes. Hoje, há aqui comunidades bastante expressivas que se confrontam, no fundo, na busca de um emprego com uma outra, que é a portuguesa, também com problemas bastante delicados no campo do emprego. Se este problema não for atacado correctamente pelas autoridades pode desenvolver-se com uma gravidade que poderá atingir dimensões políticas pouco recomendáveis. A nível da Embaixada, pensamos que temos necessidade, prioritariamente,

grupos de resposta, o que é extremamente lamentável. Estamos atentos e pensamos que as autoridades portuguesas têm capacidade para travar este fenómeno neonazi.

P - Conhece a produção dos músicos angolanos, aqui residentes?

R - Muito pouco. Ouvi alguma coisa em Luanda, quando na nossa televisão passou o programa do Joaquim Letria "Africaníssimo". Com as minhas funções não será muito aconselhável andar metido nesses locais, independentemente de o poder fazer uma vez ou outra, porque há uma tendência para a má interpretação do facto. Sou capaz, e gosto, de estar numa noite horas para ouvir música. Dois factores impedem a minha presença nesses sítios: uma, a má interpretação da minha presença, e a outra a falta de disponibilidade para o fazer.

P - O Bonga é um caso de popularidade em Portugal, tudo o que edita vende. Tem um timbre de voz especial que agrada, tem uma música sempre igual, pouco criativa, mas que dá alegria às pessoas. É uma figura política que não perde oportunidade pública para manifestar a sua

demonstrando que as pessoas a quem ela se destina merecem respeito. É mais fácil ser-se popular fazendo música de dança para toda a gente, como a lambada que não tem qualidade nenhuma, mas que morre por essa mesma falta de qualidade. É muito mais saudável que criemos coisas que possam perdurar, que possam ser uma mensagem para o reforço da amizade e da solidariedade. Quando tivermos que trazer coisas a Portugal traremos a nossa qualidade para mostrar aos nossos irmãos, e não o lixo do nosso país.

Qualidade, qualidade sempre

P - Sei que esteve ligado à Casa dos Estudantes do Império com responsabilidades culturais. Quais, concretamente?

R - A Casa dos Estudantes do Império era uma associação que congregava todos os estudantes de todas as colónias portuguesas, de então. Se por um lado tinha um lar, onde nós vivíamos, porque era mais fácil e mais barato, e era a forma que tínhamos de nos mantermos ligados à terra, aos problemas sociais dos nossos diferen-

tes países, em vários domínios. Fazíamos sessões públicas de poesia, havia pessoas ligadas a etnografia e etnologia que faziam conferências, havia reuniões em que púnhamos a claro as nossas capacidades. Tínhamos muitas actividades que tinham um objectivo marcadamente político. E não há dúvida que a Casa dos Estudantes do Império foi o centro de formação política de todos nós. Por lá passaram figuras como o nosso antigo presidente Agostinho Neto, Amílcar Cabral, Marcelino dos Santos, Joaquim Chissano, Oscar Monteiro, Mário Machungo, o Presidente Pinto da Costa. Uns mais velhos, outros mais novos, por aí passámos todos. Acabou por ser encerrada pela PIDE (sempre repressiva e atenta à actividade dos africanos em Portugal), e por ser criada pelo regime uma associação alternativa: a Procuradoria dos Estudantes Ultramarinos.

P - O Ouro Negro, aproveitado para propaganda do regime colonial, através da sua dignidade, tem o mérito de ter despertado o interesse de muita gente para a música angolana, diria mesmo, africana. Pode esclarecer a forma como os artistas africanos subvertiam o sistema, na época colonial?

R - Durante muito tempo não tínhamos capacidade de assumir, através da música, atitudes marcadamente políticas. Mas podíamos, utilizando essa mesma música, divulgar a nossa cultura, a nossa terra, o nosso povo, porque, até determinada fase da história da colonização, tudo quanto fossem manifestações culturais tipicamente africanas eram coisas que não interessava destacar. Então a nossa busca foi tentar trabalhar o melhor possível os nossos valores culturais, para os impor a uma comunidade que os hostilizava, ou desprezava. O grande mérito de um Ouro Negro, de um Elias Diakimuezo foi, pela qualidade da sua mensagem, terem conseguido ultrapassar esse estado de coisas, porque, de facto, a música do Ouro Negro, cantada no seu estilo característico, foi uma via extremamente significativa e importante da propaganda de Angola. De uma Angola que se tornou querida de muita juventude portuguesa, que não a conhecia até então. O Elias Diakimuezo, menos conhecido em Portugal, foi também uma figura que em Angola se impôs pela qualidade, junto mesmo daqueles que tinham uma determinada postura, mais ou menos reaccionária, para com os fenómenos culturais angolanos. Essas foram as vias que

as pessoas foram encontrando: jogar a qualidade, para que através dela as pessoas fossem diminuindo os seus preconceitos. Esta a minha opinião sobre o assunto, apesar de, neste mesmo período, termos tido o conjunto N'Gola Ritmos, que teve o grande mérito de, não só caracterizar sob o ponto de vista melódico e rítmico a nossa música, como também utilizar uma mensagem, quando cantavam em português, e outra, quando cantavam em kimbundo, nos centros culturais e casamentos. Faziam já um trabalho politicamente orientado. Mas tudo isso com muito cuidado. Aliás, o N'Gola Ritmos foi quase destruído, porque parte dos seus mais significativos membros foram presos, enviados para o Tarrafal. Este grupo utilizou ainda alguns temas populares portugueses dando-lhes uma entoação angolana, estilizando-os. Houve, fundamentalmente, a imposição da qualidade para ultrapassar os tabus.

P - Chega a primavera marcelista. As pessoas mais atentas já conheciam Zeca Afonso e Adriano Correia de Oliveira, começam a ser divulgados os chamados, na altura, baladeiros, os cantores de mensagem, uns de qualidade, outros nem tanto, principalmente através do programa Zip Zip. Nessa altura, torna-se conhecido do grande público o Rui Mingas. Como foi o seu convívio com esses músicos portugueses de intervenção? E qual o critério de escolha dos poemas das canções do seu repertório?

R - Eu apareço publicamente no Zip Zip, mas já cantava muito antes disso. Lembro-me, por exemplo, quando se comemorava o Dia do Estudante, de ter cantado no Pavilhão dos Desportos, em 59/60, ainda miúdo. O Zeca Afonso, que aparece mais ou menos nessa altura, a cantar em Coimbra, leva a que nasça uma corrente de aproximação à sua figura. Através da Casa dos Estudantes do Império começo a sentir ser possível fazer um jogo de aproximação com o Zeca. Eu pensei sempre que cantar em Portugal, para os portugueses seria muito importante, porque este povo desconhecia a realidade angolana. Havia poetas angolanos, extremamente importantes para nós, que achei doloroso não dar a conhecer ao meu povo e aos portugueses. Como fui sempre uma pessoa dedicada à literatura, e gostava muito de ler poesia, achei que era chegada a altura de começar a seleccionar os poemas que, pelo seu conteúdo, eram de intervenção política. Foi assim que comecei



Um novo disco de Rui Mingas? «Vamos lá ver se consigo dar-vos essa alegria»

amente, de ouvir a nossa comunidade, o que é complicado pois ela não está correctamente quantificada, qualificada, nem classificada, porque, ao contrário dos cabo-verdianos e guineenses, a maior parte dos angolanos tem cidadania portuguesa. Estamos preocupados, não há dúvida, com essa questão dos skinheads, inclusivamente sabemos que se organizaram

adesão e simpatia pela UNITA. Valerá a pena ao MPLA criar uma resposta musical ao Bonga?

R - Nós não temos activistas políticos na música, temos é um grupo de jovens que tem o cuidado de criar coisas de qualidade, quer do ponto de vista melódico quer temático. Isto é que é importante: nós podemos levar a nossa mensagem, mesmo política, através da qualidade,

entes países, consequentemente, também tinha figuras que pelo seu perfil político, já então, desenvolviam todo um conjunto de acções que nos levavam à formação política. A Casa dos Estudantes do Império tinha várias secções, inclusivamente uma cultural, onde me integrei, e que tinha como objectivo levar aos estudantes a mensagem da realidade dos seus diferen-

Informação

GREVE DOS MAQUINISTAS

1. Pelo respeito e consideração que nos merecem o público em geral e os utentes do caminho-de-ferro, em particular.
Apesar do Sindicato dos Maquistas ter já anunciado mais 10 dias parciais de greve, a partir do próximo dia 30.
A despeito dos 1400 maquinistas da CP usufruírem, relativamente à média dos restantes 20 600 trabalhadores, de condições remuneratórias muito mais favoráveis.
E na esperança dos Maquinistas se aperceberem dos graves riscos que a sua atitude pode representar para o futuro da Empresa.
2. O Conselho de Gerência da CP prosseguiu as suas negociações com o Sindicato dos Maquinistas na passada sexta-feira:
 - ciente de que os valores acordados, em 30 de Novembro de 1989, com os Sindicatos da UGT, em negociações para as quais sempre foi convocado o Sindicato dos Maquinistas — aplicados, por extensão, a todos os trabalhadores — esgotaram definitivamente a capacidade financeira da Empresa para a revisão do AE 90;
 - e na convicção de que as negociações se pudessem limitar agora a pontos específicos ainda não acordados com os restantes Sindicatos (área das reformas e das carreiras profissionais, sem incluir a reafecção escalonar).
3. Na sequência dessas negociações cumpre à CP informar que o Sindicato dos Maquinistas:
 - a) não aceita a realidade, exigindo para si:
 - condições mais vantajosas do que as negociadas e acordadas com os Sindicatos da UGT, o que, para além do mais, poria em causa a seriedade negocial da Empresa;
 - uma reafecção escalonar na tabela salarial que, extensiva obrigatoriamente a todos os trabalhadores, se traduziria em mais de 2,1 milhões de contos anuais suplementares, correspondentes a um adicional de encargo de mais 6%.
 - b) não compreende que a sua intransigência, fundamentada no monopólio que consideram exercer na área profissional dos caminhos-de-ferro, continua a impor:
 - graves transtornos a passageiros e clientes da CP;
 - preocupantes perdas de clientela, que mais agravam a situação financeira e comprometem o seu futuro como empresa ferroviária moderna.
4. Deste modo, lamenta a CP a redução de serviços ferroviários a que se vê forçada, estando a desenvolver todos os esforços para atenuar os seus efeitos.

O CONSELHO DE GERÊNCIA

Lisboa, 29 de Janeiro de 1990



**Caminhos de Ferro
Portugueses**

também canta



«Estamos preocupados com essa questão dos skinheads»

por musicar um primeiro poema de Mário Pinto de Andrade, que falava do envio dos escravos angolanos para as roças de café, em São Tomé. Mais tarde fui musicando outros, como o "Monangambée", do António Jacinto, "Adeus à Hora da Largada", de Agostinho Neto, "Mãe Terra", do Mário António de Oliveira. Estes poemas tinham duas particularidades: uns eram de conteúdo político bem marcado, outros reportavam-se à vida social em Angola. Aliava a minha preocupação política a uma nostalgia da terra.

Salvo pela voz

P - Quer dizer que já cantava quando foi preso, nos anos 60. Ser cantor ajudou-o?

R - É uma história já distante. Eu estava colocado no quartel de Beja quando do assalto, na passagem do ano 61/62. Eu não estava lá, nesse momento, mas acabei por ser preso. Havia lá um capitão fascista, que se chamava Estorninho (não sei se está vivo ou não, mas se estiver lembra-se da canalhice que me fez, na altura)... Em consequência disso acabei por ir, mobilizado sob prisão, para a Guiné. O comandante do batalhão, tenente-coronel Delgado, era amante de música. Quando cheguei, fui apresentar-me, depois de ele me ter visto chegar ao quartel de viola na mão. Chamou-me ao gabinete e disse-me que tinha que cumprir uma pena, mas perguntou-me se cantava, respondi-lhe que às vezes. Manifestou interesse de, um dia, me ouvir. Fui para a cadeia. À tardinha, apareceu um jeep com uma escolta para me vir buscar, por ordem do comandante, mas para levar a viola. Cheguei ao cinema, onde estavam a preparar uma festa para os soldados, e fiquei sentado numa cadeira. Pas-

sado um bocado, o comandante mandou-me para o palco cantar qualquer coisa. Agarrei na viola e cantei uma canção.

P - Lembra-se qual?

R - "Summertime", parece-me. No fim o comandante disse que eu não podia ir para a cadeia, que um homem com aquela voz não podia estar preso. Cantei na festa, e não estive mais preso, a não ser quinze meses depois, quando voltei para cá detido, por estar ligado lá ao PAIGC, em actividades clandestinas. Foi engraçado, porque, a partir daí, o comandante nunca mais me tratou mal, apesar de fascista teve para comigo uma atitude extremamente humana, por causa da música. Mesmo a nível do quartel deixei de sentir qualquer ambiente pesado. Porque quando cheguei, eu era, mais ou menos, o terrorista com pai, tios e primos no Tarrafal. Depois, em pouco tempo, estava com uma relação perfeita com as pessoas do quartel - graças à voz.

A correr e a cantar

P - Agora, o atletismo. Foi campeão nacional de 110 e 400 metros barreiras e recordista de salto em altura, sempre pelo Benfica. Na modalidade dos 110 metros, correu algumas vezes com Cavaco Silva, que era atleta do CDUL. Alguma vez o actual Primeiro-Ministro português lhe ganhou?

R - Que me recorde, nunca me ganhou. Mas ganhou a corrida maior: ele é Primeiro-Ministro, e eu sou embaixador.

P - Consta que os desportistas africanos, os grandes nomes do desporto português, se quotizavam para os movimentos de libertação dos seus respectivos países. É verdade?

R - Não. Eram atitudes individuais, que partiam mais dos futebolistas, que eram os que tinham dinheiro para dar, os outros pagavam as quotas

para a Casa dos Estudantes do Império. Havia algumas figuras do futebol que eram perfeitamente solidárias com a luta dos seus povos, sendo os dinamizadores o Coluna e o Santana.

P - O atleta Rui Mingas, hoje embaixador, continua a correr? Tem algum cuidado particular com o físico?

R - Corro sempre. Os meus amigos do desporto encontram-me, sempre, aos domingos, no Estádio Nacional a fazer corrida, sauna, ginástica. Não com a frequência que seria desejada, por falta de tempo. Uma pessoa que se habituou a fazer desporto, durante anos e anos, tem um organismo que se torna exigente. Eu sinto-me mal quando fico quatro ou cinco dias sem fazer ginástica. Necessito dela mentalmente, também a vida sedentária que hoje tenho obriga-me a tomar determinados cuidados, se não este imobilismo pode tornar-se num adversário bastante perigoso para mim.

P - Dada a memória que temos da sua voz, ainda insubstituível, parece-me que terá de dar música aos portugueses...

R - Está nos meus projectos gravar, já tenho material para isso. Até é possível que seja este ano, depende da disponibilidade. Vou empenhar-me em fazer esse disco, porque sinto que há muitas pessoas preocupadas com isso, mesmo a nível do meu país, e eu também gostaria. Vou ver se selecciono um conjunto de temas interessantes.

P - Nesse disco incluirá a versão original dos "Meninos do Huambo"?

R - Absolutamente. Talvez venham também a ouvir a versão mais antiga do "Namoro", do Viriato da Cruz, que musiquei em 69/70, e outros temas. Vamos lá ver se consigo dar-vos essa alegria.

Maria José Belo Marques

CULTURA E ESPECTÁCULOS

B R E V E S

Empresas discográficas à conquista do leste europeu

Empresas multinacionais de discos, como a CBS, EMI e BMG, anunciaram a abertura, nos próximos meses, de filiais nestes países do leste europeu.

Berlim, Budapeste e Praga são as cidades onde até ao final de Fevereiro, a CBS instalará escritórios, para o que nomeou Jorgen Larsen, presidente da CBS Europa, como responsável da operação.

"Sabemos que as actuais limitações económicas impedem um aumento significativo de artistas do ocidente naqueles países, mas esperamos estabelecer um bom intercâmbio", afirmou Larsen.

A BMG já abriu um escritório em Dresden (RDA), onde investiu 450 mil contos para o primeiro ano de actividades, esperando abrir mais noutros países do leste europeu.

Também a EMI já anunciou internacionalmente a disposição de abrir filiais na Europa de Leste, aproveitando o processo de democratização em curso nos países comunistas.

Quadro com Michael Jackson vale 300 mil contos

Hiromichi Saeki, presidente da Pax Corp, uma multinacional que lida com hotéis e complexos turísticos e desportivos, adquiriu por 300 mil contos um quadro onde o cantor Michael Jackson lê um livro cujo título se oculta.

Considerando a compra uma pechincha, porque, disse Hiromichi, "Michael Jackson não tem preço", o quadro, intitulado "The Book", será colocado no edifício Pax Theatre, de Tóquio.

Da autoria do pintor australiano Brett Livingstone Strong, Michael Jackson ter-lhe-á pedido para não reproduzir o título do livro que influenciou grandemente a vida do cantor.

Murcia recusa "honoris causa" a José Cela

A Universidade espanhola de Murcia "chumbou" o Prémio Nobel de Literatura Camilo José Cela para a concessão de doutoramento "honoris causa".

Em duas votações, a Universidade recusou a proposta de nomeação do escritor.

Fontes da Universidade explicaram que a distinção não teve êxito, porque Camilo José Cela «não tem qualquer ligação com a Universidade ou com a região, como exige o regulamento».

Em favor do escritor, as mesmas fontes disseram também que as reuniões da Universidade só tiveram a participação de 140 dos seus 275 membros.

Olga Roriz e Paulo Ribeiro: a consagração e a juventude esta noite na Gulbenkian

«Isolda, para a vida...»

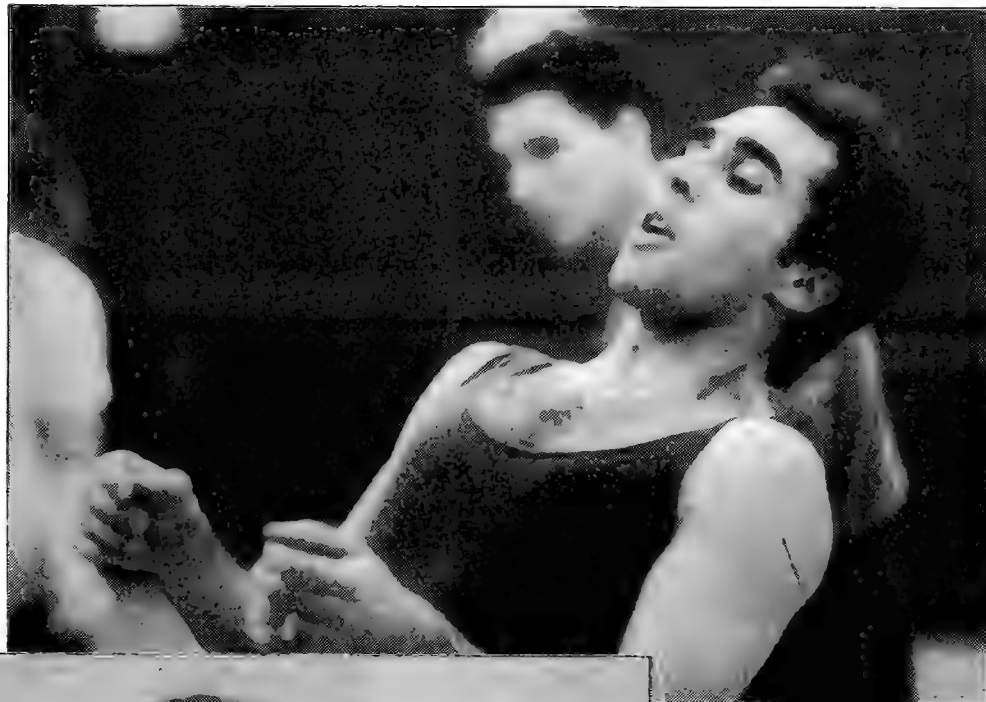
Deveria ser pelo menos trivial - já para não se falar de motivador e saudável - que qualquer espectáculo de dança a apresentar no nosso país tivesse uma componente particularmente expressiva em termos de obras de coreógrafos portugueses. Depois de um programa inicial de temporada, o Ballet Gulbenkian apresentará a partir desta noite, às 21 e 30, duas obras em estreia absoluta: «Isolda» e «Ad Vitam».

Frente a frente estarão Olga Roriz e Paulo Ribeiro num «jogo» em que aparece como «mediador» Hans van Manen («Cinco Tangos», sobre música de Astor Piazzolla). Falar de «coreógrafos jovens» neste nosso tão acanhado meio balético sem uma tradição que o prenda ao passado com devoção e orgulho - sobretudo a um passado mergulhado nas raízes académicas-clássicas novecentistas - torna-se puramente metafórico. Todos eles são necessariamente jovens, se bem que... «uns serão mais jovens do que outros».

A Jorge Salavisa, o director artístico da «companhia da Praça de Espanha», se deve esta combinação singular de

DL - e, além do 'libretto', embrenhei-me em mais cinco ou seis textos de autores diversos. No fundo a ideia (subjacente ao bailado) é sempre a de 'amor trágico'. Vejo nele o herói que mata dragões e homens de sete cabeças, para depois morrer de amor... Este é, no fundo, esse lado muito frágil do personagem Homem. Na vida tudo é muito baseado na força e no poder e, porque ambos são

porta. Também o trabalho com a figurinista Vera Castro foi determinante para a realização dos fatos, que considero muito 'operáticos' e cujo peso e volume não são naturais para a movimentação das artistas que terão que encará-los em todo o momento como matéria coreográfica, como um outro corpo, uma outra pele. Através deles tentou-se obter uma unidade de grupo, ainda que à



custa de tecidos diferentes com tonalidades diferentes dentro de uma mesma cor, o vermelho. »

Olga Roriz disse-nos ainda que esta «é uma coreografia elaborada para um grupo de 'individualidades' fortes e onde a imagem de 'Isolda' se desmultiplica, como num 'flashback' na hora da agonia. Não tem a ver com a planificação de uma tragédia (como foi o caso das 'Troianas' para a CNB) onde caoada e à organização, será muito mais uma 'viagem' que se inicia com a passagem de uma primeira 'Isolda perfeita' de indolentes cabelos de seda e ouro e perfil ausente, personificada pela bailarina Angelina Bacellar. Uma Isolda sem Tristão, o mesmo que antes de morrer exala uma última palavra, o nome da sua amada...»

A voz de Jessye Norman interpretando a canção «Morgen» de Strauss terá servido de inspiração, e uma citação de Celine (extraída da obra «Viagem ao fim da Noite») resumirá, ainda que vagamente, a imagética que P. Ribeiro propõe em «Ad Vitam». «O bailado vive sobretudo uma confrontação de energias, considerando-se como ponto de partida uma mais eficaz do que a outra. A primeira é calma e contemplativa, a que nos vem das experiências e sabedoria da vida, a segunda exuberante, terrea e viril. Sete bailarinos e uma «senhora idosa» tentam justificar que «a juventude foi morrer ao fim do mundo, no silêncio da verdade».

A mesma verdade com que «ISOLDA» em cada Mulher ou cada Homem renasce cada dia «para a Vida».

António Laginha

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE PONTA DELGADA

ANÚNCIO

Pela 2.ª secção do 1.º Juízo deste Tribunal Judicial da Ponta Delgada, nos autos de divórcio litigioso com o n.º 121/88 em que são autor Samuel de Medeiros Soares de Sousa, residente no Bairro Económico, 49, Ponta Delgada e ré Maria Jaridelina Borges da Costa Camilo de Sousa, residente em parte incerta e com última residência conhecida na Rua Pedro Álvares Cabral, 18-r/c Dt.º, Bairro de São José, Camarate, Loures, correm editos de 30 DIAS contados da segunda e última publicação do anúncio, citando a referida ré para no prazo de 20 dias a contar daquele dos editos contestar, querendo, a mencionada acção e de que a falta de contestação não importa a confissão dos factos articulados pelo autor, constantes da petição inicial cuja fotocópia se encontra nesta secção à disposição da citanda e ainda para no mesmo prazo contestar, querendo, o pedido de apoio judiciário formulado pelo autor.

Ponta Delgada, 12-1-90

O Juiz de Direito

(António José Moura Magalhães)

O escrivão adjunto (Carlos Luís Benigno)

«DL» — 31/1/90 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OIRAS

ANÚNCIO

— O DOUTOR FERNANDO RIBEIRO CARDOSO, Mtm.º Juiz de Direito da 1.ª Secção do 1.º Juízo do Tribunal Judicial de Oeiras:

— FAZ SABER que por esta 1.ª Secção deste Tribunal e nos autos de Acção Ordinária de Investigação de Maternidade, que o Digno Agente do Ministério Público move contra ADELAIDE HELENA ADRIASSA, solteira, natural da África do Sul, actualmente ausente em parte incerta e com última residência conhecida que foi na Rua José Falcão, n.º 8, em Santo Amaro de Oeiras, correm editos de 30 dias contados da 2.ª e última publicação do respectivo anúncio, no jornal, citando a ré para dentro do prazo de 20 dias, findo que sejam o dos editos, contestar, querendo, o pedido feito pelo Autor nos autos acima indicados, nos quais em síntese ele pede a procedência da acção e que nos termos dos art.ºs 205.º n.º 1 da OTM e 1808.º n.º 4 e 1816.º n.º 2 al. a) do C. Civil, que a menor Ana Lúcia Carapeta seja declarada filha da citanda e que seja averbado no registo de nascimento daquela menor o nome da Mãe, tudo conforme melhor consta da respectiva petição inicial, cujo duplicado à ordem da citante se encontra arquivado nesta Secção.

Oeiras, 25 de Janeiro de 1990

O Juiz de Direito
Fernando Ribeiro Cardoso
O Esc. Adjunto
Maria da Conceição Lucas

«DL» 31/1 — 1.ª Pub.

um dos maiores coreógrafos europeus da actualidade, Olga Roriz - que há quase dez anos parece estar num certo «estado de graça» - e de P. Ribeiro que auspiciosamente (esperamos) terá o seu «début» numa c.ª de nomeada. Dos «Tangos», que abrirão a «soirée», já muito se escreveu (invariavelmente) enaltecendo uma obra luso-argentina de autor holandês para sete pares, de muito bom gosto e grande rigor coreográfico e que deve tanto a Carlos Gardel como a Marius Petipa.

Curiosamente, as obras que se lhe seguirão, e para provar a cada vez menor importância que a dança contemporânea atribui ao «confronto de géneros», terão elementos só femininos e só masculinos; um efeito de «moda» que possivelmente se poderá atribuir ao sucesso do bailado «Treze Gestos de um Corpo», de O. Roriz.

«Peguei em tudo o que havia sobre 'Tristão e Isolda' - relata a coreógrafa ao

'desviados' da mulher, decidi utilizar apenas bailarinas! Os excertos musicais que selecionei da genial ópera de Wagner: o Prelúdio e a Morte de Isolda, são também as partes mais femininas da partitura. Inicialmente quedei-me bastante receosa pelo carácter épico, de força e grandiosidade, que a música impõe e propus-me apenas coreografar a primeira parte».

E continua a coreógrafa: «Aos poucos, porém, fui-me apercebendo que tratando-se de um 'prólogo' com ele não chegava a nada devido ao seu carácter muito ondulante e encantatório, mas nunca me deixo escravizar pela música; é um discurso paralelo e, seja qual for, nunca estouro do seu lado. A ópera atrai-me, é o único espectáculo total, e tive com ela uma vivência significativa durante a minha adolescência no Teatro S. Carlos. Tinhamos, o que me encanta ainda, o 'mistério' da voz, a voz da 'Isolda', da Nina Hagen ou da Anamar, não im-

CULTURA E ESPECTÁCULOS

LIVRO
ABERTO

«A Voz Melodiosa», Montserrat Roig

Quando a esfera sai do cubo

Imaginemos um cubo com uma esfera dentro. E mais ainda: as paredes interiores do cubo apresentadas recobertas de amabilíssimas imagens do mundo: o céu estrelado, a flora mais variada e exuberante, gestos e dizeres isentos de drama, fios de música, aromas intensos...

A esfera, que no começo é uma esfera-criança, vai-se avolumando com o passar do tempo, sempre cada vez maior, sempre e sempre, aproximando-se, dia a dia, das paredes protectoras do cubo. Mas uma força que se julga generosa, toda feita de amor-utópico, obsta a que tal contacto se dê. E isso por semelhante força, pura e simplesmente, não desejar de maneira nenhuma que a esfera enfrente a dureza do mundo, a aresta dos seus objectos, o labirinto das suas condições, as esquinas que sempre apontam dois caminhos diversos... Que a esfera, pois, se vá avolumando no interior quadrado das seis paredes do cubo. Tocando-as até (máxima liberdade consentida), mas nunca as rompendo, ultrapassando-as - e dessa maneira se preservando do exterior, sempre pleno de ciladas, enganos, atropelos. Interessa, sim, é crescer num berço que nunca se rompa - e embale uma existência ao som de estrelas refulgentes, flores, aromas macios e harmoniosos tons musicais. Esta introdução, propositadamente geométrica, em que jogamos com uma esfera dentro de um cubo, desenha (entre outros desenhos possíveis) o rosto da Utopia. É óbvio que essa equilibrada manutenção, se partirmos do princípio de que a esfera irá aumentando continuamente de volume, se romperá um dia - dia em que a esfera, irrompendo da prisão dourada do cubo, ir-se-á rolando pelos caminhos da

sua soberana vontade, cumprindo as estações da realidade, uma a uma, nesta se lamentando, naquela outra se alegrando. A vida, é o que é.

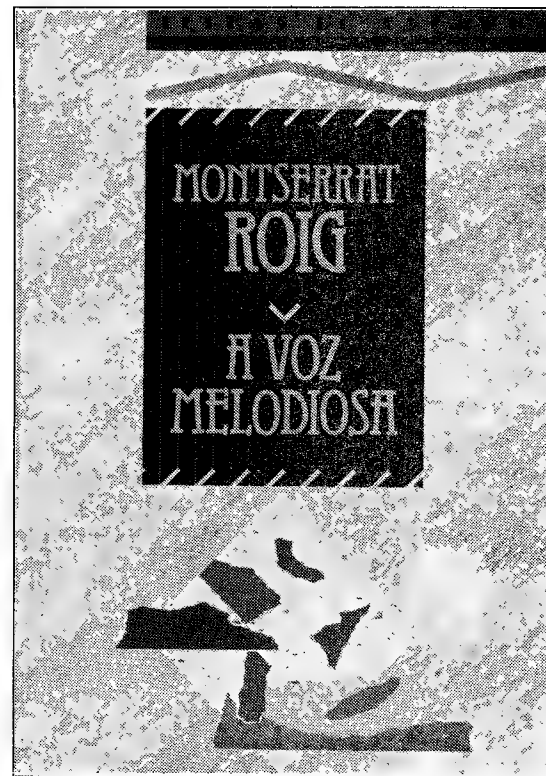
E o fim, huma palavra, da utopia.

Geometria

Não foi por mero acaso, ou por qualquer capricho arbitrário, que optámos pela Geometria. Propositada foi a opção - e tal pelo simples motivo de que todas as utopias (umas mais consistentes, outras mais fluídas) assentam, na maioria das vezes, em equações matemáticas e figuras (ou postulados) geométricos. Ou utilizando outros termos: a edificação de uma utopia exige sempre (ou quase) uma planificação de números, volumes e superfícies para campo da actuação das pessoas. Tal se verifica, por exemplo, em «A República» (Platão), «A Cidade de Deus» (Santo Agostinho), «Utopia» (Thomas More), «A Nova Atlântida» (Francis Bacon), «Robinson Crusoe» (Daniel Defoe), etc. Salvaguardando as devidas distâncias, todas estas construções do espírito humano, engenhosas e belas, apresentam uma concepção de felicidade humana que, por um ou outro motivo, se fecham em números, em torres herméticas, em paralelas rígidas, em linhas isentas de pontos que se rompessem como portas que porventura se abrissem para outras soluções e liberdades... Não é que, em suas puras intenções, não contribuam, transitoriamente, para a melhoria do relacionamento humano - mas subsiste sempre em quem vive essas e outras utopias a sensação de que a verdade do sangue (i. e., o ser-se mais) se não coaduna com a artificialidade de construções para solução gener-



Montserrat Roig, romancista catalã, que, no próximo dia 2, autografa «A Voz Melodiosa». Roig (já distinguida com três prémios) é considerada uma das vozes mais importantes da moderna literatura catalã



osa dos problemas da existência.

Encarnação

Ora é precisamente este problema que nos surge em «A Voz Melodiosa» (Publicações Dom Quixote), de Montserrat Roig, escritora catalã que apresentará este seu título, em Lisboa, no dia 2 do mês que amanhã entra. Utilizando uma linguagem claríssima, em que o elemento poético reveste a utopia de feição rutilante, conta-nos aquela romancista «o fracasso dos paraísos artificialmente criados e a difícil descoberta da realidade do mundo». Avô e neto: o primeiro, amante da Beleza, cria um mundo sem arestas, pleno de brilhos e deturpações motivadas por um amor cego; o segundo, de grande fealdade por nascimento, nunca se viu num espelho (objecto proibido por ordem do velho familiar) e

regozija-se com o ambiente em que vai sendo criado, mimado, instruído, enganado...

Até um astrónomo, por decisão do avô, oferecia ao neto o seu saber, sempre de maneira fantástica. Assim (pág. 35): «As constelações mal são citadas na Bíblia. Em todo o caso, no Livro de Job vemos que se fala das Plêiades, de Arturo e de Orion. Segundo os mitos gregos - explicou ele (...) -, Orion era um caçador gigante tão célebre como Hércules. A deusa da caça, Artemisa, enamorou-se dele. Mas os outros deuses tiveram ciúmes. Sobretudo Apolo, que decidiu vingar-se. Desafiou Artemisa a disparar a um alvo que mal podia ver. A deusa, que era vaidosa, disse que acertava sempre. Artemisa apontou com o arco e a flecha atingiu, certa, o alvo desconhecido. Uma total precisão. Mas quando se

aproximou do corpo morto, para ver de quem se tratava, descobriu que o alvo era o seu amado Orion. Desesperada, mandou-o levar para o céu. Por isso, agora, as sete estrelas que formam essa constelação fazem-nos pensar num guerreiro. Repara nas três estrelas que formam o seu cinturão. Betelgeuse está no ombro direito e Rigel no pé direito. A espada é formada...» Mas o educando não o ouvia. «Não olhava para o céu mas sim para baixo, e via os lampeios do Passeio de Gracia e uns pontos negros, como baratas, que corriam. Ouvia o apito dos comboios que se dirigiam a França e as sireias dos barcos que saíam do porto. A terra chamava-o e ele ainda o não sabia.»

Mas virá o dia (que se leia o romance) em que o neto enclausurado, e adolescente já, abandonará todos os mitos (admiravelmente expos-

tos, aliás, nas palavras do astrónomo) - e se fará à rua para um encontro com a realidade de tudo quanto existe. O fim do escrito, então, é soberbo - e nada mais diremos senão que a esfera soube sair do cubo, pondo fim à utopia e encarnando fundo em sangue amoroso de mulher. Mulher que fala (escreve) assim: «Sei que me tirará de casa, onde vivo como se já estivesse morta. Amar-me-á como se eu acabasse de nascer. Chamá-lo-ei pelo seu nome. E ambos, alguma vez, enterneceremos as estrelas.» Ou seja: Montserrat Roig (mulher que escreve) dará fim a toda e qualquer utopia, amando a fealdade ocasional de um homem, amando a beleza racional do mundo. - Tradução de Egito Gonçalves e capa de Fernando Felgueiras.

Pedro Alvim

Américo Guerreiro de Sousa

«Os Cornos de Cronos»

«Despedi-me hoje da begónia. Podei-lhe as folhas velhas e reguei-a com o meu sêmen. Acto de desespero, sem dúvida, mas também de amor» - assim principia o romance «Os Cornos de Cronos», de Américo Guerreiro de Sousa, primeira edição em 1980 e terceira dez anos depois, no mês primeiro da década de 90.

História amarga e burlesca de um homem que entra na maturidade envolvido sentimentalmente num amor impossível, «Os Cornos de Cronos» é um livro comovente e cómico, impregnado de raízes existenciais.

Texto corrido, coloquial, autocrítico, tocado de humor negro - estes, em suma, os veículos utilizados pelo autor.

A crítica disse sim e disse não - mas é um romance.

Que se ouça, por exemplo, Natália Correia: «Um dos melhores romances dos últimos vinte anos...» - Coleção Autores da Língua Portuguesa.

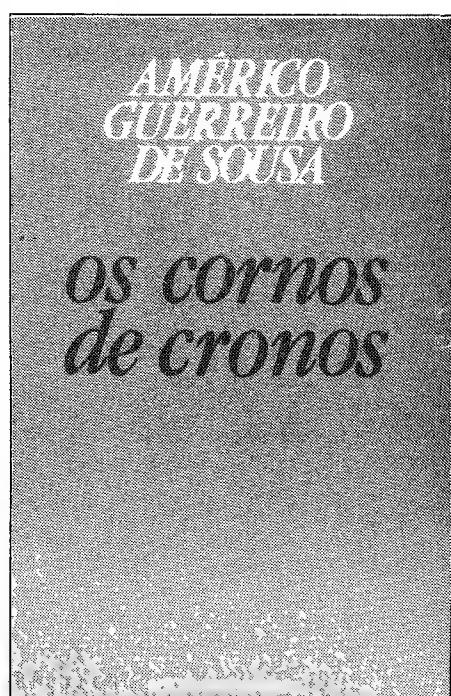
Recital na SPA

Integrado no ciclo O Poeta na Casa dos Autores, que a Sociedade Portuguesa de Autores vem realizando, efectua-se amanhã, dia 1, um recital de poesia de Eduardo Guerra Carneiro, dita por João de Ávila.

O poeta será apresentado por Fernando J. B. Martinho.

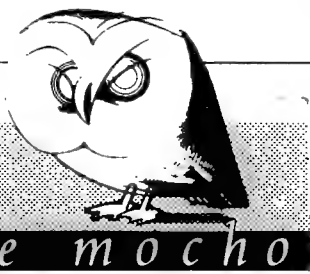
Obras principais de EGC: «O Perfil da Estátua», 1961; «Corpo Terra», 1966; «Algumas Palavras», 1969; «Isto Anda Tudo Ligado», 1970; «É Assim Que Se Faz A História», 1973; «Como Quem Não Quer a Coisa», 1978; «Dama de Copas», 1981; e «Contra a Corrente», 1988.

No prelo, um novo livro: «Profissão de Fé».



SANTOS & NASCIMENTO
AV. DA LIBERDADE, 177-LISBOA
SALDOS
PRONTO-A-VESTIR
FATOS * CAMISAS * CALÇAS * BLUSÕES *
MALHAS * CASACOS * ETC.

CASA DAS GABARDINAS
Pronto a vestir • Modas
Homem • Senhora
SALDOS. SALDOS
Rua dos Fanqueiros, 130-132 - Tel. 87 43 51 - 1100 LISBOA



olhar de mocho

A classe professoral

O que será que a classe dos professores tem em comum com a dos ferroviários da CP, dos funcionários da TAP, dos enfermeiros ou dos profissionais dos serviços alfandegários (para apenas citar as últimas greves de carácter mais significativo)? Apenas isto: todos querem ganhar mais e viver melhor. A história é breve e conta-se em poucas linhas: perdidas as colónias e regressados a um Condado Portucalense mais evoluído - geográfica e populacionalmente -, prometeram-nos os novos «Brasis» da CEE. E quase todos acreditaram que em vez de um desejado D. Sebastião, viria um D. João V que, democraticamente, distribuisse um minímo de Mafra a cada cidadão nacional. E de facto, alguns dinheiros chegaram das paisagens europeias do Norte. Só que, esses dinheiros são em primeiro lugar, limitados e em segundo lugar têm data marcada para o fechar da torneira - o dia 31 de Dezembro de 1992. E as pessoas lúcidas e mais instruídas já se deram conta que a partir do dia 1 de Janeiro de 1993, a alternativa terá tanto de duro como de realismo: ou regressaremos à hora zero da descolonização ou os gestores da «res publica» terão de prestar contas por o País não ter avançado.

Acrescente-se um segundo ponto que não se varre do mapa com sofismas falaciosos. Os políticos podem auto-aumentarem-se em vencimentos e regalias, mas as restantes classes profissionais, não. A classe política já está de facto «integrada» nos níveis da CEE, mas nas classes profissionais que dependem da deles, ainda não se extinguíram totalmente certos vestígios de «servos da gleba», como na antiga Roma imperial. Quando o assunto se coloca na questão dos professores, o problema de fundo não reside nos salários destes profissionais, mas sim em saber se a nível político já existiu vontade real de estilhaçar o princípio salazarista segundo o qual o ensino seria destinado a elites, princípio este que o seu «a latera», cardeal Cerejeira, formulava nestes termos: «Queremos ensinar a ler, escrever e contar, mas não que todos sejam doutores».

O secretário de Estado, Pedro da Cunha, bem pediu a palavra na «Primeira Página» de ontem, para falar da reforma educativa. Mas o moderador de serviço levou a conversa para as questões logísticas. E foi isso que realmente tivemos ao serão: problemas exclusivamente burocráticos, a negação de ideias políticas. A única palavra inteligente do programa veio do dr. Pedro da Cunha: «O País vive numa situação de pobreza». Suponho, na minha exegese imediatista, que o senhor secretário de Estado não pretendeu excluir da situação de pobreza ideológica, a «Primeira Página».



José S. Monteiro

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Ava e o destino

Numa Hollywood dominada pela certeza de que «os homens preferem as louras», Ava Gardner foi uma visão fugaz, cujo súbito desaparecimento era em quase todos os filmes determinado pela crueza do destino. Como todas as morenas da Meca do Cinema (recorde-se o «caso» Vivien Leigh), a sua beleza e impetuosidade tornavam-na, todavia, uma figura de sonho, uma mulher inesquecível que John Schelesinger lembra em «Mogambo», apesar de haver esquecido John Ford, Clark Gable e Sua Alteza, a louríssima princesa Grace.

Chamaram-lhe «o mais belo animal do mundo», reconhecendo com tão estranha expressão o valor que as paixões avassaladoras tomavam cada vez que Ava vestia a pele de uma personagem e era sacrificada no altar de Afrodite. Em «As Neves de Kilimanjaro», realizado em 1952 por Henry King, tornava-se guerrilheira em Espanha e morria por amor de Gregory Peck. Em «Showboat», dava corpo a uma personagem prematuramente envelhecida pela má vida que, acabava por renunciar ao homem amado, em proveito de uma menina casadoira. Foi, todavia, em «A Con-

dessa Descalça», o admirável filme assinado por Mankiewicz em 1954, que o trágico destino das personagens vividas por Ava atingiu o paroxismo. Maria, bailarina de flamengo em Espanha, é levada a Hollywood por Bogart. Mas a cidade de que eram feitos os sonhos, também sabia como proporcionar pesadelos. Maria casa com um conde italiano encantador, atencioso, apaixonado quanto baste para levar a jovem vedeta ao Sétimo Céu. Só que o «príncipe encantado» era impotente e tão ciumento, que na beleza de Maria vê uma insustentável afronta. As suspeitas transformam-se em ódio e a «condessa descalça» é assassinada com um único tiro de revólver. Mais uma vez Ava Gardner sucumbira às armadilhas tecidas pelo amor a que ela, morena, vulnerável de coração, era incapaz de resistir.

A vulnerabilidade não a torna, porém, menos poderosa. Em «Mogambo», apesar de vulcanicamente enamorada de Gable, quem é que faz frente ao herói másculo e de coração dividido entre duas belas raparigas e obteve, assim, uma nomeação para o Óscar? Quem fez de rainha Gwenthwyfar e levou Sir Lancelot a pecar



Ava Gardner

contra o seu soberano, Artur de Gales? Esta mulher, nascida na Carolina do Norte há 68 anos, a quem uma pneumonia levou do convívio dos vivos, mas não dos nossos sonhos, onde ela continuará a lutar contra o destino, bela, apaixonada e autêntica como nenhuma outra o soube ser.

Maria João Martins



Humor em «A BOLA»

Nuno Ferrari, Carlos Pinhão, Vítor Santos e Joaquim Rita, redactores de «A Bola», segundo uma caricatura de Francisco Zambujal exposta no Museu Raphael Bordalo Pinheiro. A inauguração foi ontem ao fim da tarde e conta, por imagens, um pouco da história daquele jornal desportivo. Teixeira Cabral, Stuart, Pargana também lá estão.

Coppola abriu falência

O realizador e produtor cinematográfico Francis Ford Coppola, e a sua Companhia Zoetrope Productions, declararam-se falidos num tribunal da Califórnia, não podendo satisfazer as suas dívidas.

A medida permitirá às companhias continuar a funcionar sem a pressão das dívidas, enquanto se elabora um plano para a sua liquidação.

Zoetrope Productions, com sede em São Francisco, declarou bens no valor de três milhões e trezentos mil contos e dívidas no valor de quatro milhões e 335 mil contos, a maior parte delas com as produtoras Hot Weather Films-Pony Boy Inc. e Orion Pictures.

A falência afecta outras duas companhias de Coppola, a Sophia Properties e a Niebaum Coppola Estates, mas deixa incólume duas outras filiais, as Zoetrope Corporation e Studios.

A origem dos problemas financeiros de Francis Ford Coppola reside no filme «One From The Heart», de 1981, que só teve receitas da ordem dos 150 mil contos, quando os custos foram dos quatro milhões.

Coppola encontra-se actualmente em Roma a filmar a terceira parte de «O Padrinho».

Ernesto Rodrigues condecorado pela Hungria

O escritor Ernesto José Rodrigues, docente da Faculdade de Letras e colaborador do DL, recebeu ontem do embaixador da Hungria em Lisboa, Sándor Árgyelán, a Cruz da República da Hungria, a mais alta condecoração atribuível a um estrangeiro pelo Governo daquele país.

Ao referir as razões da distinção, o embaixador Árgyelán lembrou a actividade desenvolvida por Ernesto Rodrigues nos meios culturais húngaros.

Namora evocado na Barata

A Livraria Barata leva a efeito esta noite, pelas 21 e 30, uma homenagem ao escritor Fernando Namora, assinalando a passagem do primeiro aniversário do seu falecimento. Intervém na sessão Maria Leonor Buesco, Urbano Tavares Rodrigues, João de Melo e José Manuel Mendes.

SEC corta verba a teatro do Norte

A Secretaria de Estado da Cultura cortou o subsídio à Associação Regional de Teatro Amador do Minho (ARTAM) em mil contos, o que irá dificultar a criação de um centro de formação teatral permanente em Braga, na intenção daquele organismo. A revelação foi feita por Fernando Pinheiro, presidente da direcção da ARTAM, que considerou o corte da verba «completamente injustificável». «Pedimos explicações à Secretaria de Estado que não nos foram dadas», disse.

DESPORTO

Nacional: primeira vitória à vista

A irregular utilização do belenense Macaé poderá proporcionar o primeiro triunfo do clube madeirense

Mais um caso a agitar o futebol português: o Belenenses, poderá ser penalizado com derrota no encontro disputado com o Nacional, em virtude de ter alinhado com um jogador (Macaé) em condições irregulares por, no encontro com o Benfica, ter sido advertido com a cartolina amarela, perfazendo quatro amostragens o que implica o castigo de um jogo de suspensão. Segundo os dirigentes do Belenenses houve negligência dos serviços internos o que começa a ser «norma» no clube, a partir do «caso-Mapuata». A circunstância do clube do Restelo alegar de que a notificação federativa foi enviada depois da realização do jogo, não deverá colher e a ser assim, o Nacional registará, no campeonato em curso, o seu primeiro triunfo ainda que averbado na secretaria.

Neno: dois meses de repouso

Por ter sofrido uma rotura de ligamentos, o guarda-redes Neno, que tem constituído o grande obstáculo dos avançados opositores, deverá estar inactivo dois meses.

Entretanto, o treinador Paulo Autoiro, renovou contrato com o clube vimaranense por mais dois anos.

Tirsense-Salgueiros jogam hoje para a Taça

Arbitrado por Xavier de Oliveira realiza-se hoje (21 horas) o encontro de desempate entre o Tirsense e o Salgueiros para a Taça de Portugal. O vencedor defrontará o Varzim no próximo domingo.

Estrela-Braga fica suspenso

O confronto Estrela da



Perante o sorridente olhar de Aurora Cunha, Pinto da Costa e Vitor Baia «selam» o contrato que mantém o jovem guarda-redes de dragão ao peito por mais quatro anos

Amadora-Braga, marcado para domingo a contar para a 5.ª eliminatória da Taça, foi adiado, em virtude do Conselho de Justiça da Federação Portuguesa de Futebol, ter fixado efeito suspensivo no processo respeitante ao protesto apresentado pelo Caldas.

Torneio do Funchal

Com a participação dos três clubes mais representativos da Madeira (Marítimo, União e Nacional) e o Bayer Leverkusen (RFA) inicia-se hoje, nos Barreiros, o I Torneio Internacional do Funchal.

Presidente do Penafiel elogia a arbitragem

O presidente do FC Penafiel afirmou que problemas disciplinares com alguns jogadores e uma má adaptação do ex-treinador às realidades da equipa, foram as principais causas da actual classificação do clube no

campeonato.

Manuel Lopes Rocha referiu ainda que o «calendário adverso com que o Penafiel iniciou o campeonato com jogos com o FC Porto, Sporting e Benfica, contribuiu também para o insucesso verificado». «Estas questões vieram pôr à prova a capacidade da direcção do FC Penafiel que soube inteligentemente sair dela» acrescentou Manuel Lopes Rocha.

O dirigente do clube de Penafiel considerou ainda que «a primeira volta foi muito renhida, atingindo a sua equipa a quase totalidade dos objectivos».

Manuel Lopes Rocha congratulou-se com as arbitragens que têm sido realizadas nos jogos em que o seu clube tem intervindo afirmando que «elas de uma forma geral não influenciaram os resultados alcançados, quer pela negativa quer pela positiva, pelo Penafiel». «Penso que esta época a arbitragem nacional está muito melhor

notando-se sobretudo um maior número de juizes com grandes capacidades para o ofício» sustentou.

Malines-Milão no Estádio de Heysel

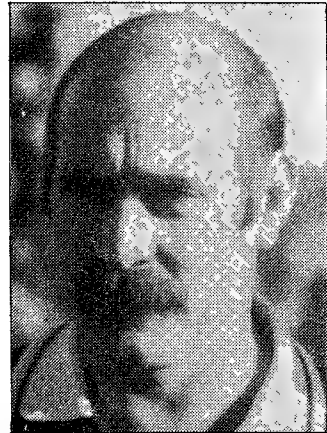
O Malines, da Bélgica, vai disputar a primeira mão dos quartos de final da Taça dos Campeões Europeus de Futebol, com o AC Milão, de Itália, no Estádio de Heysel, a 7 de Março.

No entanto, por razões de segurança, apenas será autorizada a venda de 35 mil dos 50 mil lugares do estádio, palco de uma das mais graves tragédias da história do futebol, em 1985, quando 39 pessoas morreram na final da Taça dos Campeões Europeus, entre a Juventus e o Liverpool.

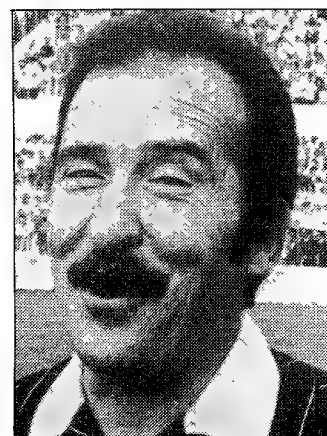
Apesar de a capacidade de lotação de Heysel ser reduzida, a direcção do Malines preferiu trocar de estádio por o recinto do clube ter apenas capacidade para 15 mil espectadores.

Hoje, em Zurique FIFA divulga árbitros para o «Mundial»

A Comissão de Arbitragem da FIFA, presidida pelo irlandês Henry Cavan, irá divulgar durante a reunião que hoje se realiza em Zurique o nome dos 36 árbitros que estarão presentes na fase final do campeonato mundial que decorrerá, em Itália, de 8 de Junho até 8 de Julho do corrente ano. Como «brigada de prevenção» serão também escolhidos 6 árbitros italianos que poderão vir a ser nomeados em qualquer momento da prova.



Dos sete juizes portugueses que ostentam as insígnias da FIFA (Rosa Santos, Vitor Correia, Carlos Valente, Francisco Silva, Veiga Trigo, Fortunato Azevedo e Pinto Correia) o bejense Rosa Santos é o que reúne maior favoritismo, por ter sido o mais solicitado para confrontos oficiais, seguindo-se como «prováveis» Vitor Correia e Carlos Valente, mas em 1986 o mais «votado» era Rosa Santos e para o México viajou Carlos Valente, o que nos leva a não ariscar prognósticos. Um facto é evidente e inquestionável: qualquer que seja o português escolhido (e nada obsta que sejam dois os eleitos) a arbitragem portuguesa estará excelentemente representada uma vez que Santos, Correia e Valente são árbitros de alta bitola e todos eles se encontram bem implantados a nível internacional.



Rosa Santos, Vitor Correia e Carlos Valente: a FIFA que escolha o melhor

Entretanto, hoje, no Estádio Nacional, Vitor Correia e Rosa Santos fazem provas físicas de avaliação o que significa que ambos se encontram restabelecidos das lesões que os impediram de fazer os testes no recente «encontro» de Lamego.

Hóquei em patins Clubes avançam para a «liga»

Os clubes representados no campeonato português de hóquei em patins da primeira divisão decidiram criar uma Associação Nacional de Clubes.

A decisão foi tomada em Coimbra, numa reunião entre responsáveis de 11 dos 14 clubes da primeira divisão, que debateram a situação actual da modalidade e o enquadramento das acções que têm desenvolvido até agora.

A reunião contou com a presença de representantes do Oquei de Barcelos, Benfica, FC Porto, Oliveirense, Paço de Arcos, Grunig, Sanjoanense, Quimigal, Académica, Parede e Turmel, tendo o Sporting, o Torquay e o Valongo justificado a ausência.

A Associação procurará «defender perante qualquer entidade ou organismo os direitos e interesses dos clubes, designadamente os de alto rendimento e a demonstração do papel fundamental desempenhado pelos clubes no contexto nacional».

O comunicado foi divulgado por Jorge Coutinho, presidente do Oquei de Barcelos, que juntamente com dirigentes do Benfica e Paço de Arcos ficou encarregado de prosseguir as diligências necessárias para a criação da Associação.

O Benfica foi também escolhido para a Comissão Instaladora da Associação Nacional dos Clubes de Hóquei em Patins.

B R E V E S

Esgrima: Cadetes em desfile

Disputou-se no Pavilhão dos Pupilos do Exército o III Torneio Internacional «Novo Ano» para o escalão de cadetes nas armas de florete feminino e masculino com a participação da grande maioria dos clubes portugueses, os clubes espanhóis de C. Cisneros e Valleramoso (Madrid), Barcelona, Ceuta e Sevilha e também o W.A. Casablanca de Marrocos.

Na prova feminina (com 30 participantes) Ana Cabral (CFEA) saiu vencedora da final por 2-0 sobre a esperançosa atleta Susana Santos. Ana Cabral, dos 18 assaltos que disputou, apenas perdeu um deles, nas poules, precisamente em confronto com a sua adversária da final. Nos restantes lugares de honra classificaram-se: 3.ª, Elisa Granochio (GCP); 4.ª, Joana Valeriano (GCP); 5.ª, Alice Pinto (ACL); 6.ª, Vanessa Gonzalez (Sevilha); 7.ª, Patrícia Silva (Juviana); e 8.ª, Leonor Lopes (GCP).

Na prova masculina, com a participação de 4 dezenas de atletas, a vitória cabe a Bernal Nieto (C.C. de Madrid) que se opôs de modo categórico ao represen-

tante do Estrela da Amadora, Bruno Carvalho, por 2-0. Nos restantes lugares, classificaram-se: 3.º, G. Moreno (V. de Madrid); 4.º, Miguel Correia (ACL); 5.º, João Gomes (UPVN); 6.º, Jordi Novilla (Barcelona); 7.º, Rui Santos (Juviana); e 8.º, Fernando Lacerda (Colégio Militar).

Ténis: «Ranking» Mundial

ELES: O sueco Mats Wilander ascendeu ao 10.º lugar da lista mundial da Associação de Tenistas Profissionais.

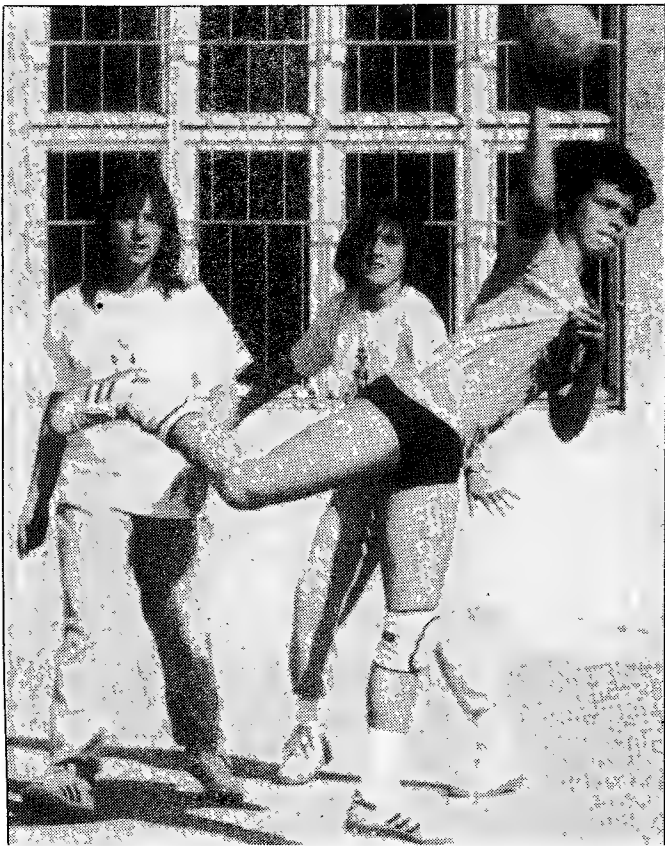
Wilander, semifinalista no «Open» da Austrália, regressou ao grupo dos 10 melhores do mundo na lista liderada pelo checoslovaco Ivan Lendl, vencedor do «open» australiano. 1.º Ivan Lendl, Checoslováquia; 2.º Boris Becker, RFA; 3.º Stefan Edberg, Suécia; 4.º Brad Gilbert, EUA; 5.º Michael Chang, EUA.

ELAS: A alemã-federal Steffi Graf lidera, com 820 pontos, o «ranking» da Associação Internacional de Ténis Feminino, WITA.

Classificação: 1.ª Steffi Graf, RFA, 820 pontos; 2.ª Mary Joe Fernandez, EUA, 575; 3.ª Natalia Zvereva, URSS, 455 e 5.ª Claudia Porwick, RFA, 430.

DESPORTO

MODALIDADES



Andebol: uma modalidade apoiada pela autarquia lisboeta

ANDEBOL: de colaboração com a Associação de Andebol de Lisboa, o Pelouro de Desporto da CML — agora liderado pelo vereador Rego Mendes — criou o Centro Municipal de Divulgação e Fomento do Andebol que irá funcionar no Pavilhão Carlos Lopes a partir do próximo mês de Fevereiro, sendo aberto a jovens, de ambos os sexos com idades compreendidas entre os 8 e os 16 anos. As inscrições poderão ser efectuadas no Departamento de Desporto que funciona no velho pavilhão do Parque Eduardo VII.



Jorge Mathias: tradição no hipismo

Hipismo

Jorge Mathias: mais um troféu

O cavaleiro Jorge Mathias foi o vencedor do «Mocar Alfa Romeo Trophy», uma iniciativa conjunta da Sotenis e daquela marca de automóveis italianos, que procurou aumentar o interesse competitivo de várias provas hípias em Portugal, mediante a criação de um troféu que premiasse o melhor conjunto (cavaleiro e cavalo), no final de dez concursos de obstáculos.

Jorge Mathias dominou por completo o «Mocar Alfa Romeo Trophy», pois para além de arrebatar o primeiro lugar, com o seu cavalo CPRM Marconi Luculus II (88,8 pontos), ainda logrou classificar-se na segunda posição com a montada CPRM Marconi Windus (84,8 pontos).

Pelo seu triunfo no troféu, Jorge Mathias vai receber

uma carrinha «Sport Wagon 331.3S» daquela marca de automóveis.

Campeão de Portugal em 1983, e considerado o melhor cavaleiro do ano em 1988, Jorge Mathias manteve a tradição familiar no desporto equestre, iniciada por seu pai, o atleta olímpico coronel Jorge Mathias, e que já se prolonga pelo seu filho, o jovem Bernardo.

Sem dúvida alguma um dos melhores cavaleiros portugueses da actualidade, Jorge Mathias faz parte da equipa nacional que disputou a Taça das Nações em cinco ocasiões, ganhou para cima de 500 prémios na sua carreira, mais de duas dezenas de grandes prémios nacionais, e várias provas internacionais disputadas em Portugal e Espanha.

Meninas do Sameiro preparam o «Tetra»

Albertina Machado (lesionada) será a grande ausente na Taça dos Campeões Europeus que se disputará, no sábado, no complexo desportivo da Rodovia (Braga)

Com a participação de 19 equipas em representação de 17 países, disputa-se no próximo sábado (dia 3) a Taça dos Clubes Campeões Europeus de Crosse, que terá como palco a pista do complexo desportivo da Rodovia (Braga). A prova é organizada pelo Sporting Clube de Braga (vencedor de três edições) tendo o apoio do Governo Civil, Câmara Municipal, Comissão de Turismo «O Verde Minho» e o patrocínio do Montepio Geral.

Segundo Tinoco Marques (um dos responsáveis pela organização) e José Gomes (vereador e vice-presidente dos «arsenalistas») a realização da prova na capital minhota serve de homenagem às atletas do SC Braga e à sua treinadora (Sameiro Araújo). Para José Gomes, o local da realização da prova tem um bom cenário, porque fica situado no sopé do Bom Jesus e do Sameiro, locais que só por si falam de Braga.

O vereador do desporto referiu depois a ausência força-

da de Albertina Machado — «símbolo do atletismo bracarense» — nesta prova, mas disse acreditar que isso «servirá de estímulo para as suas colegas de equipa que, por certo, e dada a sua ausência, se vão transcender para ganhar a prova pela quarta vez».

Presentes estarão equipas como o Cardiff (País de Gales), Fiat (Itália), Kelme (Espanha) e Glasgow (Escócia), para referirmos apenas algumas das grandes adversárias da turma bracarense.

As dezanove equipas começarão a chegar a Braga no dia 1 de Fevereiro, com as representações da Suécia e da Noruega a prolongar a sua estadia por mais cinco dias.

A assistir à prova, e em representação da Associação Europeia de Atletismo, estará o português Carlos Cardoso, com Tinoco Marques — «homem forte» do atletismo bracarense e da organização — a afirmar que a sua presença «é a grande homenagem às atletas que durante sete anos nunca puseram qualquer problema à Federação Portuguesa de

Atletismo».

Mas sem dúvida que a grande ausência na equipa do Sporting de Braga é a atleta Albertina Machado, impedida de disputar a prova por lesão, o que «rouba» à equipa algum favoritismo que, mesmo assim, continua a reunir. Sem Albertina Machado, Sameiro Araújo, técnica do Sporting de Braga deverá optar pelas atletas: Conceição Ferreira, Fernanda Marques, Felicidade Sena, Rosa Oliveira, Manuela Machado e Helena Lobo ou Fátima Novais.

São estas atletas que têm estado em estágio e que nele continuam, «dividindo-o» entre o Bom Jesus, Estádio 1.º de Maio e complexo da Rodovia, local onde a prova se disputa mas onde as obras continuam, não dando hipóteses às atletas de «sentirem» a dureza do percurso.

A prova inicia-se às 15 horas do próximo sábado, com transmissão directa pela RTP.

Antes, porém, cerca de 200 jovens (infantis e juvenis), das

escolas da cidade, disputam uma prova de 1500 metros.

Johnson prepara ataque ao recorde

O velocista canadiano Ben Johnson disse estar a treinar «arduamente» para recuperar o recorde do mundo dos 100 metros no seu regresso à competição, quando cumprir dois anos de suspensão.

Em entrevista a uma estação alemã-federal de televisão, Johnson disse acreditar ser capaz de correr a distância em 9.90 segundos e bater o recorde do mundo agora na posse do norte-americano Carl Lewis (9.92). «Estou a treinar arduamente e já corro os 60 metros em seis segundos», disse o atleta, desqualificado do título de campeão olímpico, obtido no tempo recorde de 9.79 segundos, por «doping».

Interrogado sobre a possibilidade de correr o hectómetro em 9.79 segundos sem a ajuda de esteróides, Johnson limitou-se a responder: «vamos ver. Mas sei que o posso fazer em 9.90».

Futebol: campeonato dá a volta

Iniciou-se a 2.ª volta do campeonato de futebol do escalão superior. E, enquanto os «dragões» foram à Madeira desenharem-se do mal-amado Nacional, os directos concorrentes estiveram envolvidos em questões que, travando a marcha do Vitória de Guimarães e do Sporting, também obrigando os setubalenses a aceitarem a colagem belemnense, proporcionaram subida benfiquista até ao degrau de onde Paulo Autuori continua espreitando um saboroso Porto/90, que conta o maior número de êxitos nos jogos realizados.

Agora, a etapa decisiva da subida da montanha: e tudo pode ainda acontecer, especialmente conhecendo-se que, a 11 de Fevereiro, há um duelo na Luz (Benfica - Guimarães) que pode começar a definir o percurso final até ao título.



Guimarães: de meias caídas, o brasileiro Douglas procura serpente-ar entre uma floresta minhota.

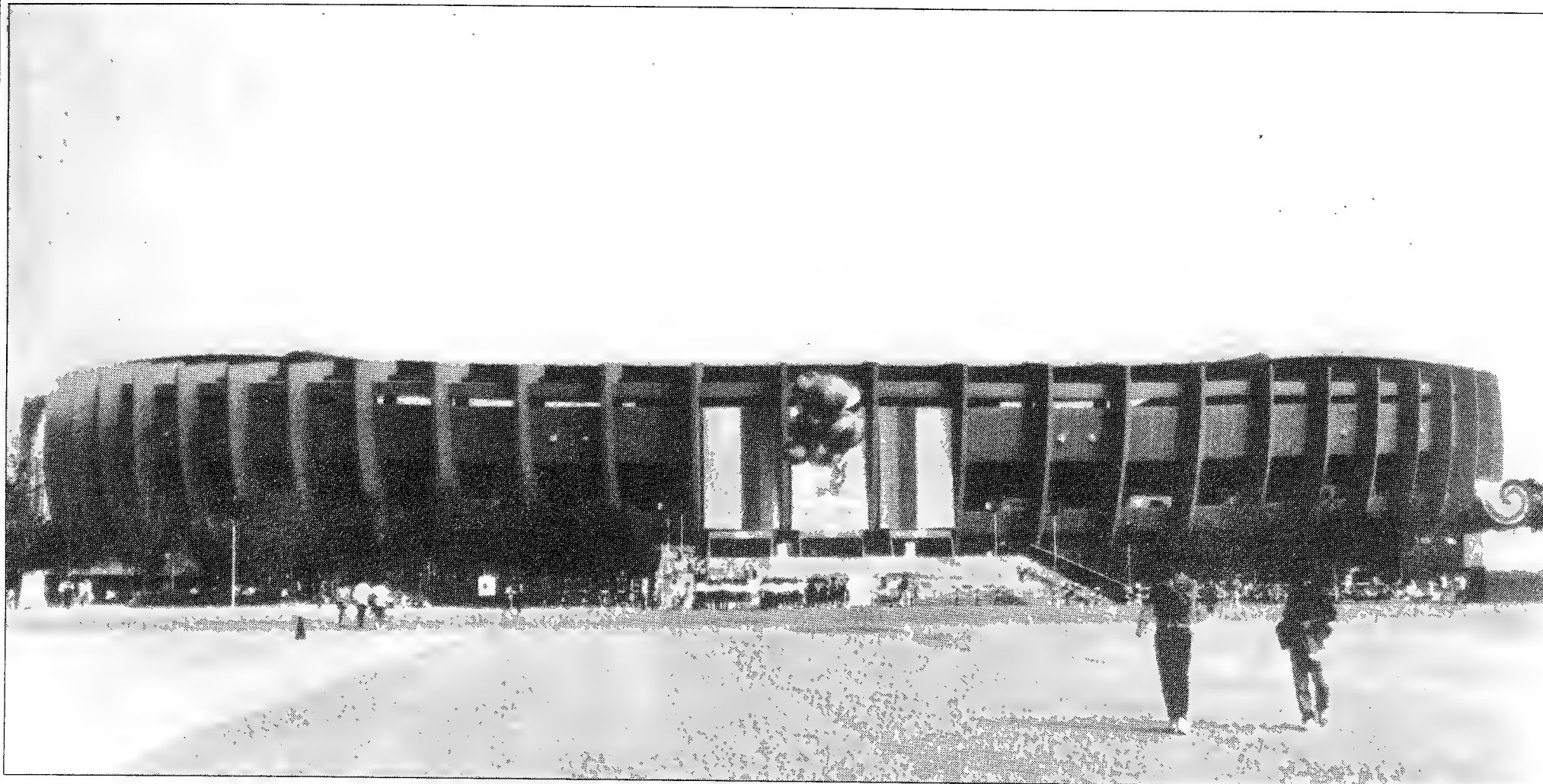


Bonfim: em esforço, Pacheco antecipa-se a Jorge Ferreira, bate o guarda-linha setubalense Jorge Martins e faz o empate benfiquista que, um minuto mais tarde, seria alterado para 2-1 com outro gol de Magnusson, inimigo das balizas contrárias



Amadora: o treinador João Alves está de pé, pouco satisfeito pelo nulo dos seus pupilos frente ao Sporting de Braga. Neste lance, Chico Silva, Quim I e Bobó procuram sobre a relva para onde fugiu a bola

DESPORTO



Barcelona: Seul foi um desafio tecnológico

Jogos Olímpicos: de Olímpia a Barcelona (7)

Espanha: finalmente no palco de honra

Depois de quatro insistências, ao longo de sessenta anos, Barcelona viu, finalmente, o sonho transformado em realidade ao ser designada para organizar os Jogos Olímpicos de 1992, uma aspiração comum a todos os espanhóis.

A Cidade Condal, que apresentou a sua candidatura pela primeira vez em 1924 e insistiu em 1936 e 1972, vê agora a sua imagem projectada em todo o mundo. Para a sua escolha pelo Comité Olímpico Internacional, muito contribuiu o facto de a Espanha nunca ter organizado o «maior acontecimento desportivo», muito embora Barcelona seja uma cidade com longas tradições desportivas, disponha de uma excelente experiência organizativa e um delirante entusiasmo por todo o projecto olímpico.

Desde há mais de dois mil anos que Barcelona é uma cidade onde confluem civilizações diversas, transformando-a naquilo que hoje é: uma cidade aberta e hospitaleira, dinâmica e cosmopolita. A Cidade Condal é, em população — 1 900 000 habitantes na capital e 3 125 000 nos arredores — a segunda cidade de Espanha, depois de Madrid e sempre foi, tradicionalmente, o ponto de encontro da Europa com o núcleo industrial espanhol mais importante.

Encontro de culturas

O clima de Barcelona é suave e temperado, genuinamente mediterrânico e a temperatura média anual ronda os 16,5 graus centígrados, com

mínimas de 5,9 a 10,3 entre Janeiro e Fevereiro e máximas de 25 no início de Julho.

A cidade goza de uma situação privilegiada para as comunicações aéreas, terrestres e marítimas e, em pouco mais de uma hora e de avião, chega-se a cidades como Londres, Roma, Lisboa ou Casablanca.

As praças, as ruas, os edifícios e os monumentos são o testemunho vivo e persistente da vida da cidade desde tempos imemoriais. Em mais de dois mil anos de existência, passaram por Barcelona povos tão diferentes como os romanos, os visigodos e os árabes.

Será suficiente passear pelas Ramblas, nervo central da cidade antiga, para ver a afluência de gentes procedentes de todas as culturas, raças e latitudes. Os numerosos estabelecimentos hoteleiros e «campings» acolhem um grande número de turistas que aumenta ano após ano.

Europeia e latina, Barcelona esmera-se em fomentar as actividades culturais e artísticas que a tornaram em escola dos génios do modernismo e do vanguardismo, muito por influência de artistas como Gaudí, Picasso, Miró ou Dalí.

O projecto de futuro da cidade passa, pois, por um espírito dinâmico e ambicioso que se entrelaça perfeitamente com o ideal olímpico que os seus habitantes têm bem presente.

Barcelona tem uma longa experiência na organização de acontecimentos sociais, culturais e desportivos de carácter internacional, já que conta com recintos para as mais va-

riadas manifestações que acolhem anualmente um sem-número de exposições e congressos.

As suas numerosas instalações desportivas foram o cenário de algumas das principais competições desportivas internacionais, entre as quais faltava, precisamente, os Jogos Olímpicos.

Entre os acontecimentos de maior relevo que se produziram em Barcelona, é de destacar a cerimónia de abertura do Campeonato do Mundo de Futebol de 1982, que se realizou no Estádio «Nou Camp» com capacidade para 120 000 espectadores.

Nos últimos anos, Barcelona organizou os campeonatos do mundo de ciclismo (Agosto de 1984), de esgrima (Julho de 1985) e de motonáutica (Outubro de 1985), além de ter assistido à cerimónia de abertura do recente campeo-

nato mundial de basquetebol.

Planos de transformação

A remodelação do Estádio Olímpico de Montjuich, construído aquando da Exposição Internacional de 1929 e que terá a capacidade de 80 000 pessoas e a construção do novo pavilhão olímpico — com capacidade para 17 000 espectadores — são as grandes obras em curso para os Jogos de 1992.

Uma zona eminentemente industrial do bairro de Pueblo Nuevo, atravessada por várias linhas de caminhos-de-ferro, transformar-se-á, em menos de seis anos, num moderno bairro residencial.

A aldeia olímpica poderá albergar cerca de 15 000 pessoas e será construída numa área de 43 hectares, junto às reabilitadas praias da costa de

Barcelona.

Pueblo Nuevo é uma antiga zona industrial que foi decisiva para a expansão da primeira fase da industrialização catalã. Um século mais tarde, o «Ayuntamiento» de Barcelona decidiu reabilitá-la como zona residencial abrindo assim a cidade ao mar e às praias.

O «dossier» da candidatura olímpica de Barcelona especifica que a aldeia olímpica albergará 10 000 atletas e 5000 acompanhantes. Para os alojamentos, estão a ser construídas 2500 casas que, após a realização dos Jogos, se incorporarão no mercado imobiliário.

Os técnicos calculam que as habitações possam estar no mercado imobiliário seis meses após o encerramento dos Jogos, já que necessitarão de obras de remodelação e serão vendidas a um preço máximo estipulado para as casas com

apoio governamental.

As obras de infra-estruturas necessárias para este projecto urbanístico rondarão os 28 000 milhões de pesetas enquanto que o custo dos edifícios que albergarão os atletas andará à roda dos 40 000 milhões. A aldeia olímpica estará aberta e à disposição de todos os atletas e acompanhantes de 11 de Julho de 1992 a 12 de Agosto do mesmo ano e, dizem os responsáveis, será um modelo de funcionalidade e acolhimento. Fica situada a seis quilómetros do Estádio Olímpico, a 5 km do centro de comunicações, a 6,5 km do hotel onde estará sediado o COI durante a realização dos Jogos e 600 m do Hospital do Mar, que será utilizado como hospital olímpico.

José Delgado/EFE
Adaptação:
Alves Henriques/«DL»

Código de comportamento dos atletas

Para os Jogos de Seul, o Comité Olímpico Português elaborou um «código de comportamento» abrangendo todos os elementos que constituíram a missão oficial. O documento foi elaborado em obediência ao estabelecido no Art.º 24.º da Carta Olímpica e ao Art.º 6.º do COP.

No que diz respeito aos atletas, o «código» (que certamente será válido para Barcelona) reza assim:

Dos direitos:

- a) Acompanhamento técnico e médico indispensável às exigências de participação nos Jogos Olímpicos;
- b) Aplicação da legislação que salvguarde a dispensa,

destacamento ou requisição para participação nos Jogos;

c) Indemnização por salários perdidos no período de participação nos Jogos;

d) Equipamento para treino e competições.

Dos deveres:

a) Respeitar, desde a data em que tenha sido seleccionado para integrar a missão portuguesa aos Jogos, todas as directrizes emanadas do COP, nomeadamente do chefe de missão;

b) Participar nos estágios para que for convocado de acordo com o parecer da federação respectiva;

c) Comparecer nos exames médicos, de controlo

anti-«doping» e de feminilidade ou outros, que lhe sejam determinados pelo COP.

d) Observar as prescrições de carácter clínico determinadas pelo corpo médico.

Aplicação da legislação que salvguarde a dispensa, destacamento ou requisição sem prejuízo da sua vida profissional e à indemnização por salários perdidos.

Art.º 24.º — 1) — A violação do presente regulamento por parte de qualquer membro da missão, implicará de acordo com a sua gravidade e as respectivas circunstâncias, atenuantes ou agravantes, a aplicação das sanções seguintes:

- a) Repreensão escrita;
- b) Suspensão da participação nos Jogos com regresso imediato a Portugal;
- c) Suspensão definitiva da participação em Jogos Olímpicos.

2) — Cabe à Plenária do COP, a competência para aplicação da sanção prevista na alínea c) e as restantes ao chefe da missão.

3) — A aplicação de qualquer das sanções referidas será comunicada à federação nacional a que pertence o membro punido, para os efeitos que forem julgados convenientes na actividade desportiva nacional.

I Série N.º 26
Dia 31 de Dezembro

DIÁRIO DA REPÚBLICA



SUMÁRIO

Assembleia da República

Resolução da Assembleia da República n.º 4/90:
Aprova, para ratificação, a Convenção Europeia em Matéria de Adopção de Crianças

Ministério das Finanças

Declarações:

De terem sido autorizadas transferências de verbas nos orçamentos de vários ministérios para o ano de 1989 e uma alteração de rubrica no orçamento do Ministério do Planeamento e da Administração do Território para o ano de 1989

Nota. - Foi publicado um suplemento ao *Diário da República*, n.º 281, de 7 de Dezembro de 1989, inserindo o seguinte:

Presidência da República

Decreto do Presidente da República n.º 70/89:

Exonera dos cargos de secretários-adjuntos do governador de Macau o engenheiro Joaquim Leitão da Rocha Cabral e o Dr. António Alberto Galhardo Simões

Decreto do Presidente da República n.º 71/89:

Nomeia a Dr.ª Maria do Carmo Romão Sacadura dos Santos e o Dr. Jorge Paulo Sacadura Almeida Coelho secretários-adjuntos do governador de Macau

Nota. - Foi publicado um suplemento ao *Diário da República*, n.º 269, de 22 de Novembro de 1989, inserindo o seguinte:

Ministério das Finanças e dos Negócios Estrangeiros

Portaria n.º 1013-A/89:

Aumenta para 150 o número de terceiros-secretários de embaixada

Nota. - Foi publicado um suplemento ao *Diário da República*, n.º 291, de 20 de Dezembro de 1989, inserindo o seguinte:

Ministério das Finanças

Decreto-Lei n.º 439-A/89:

Cria um novo tipo de moeda metálica corrente de 100\$

SUPLEMENTO

Ministérios da Educação e da Saúde

Portaria n.º 65-A/90:

Regulamenta o concurso nacional de acesso à matrícula e inscrição nas escolas superiores de enfermagem públicas, no curso de bacharelato em Enfermagem, no ano lectivo de 1989-1990

PESSOAS & FACTOS

GRUPO

Compra em Grupo: o sistema em que todos os participantes ganham

Revista «Grupo»

Em edição da Associação Portuguesa de Administradores de Consórcios de Compra em Grupo, está publicado o número I da revista trimestral «Grupo», destinada a distribuição gratuita.

Com 112 páginas totalmente impressas a cores e com excelente qualidade gráfica, a nova revista é dirigida por Frederico

Mendes de Almeida, tendo como director adjunto Rogério Figueiro. Neste primeiro número, inclui informações muito completas sobre aspectos económicos, legais e técnicos da venda em grupo, não apenas no sector automóvel, a que dedica grande número das suas páginas, como no imobiliário. Temas turísticos e de interesse geral dão valioso complemento ao seu conteúdo.

Vitor Gonçalves

No termo do seu mandato autárquico, o vereador Victor Gonçalves, responsável pelo pelouro do Turismo e do Desporto da Câmara Municipal de Lisboa, nos últimos quatro anos, manifestou ao DL o seu agradecimento pela colaboração dada por este jornal ao debate dos problemas relacionando com a sua actividade. Agradecemos a amabilidade.

AGENDA

HOJE
CONTINENTE

Em todo o território: - Céu muito nublado a encoberto. Vento Sudoeste moderado e por vezes forte. Períodos de chuva estendendo-se progressivamente da região Norte à região Sul que atingirá durante a tarde. Pequena descida da temperatura.

Mar cavado a grosso com ondulação Oeste de 4 a 5 metros na Costa Ocidental e na Costa Sul, mar cavado com ondulação Sudoeste de 2 metros no Barlavento e 1 metro no Sotavento.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Noroeste e aguaceiros pouco frequentes nas vertentes voltadas ao Norte.

Mar de pequena vaga com ondulação Sudoeste de 1 a 2 metros.

No Funchal, períodos de céu muito nublado e vento fraco.

Amanhã: - Céu geralmente pouco nublado e vento fraco.

Depois de amanhã: - Períodos de céu muito nublado e vento fraco.

AÇORES

Todos os grupos: - Céu geralmente muito nublado. Vento Noroeste moderado, por vezes com rajadas fortes. Aguaceiros pouco frequentes.

Mar cavado a grosso com ondulação Noroeste de 5 a 6 metros.

Amanhã:

Céu muito nublado a encoberto. Vento Sudoeste moderado a forte. Períodos de chuva, estendendo-se progressivamente do Grupo Ocidental até ao Oriental a partir da madrugada.

Depois de amanhã: - Céu muito nublado, abrindo progressivamente a partir da manhã e começando pelo Grupo Ocidental. Vento Sudoeste moderado a forte rodando para Noroeste a partir da manhã com início no Grupo Ocidental. Períodos de chuva passando a aguaceiros.

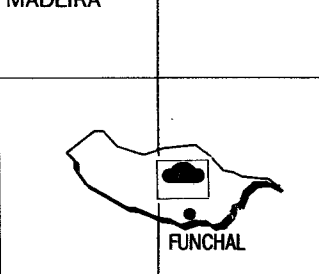
Amanhã

No Continente:

Céu muito nublado nas regiões Norte e Centro, onde ocorrerão períodos de chuva e geralmente pouco nublado na região Sul. Vento Sudoeste moderado, soprando por vezes forte nas regiões do Norte e Centro.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

MADEIRA



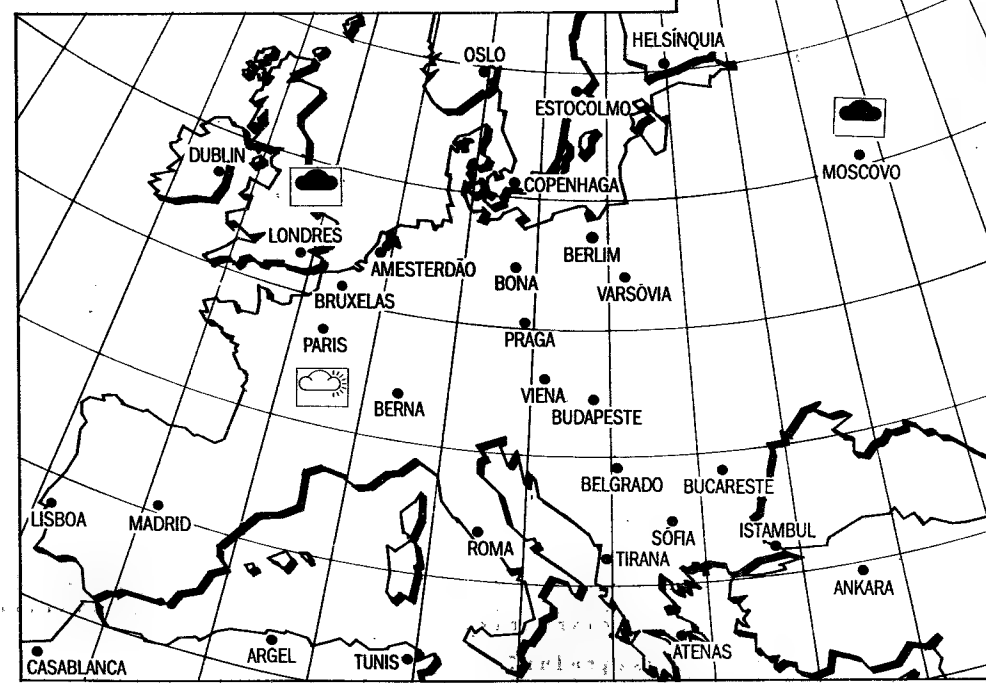
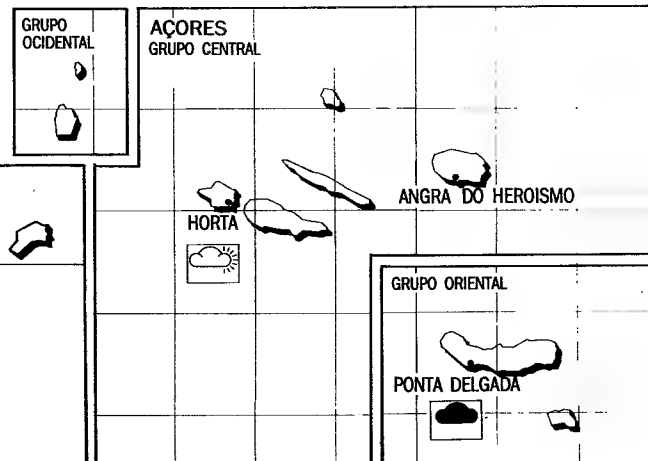
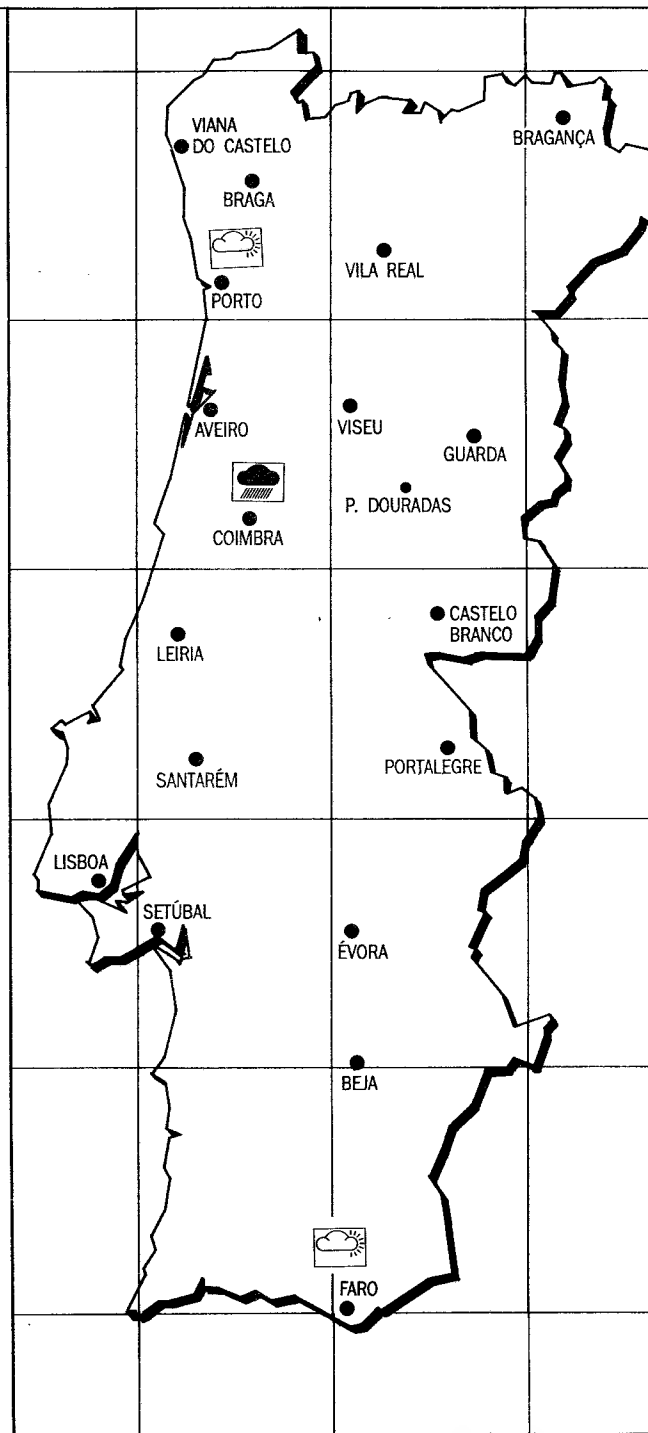
	Céu limpo
	Céu pouco nublado
	Céu muito nublado
	Chuva
	Trovoada
	Neve
	Vento
	Mar calmo
	Mar encrespado

MAREÉS

Hoje
PREIA-MAR BAIXA-MAR

05.54 3,9m 11.44 0,7m
18.18 3,6m — —m

Amanhã
06.37 3,7m 00.00 0,9m
19.04 3,5m 12.30 0,9m



PORTUGAL

Min. T. 6 h Às 18 h.

Bragança.....	6	7	Chuva
V. Castelo.....	12	13	Encoberto
Vila Real.....	-	-	-
Porto.....	10	11	Encoberto
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	11	11	Nebulosa
C. Carveiro.....	13	15	Encoberto
C. Branco.....	8	9	Chuva
Portalegre.....	7	7	Encoberto
Lisboa.....	12	13	Aguaceiros
Évora.....	9	9	Nebulosa
Beja.....	9	9	Chuva
Sines.....	11	14	M. nub.
Faro.....	12	14	Encoberto
Sagres.....	13	13	Ag. fortes

EUROPA

Min. T. 6 h Às 18 h

Madrid.....	5	5	M. nub.
Londres.....	7	8	Chuva
Paris.....	9	10	M. nub.
Bruxelas.....	9	10	M. nub.
Amsterdão.....	9	11	Encoberto
Genebra.....	-1	-1	Limpo
Roma.....	4	4	Nevoeiro
Oslo.....	5	5	Chuva
Copenhaga.....	4	5	M. nub.
Estocolmo.....	2	3	Chuva
Berlim.....	5	5	P. nub.
Viena.....	-1	0	Nevoeiro
Varsóvia.....	0	0	Nevoeiro
Atenas.....	11	13	M. nub.
Moscovo.....	0	0	Nebulosa

MUNDO

Min. Máx. Às 13 h

Chicago.....	-8	2	Limpo
Houston.....	10	21	P. nub.
Los Angeles.....	8	18	Limpo
Montreal.....	-4	-1	Limpo
Nova Iorque.....	5	13	Limpo
S. Francisco.....	6	15	M. nub.
Toronto.....	-6	4	Limpo
Vancouver.....	-4	1	Neve
Washington.....	3	12	Limpo
Hong Kong.....	12	18	Chuvisco
Melbourne.....	15	24	Aguaceiros
Pequim.....	-9	-4	Nebulosa
Perth.....	14	28	Limpo
Singapura.....	25	32	Limpo
Sydney.....	19	23	Aguaceiros
Tóquio.....	0	4	Neve
Wellington.....	11	19	Limpo

AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO

PERMANENTE

Alvalade: Líbia, Av. Igreja, 4 B-C, Tel. 891681; **Arco Cego-Estefânia:** Délio, Rua Açores, 32-34, Tel. 572388; **Av. Novas - João Crisóstomo:** Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C, Tel. 5205921; **Bairro Azul:** Bairro Azul, Av. Resano Garcia, 7-A, Tel. 571451; **Baixa:** Normal de Lisboa, Rua da Prata, 220, Tel. 878342; **Benfica - Bairro Santa Cruz:** Lavinha, Rua Eng. Paulo Barros, 28-A, Tel. 542312; **Campo de Ourique:** Linaida, Rua Ferreira Borges, 30, Tel. 660955; **Chelas - Av. Dr. Aug. Castro - Carris:** Sacramento, Rua Actriz Palmira Bastos, Lote 42, Tel. 8590904; **Chile - Alameda:** Nobel, Rua Actor Vale, 53, Tel. 8142152; **Conde Redondo - Santa Marta:** Davi, Rua Conde Redondo, 68-72, Tel. 554342; **Lumiar:** Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-B, Tel. 7590942; **Pampulha - Janeiras Verdes:** Nazário Pinto, Rua Presidente Arriaga, 39, Tel. 667460; **Quinta da Luz - Carnide:** Findor, Rua Adelaide Cabete, 10-E, Tel. 7145271; **Santo Amaro:** Botânica, Rua da Junqueira, 38-40, Tel. 3638132; **Brandoa - Amadora:** Tavares Matos, Rua Irene Lisboa, Lote 108, Tel. 993220; **Carnaxide:** Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; **Moscavide:** Banha, Av. Moscavide, 22-A, Tel. 2518518; **Odivelas:** Central Odivelas, Alameda Infante D. Henrique, 1, Tel. 9311203; **Pontinha:** Flora, Azinhaga dos Besouros, Lote R 8.

REFORÇO

Areeiro: Garantia, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5 A-B, Tel. 887300; **Belém:** Bom Sucesso, Rua Bartolomeu Dias, 63-A, Tel. 611454; **Graça:** Morão, Largo da Graça, 63, Tel. 860700; **Jardim dos Anjos:** Confiança, Av. Almirante Reis, 46-A, Tel. 821653; **Jardim Zoológico:** Alegria, Estrada Benfica, 180 A-B, Tel. 780511; **Olivais Sul:** Marta, Rua Cidade Nampula - Ed. Paris, Lote 534, Tel. 333696; **Praça Alegria:** Brites Moita, Praça da Alegria, 33-34; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Poço dos Negros:** Valentim, Rua Poços Negros, 88-90, Tel. 601453; **Saldanha:** Dalva, Av. Duque de Ávila, 125, Tel. 545225; **Xabregas:** Salter, Rua Xabregas, 63-65, Tel. 381185; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA

DE CASCAIS

Algés: Miraflores, R. Dr. António Granjo, 2, Tel. 4101161. Permanente; **Linda-a-Velha:** Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. Permanente; **Tires:** Guimaraes, L. Duarte, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Al-**

cabideche: Carvalho, B.² Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Vilar, Av. M.^a Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Paço de Arcos:** Pargana, Av. Eng.^o Bonneville Franco, Tel. 2435147. Permanente; **Oeiras:** Ribeiro, R. Dr. Flávio Resende, 9-A, Tel. 4466066. Permanente; **Parede:** Grincho, Av. República, 87-A, Tel. 2471204. Permanente; **Das Areias:** Urb. Areias. Até às 22 h; **Sas-soeiros:** Amaral Semblano - Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.^a Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Cascais:** Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40, Tel. 280170. Permanente.

LINHA

DE SINTRA

Amadora: Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A, Tel. 4938149. Permanente; **Jardim:** Av. Conde Oeiras, 120 - Reboleira, Tel. 4953424. Até às 22 h; **Damaia:** Damaia,

P. Alex. Gusmão, 9-A, Tel. 970461. Até às 22 h; **Queluz:** Pereira Dias, Monte Abraão, Tel. 4375566. Permanente; **Albergaria:** L. Prof. Dr. José Mineiro, 42, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Araújo e Sá, Est. Paço de Arcos, Lote 1-B, Tel. 9240781. Permanente; **Mem Martins:** Miranda Garcia, Est. Mem Martins, 73, Tel. 9210012. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Dumas Brousse, Calç. Rinchoa, 2, Tel. 9260404. **Sintra:** Teresa Garcia, L. D. Afonso, 3-A, Tel. 9232747. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088.

OUTRA

BANDA

Almada: Pragal, R. Dit. Pragal, Tel. 2767126. Permanente; **Cova da Piedade:** Louro, R. Alex. Herculano, 6, Tel. 2763517. Permanente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31, II, Moinho, Tel. 2950727. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Higienica, Av. República, 23, Tel. 2900020. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Baptista Marques, R. Boa Vontade, 17-B, Tel. 2538572. Até às 22 h; **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, 21, Tel. 2233028. Até às 19 h; **Barreiro:** Diogo, Av. Miguel Bombarda, 299, Tel. 2070602. Permanente; **Baixa da Banheira:** Nova Fátima, Est. Nacional, 244-A, Tel. 2040141. Até às 19 h; **Corroios:** Bento Lino, Vale de Milhaços, Tel. 253260. Até às 19 h; **Amora:** Nova Amorense, E. N. 10, Bloco A, Loja A, Tel. 2216824. Permanente; **Seixal:** Godinho, L. Igreja, 51, Tel. 2213580. Até às 22 h.

HÁ 20 ANOS



A gasolina não dá lucro

«Tenho uma boa notícia para lhes dar» - disse o homem com o mais sereno dos ares. E, num tom de grande revelação, acrescentou: «Eu perdi muito dinheiro com um posto de gasolina que tive, mas arranji processado de já não perder mais.» Uma leve pause e concluiu: «É que fechei as minhas bombas no dia 1 de Janeiro deste ano.» Não era demagogia: era verdade. O homem tinha mesmo feito o que dissera.

Salvador/Honduras - trinta mortos

Três incidentes, um aéreo e dois terrestres - um destes últimos teria causado 30 mortos - ocorridos na quinta-feira poderão ter graves consequências entre o Salvador e as Honduras. Em São Salvador, o general Fidel Torres, ministro da Defesa, denunciou a violação do espaço aéreo salvadoriano por quatro aviões hondurianos, que, disse ele, foram repelidos por caças. Pelo seu lado, o ministro honduriano dos Negócios Estrangeiros protestou energicamente contra um acto de agressão, cometido segundo ele, por salvadorianos, no departamento de Lampira.

Brasileiros privados de direitos

O presidente do Brasil, general Emílio Garrastazu Médici, privou dos direitos políticos 31 brasileiros que, por convicções religiosas, se haviam recusado a prestar serviço militar.

EFEMÉRIDES

1928

• Leon Trostky é expulso da União Soviética.

1931

• O avião gigante «Do-X» deixa o porto de Lisboa, às 8h05, e desce nas águas de Puerto da La Lus, perto de Las Palmas, cerca das 15h15, levando a bordo, entre outros, o almirante Gago Coutinho.

1956

• Juscelino Kubitschek de Oliveira toma posse como presidente do Brasil.

1958

• É lançado de Cabo Canaveral, Florida, o primeiro satélite norte-americano, o «Explorer-1».

1977

• O presidente francês, Giscard D'Estaing, inaugura, em Paris, o centro de arte e cultura Georges Pompidou.

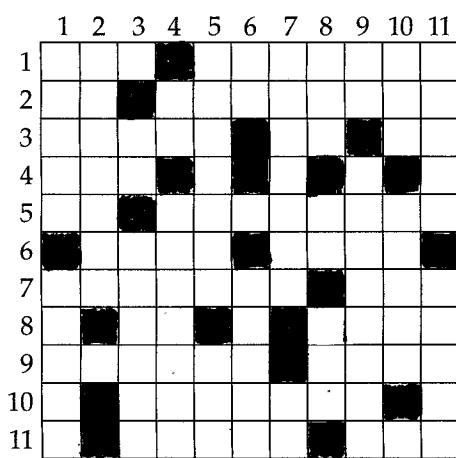
1981

• O governo polaco e a central sindical Solidarnosc chegam a acordo sobre os sábados livres e o acesso dos sindicatos aos meios de comunicação.

1989

• Morre o médico e escritor Fernando Namora, 69 anos, o autor português mais traduzido em todo o mundo.

PALAVRAS CRUZADAS



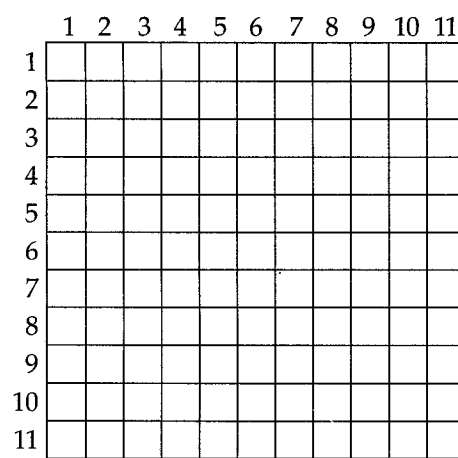
PROBLEMA N.º 17 847

HORIZONTAIS:

1 - Progenitor. Cortesã grega, esposa, de Péricles.
2 - Preposição. Somítico.
3 - Dormi (falando-se de crianças).
4 - Sufixo que designa estado. Letra grega (inv.).
5 - Arvore indiana de fibras têxteis.
6 - Prefixo de privação. Perfumada.
7 - Rei de Judá. Ronda.
8 - Freguesia do concelho de Barcelos.
9 - Sinal ortográfico.
10 - Batráquio. Remédio.
11 - Cidade da Suíça. Bosque.

VERTICAIS:

1 - Pov. da freguesia da Costa, concelho de Guimarães, distrito de Braga. Descendente.
2 - Serenar (fig.).
3 - Laço. Apellido.
4 - Autores. Mulher cantadeira.
5 - Sede do dep. de Vaucluse.
6 - Prefixo que designa ar.
7 - Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Pessoa muito parecida com outra.
8 - Prefixo que designa ar.
9 - Zomba. Nome de jogo.
10 - Sufixo que designa pequenez. Fora para fora.
11 - Artéria que leva o sangue arterial a todas as partes do corpo. Frouxo.



PROBLEMA N.º 16 657

HORIZONTAIS:

1 - Cério (s.q.). Freguesia do concelho de Botas. Preposição e artigo.
2 - Rio do Brasil. Estacas.
3 - Vê. Brotar (Bras.). Reis.
4 - Pátria.
5 - Crina. Grupos de três.
6 - Brisa. Clima. Escudeiros.
7 - Corporação de pastores de gado transumante. Cara.
8 - Estrada magnífica que ia de Roma a Brindes. Zomba.
9 - Escarnes. Rio da Rússia.
10 - Carregas. Costuro.
11 - Osso par da face que forma o esqueleto das maçãs do rosto. Ruído.

VERTICAIS:

1 - Câmara. Desejaram.
2 - Pronome pessoal. Faz crepitação.
3 - Boro (s.q.). Planta cujas fibras são muito utilizadas na indústria de tecidos grosseiros.
4 - Frívolas. Assassina. Aqui.
5 - Separar de. Conceder.
6 - Cálculo (s.q.). Pronome pessoal.
7 - Desviar.
8 - Grande quantidade. Curso de água natural e abundante (pl.).
9 - Voz do macho (pl.). Bondoso.
10 - Rio da Suíça. Moluscos comestíveis.
11 - Serra de Portugal. Naipe das cartas de jogar.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

PROVÉRBIO:
QUEM CANTA
SEU MAL
ESPANTA.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA CLUB

Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496

REGRESSO AO FUTURO PARTE II

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

ALFA 1

OS REIS DA NOITE

Filme de Eddie Murphy c/ Eddie Murphy e Richard Pryor
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00.

ALFA 2

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II

Maiores de 6 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 3

CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos
Sessões às 13.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 4

O CLUBE DOS POETAS MORTOS

Filme de Peter Weir c/Robin Williams
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa
Telef. 691275

OS REIS DA NOITE

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 2

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II

Maiores de 6 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 3

CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 4

HOMEM APAIXONADO

Filme de Diane Kurys c/ Greta Scacchi e Peter Coyote
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 5

SEXO, MENTIRAS E VIDEO

Filme de Steven Soderbergh c/ James Spader e Andie MacDowell
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 6

ENTRE PRIMOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 7

VEREDICTO FINAL

Maiores de 16 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 8

REGRESSO AO FUTURO II

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 9

A SOMBRA DO ASSASSINO

Filme de Robert Kirk c/ Anthony Perkins e Deborah Foreman
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 10

O CLUBE

DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas..

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A
Telef. 763319

O CLUBE DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10
Telef. 776098

OS REIS DA NOITE

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00, 18.00, 21.30 horas

CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15

Telef. 324194

ZOMBI 3 - A REVOLTA ~ DOS MORTOS VIVOS

Filme de Lucio Fulci, c/Deran Serafian e Beatrice Ring
Maiores de 18 anos
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

CAPITÓLIO

Parque Mayer

MATULÕES ALUGAM-SE

Hard-core-1º escalão (porno)

Maiores de 18 anos

Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23

horas.

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27

Telef. 573407

SEXO AO LUAR

Hard-core-1ºescalão (porno)

Maiores de 18 anos.

Sessões às 12.30, 14.30, 16.45,

19.00, 21.30 e 23.30.

horas

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37

Telef. 533253

OS CAÇA FANTASMAS II

Maiores de 12 anos.

Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e

21.30 horas.

FUGA SANGRENTA

Filme de Ferdinand Fairiack c/

John Thomas

Maiores de 18 anos

Às 24.00 horas

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANUSHA

Telef. 9434762

OS CAÇA FANTASMAS II

Maiores de 12 anos

Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CINE PORTELA

ESTÚDIO SHEZA

PERIGOSA SEDUÇÃO

Com Al Pacino e Elen Barkin

Maiores de 16 anos

Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

CINEMATECA

PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - Telef.

546529/546085

CICLO ANOS 60/ANOS 80

UM, DOIS, TRÊS

De Billy Wilder, c/James

Cagney e Horst Buchholz, às

18.30 horas.

AS ASAS DO DESEJO

De Wim Wenders, c/Bruno



CINEMA Paraíso

SOVEREIGN

Cinema Paraíso

Em exibição na sala 4 Quarteto

Filme qualidade

PUB M/12 anos

Ganz e Peter Falk, às 21.30 horas.

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34

Telef. 549999

VEREDICTO FINAL

Maires de 16 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

CONDES

Av. da Liberdade, 2

Telef. 322523

CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas

ESTÚDIO

Alameda D. Afonso Henriques,

35

Telef. 555134

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II

Maiores de 6 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F

Telef. 8487255

OS BRAVOS DA POLÍCIA

Filme de Beau Bridges c/ Beau

Bridges e Sulba Smith

Maiores de 12 anos

Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

horas.

FONTE NOVA 1

Estrada de Benfica 503

Tel 7145088

OS REIS DA NOITE

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2

VEREDICTO FINAL

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II

Um filme de Jaime Uys com

Nixau e Lena Farugia

Maiores de 6 anos

Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e

21.15 horas.

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo

Telef. 541037

AUDITÓRIO 1

A BELA DE DIA

Filme de qualidade de Luis

Bunñel

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

FORUM PICOAS

AUDITÓRIO 2

O PROCESSO DO REI

Filme de qualidade de João

Mário Grilo

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.00, 16.00, 18.00,

20.00 e 22.00 horas.

IMPÉRIO

Alameda D. Afonso Henriques

Telef. 555134

OS REIS DA NOITE

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes

Telef. 8480808

PELOTÃO DO MASSACRE

C/Richard Hatch e Tony

Marsina

Maiores de 16 anos

Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

horas.

KING TRIPLEX 1

Rua Bulhão Pato, 1-C

Telef. 8480808

O CLUBE DOS POETAS

MORTOS

Maiores de 12 anos

Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30

horas.

KING TRIPLEX 2

ABSOLUTAMENTE LOUCOS

C/Jeff Goldblum e Geena Davis

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 3

VEREDICTO FINAL

De Joseph Ruben c/James

Woods e Robert D., Jr.

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.30, 17.00, 19.30 e

21.45 horas.

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara

Telf. 3631162

VEREDICTO FINAL

Maiores de 16 anos

Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30

horas.

LAS VEGAS 2

CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos

Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45

horas.

LONDRES

Av. de Roma, 7-A

Telef. 801313

CINEMA PARAÍSO

Maiores de 12 anos

Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30

horas.

MUNDIAL 1

R. Martens Ferrão

Telef. 538743

OS REIS DA NOITE

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e

21.30 horas.

MUNDIAL 2

CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos

Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

MUNDIAL 3

ENTRE PRIMOS

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B

Telef. 574362

O CLUBE DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e

21.30 horas.

ODEON

R. dos Condes, 4

Telef. 326283

SANGUE E ARENA

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e

21.30 horas.

OLIMPIA

R. dos Condes,

CARTAZ

QUARTETO 3 REGRESSO A VIENA

Filme de Alex Corti
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 17.00, 19.30,
21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 4 CINEMA PARAÍSO

Maiores de 12 anos
Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e
24 horas.

SÃO JORGE 1

Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144
OS REIS DA NOITE
C/Eddie Murphy e Richard
Pryor
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.15
horas.

SÃO JORGE 2 CLUBE

DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e
21.15 horas.

SÃO JORGE 3 CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e
21.45 horas.

7ª ARTE

Av. da República
Telef. 730715
O VEREDICTO FINAL
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.30

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telef. 804210
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e
21.30 horas.

TERMINAL

Estação do Rossio
Telef. 371573
**JUSTIÇA À MARGEM
DA LEI**

De J. Lee Thopson
Maiores de 16 anos
Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30
horas.

TURIM

Estrada de Benfica, 723-A
Telef. 706666
REGRESSO AO FUTURO II
Maiores de 12 anos
Sessões às 15, 17.30 e 21.30
horas.

XENON

Av. da Liberdade, 9
Telef. 3468446
FORÇA ESPECIAL
Maiores de 18 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 19.00 e
21.30 horas.
O FUGITIVO DA SELVA
Maiores de 18 anos
De Seg. a Sáb às 23.30 horas.

SINTRA

**AMADORA
BABILÓNIA**
Centro Comercial Babilónia
Telef. 4934871

OS REIS DA NOITE
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e
21.30 horas.

CACÉM ESTÚDIO FLORES

Telef. 9247570
Encerrado p/descanço do
pessoal

QUELUZ KING D. PEDRO III

Telef. 4364845
SALA 1
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00, 18.00 e 21.15
horas.
SALA 2
ENTRE PRIMOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.30
horas.
SALA 3
CÓDIGO COBRA



«Margarida do Monte», pelo grupo A Barraca, no Cinearte

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.45
horas.

CASCAIS

OEIRAS
ALTO DA BARRA 1
Telef. 4439759
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

ALTO DA BARRA 2
O VELHO GRINGO
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

NOVA OEIRAS
CINE PALMEIRAS 1
Telef. 2479144
CINEMA PARAÍSO
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

CINE PALMEIRAS 2
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.
CARCAVELOS -

ATLÂNTIDA CINE

Telef. 2465653
FÚRIA CEGA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CASCAIS MIRAMAR 1

Telef. 2841744
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

MIRAMAR 2 CLUBE

DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

OXFORD

Telef. 2865027
VEREDICTO FINAL
Maiores de 16 anos
Sessões de 2ª a 6ª às 16.00 e
21.30; Sáb. Dom. e Feriados às
15.30, 18.00 e 21.30 horas.

ALMADA

**ALMADA
ACADEMIA
ALMADENSE**
Telef. 2752127
BRIGADA ASSASSINA
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

COSTA DE CAPARICA
CINEMA PESCADOR
Telf. 2905350
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30, 21.45 horas.

TEATRO LISBOA

**A BARRACA
CINEARTE**
Largo de Santos, nº 2 -
Telef. 665360 ou 686300
De 3ª a Sáb. às 21.30 e Dom.
às 16 horas
**MARGARIDA
DO MONTE**

De Marcelino Mesquita.

**INSTITUTO
FRANCO-PORTUGUÊS**
Av. Luís Bivar, 91 - Telef.
544389

De 5ª a Sáb. às 21.30; Dom.
às 17.00 horas
**LES BATISSEURES
D'EMPIRE**
De Boris Vian. Encenação
de Daniel Beauron.

TEATRO DE CARNIDE
Azinhaga das Freiras- Telef.
7145178

Sextas e Sábados às 21.30
horas
DIVINAS PALAVRAS
De Ramón del Valle-
Inclan.

TEATRO DA COMUNA

Praça de Espanha - Telef.
7260818
De 2ª a Sáb. às 21.30 horas.
Dom. às 17.00 horas,
descanço à 4ªFeira
SALA 1
ECORA de Natália
Correia.
SALA 2
Sexta às 21.30, Sáb. às 16.00
e 21.30; Domingo às 16
horas.

A PREGAÇÃO
De João Brites, pelo Grupo
O Bando.
**CAFÉ TEATRO
FESTIVAL DA OTITE**
De Carlos Paulo. Sáb. às 24
horas.

**TEATRO
DA CORNUCÓPIA**
R. Tenente Raul Cascais, 1-A -
Telf. 661515/669205
De 3ª a Sáb. às 21.30, Dom.
e Feriados às 16 horas
SALADA
De Tristan Rémy, é um
trabalho colectivo dos
actores da Cornucópia.

RITZ CLUBE



Teatro da Cornucópia

SALADA

(TEXTOS dos PALHAÇOS)



Encenação: colectiva da companhia; Tradução e montagem do texto:
Luís Miguel Cintra; Cenário e figurino: Cristina Reis; Montagem: Fer-
nando Correia; Interpretação: Adriano Luz, António Fonseca; Cristina
Cavalinhos, Gilberto Gonçalves, Luís Lima Barreto, Luisa Cruz, Márcia
Breia e Rogério Vieira.

3.ª a sábado às 21.30 — domingo às 16h

Em exibição

TEATRO DO BAIRRO ALTO
Rua Tenente Raul Cascais, 1-A
1200 LISBOA
Telef.: 66 15 15/66 92 05

A RAINHA APRESENTA



ARLEQUIM POLIDO PELO AMOR de MARIVAUX

ÉVORA
TEATRO GARCIA DE RESENDE

De 26 a 31 no Porto
no Teatro Carlos Alberto às 21.30 h.

Apoios: **DESTINFOR** **RAI** **O PRIMEIRO DE JANEIRO** **Região das Caldas**
Rádio Comercial **o jornal** **CAPITAL**



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN SERVIÇO DE BELAS-ARTES

— Bolsas de Estudo de Especialização no País e
no Estrangeiro —

De 5 de Fevereiro a 2 de Março de 1990, estará aberta a inscrição para
atribuição de bolsas de estudo de especialização, no País e no estrangeiro,
para o ano lectivo de 1990/91, nos diversos domínios abrangidos
pela actividade do Serviço de Belas-Artes.

Estas bolsas destinam-se à realização de estágios e de estudos de especialização
ou investigação, no País e no estrangeiro, nos diferentes
sectores das Artes Plásticas, da História e Crítica de Arte, Estética, Património,
Arqueologia, Arquitectura e Urbanismo, Cinema, Teatro, Museologia e
Conservação. De acordo com o Regulamento, a Fundação poderá
limitar a concessão destas bolsas a determinados sectores de estudo,
segundo as necessidades prioritárias do momento e os interesses gerais
do País.

As bolsas para estudos nos Estados Unidos da América só poderão
ser concedidas em conjugação de esforços com a Fundação Luso-
Americana para o Desenvolvimento, pelo que tais candidaturas serão
apreciadas por ambas as Fundações.

CONDIÇÕES BÁSICAS DO CONCURSO

- 1) Podem concorrer a bolsas de especialização os diplomados e também as pessoas que, não sendo diplomadas, exerçam actividade profissional em qualquer dos sectores ou domínios para que o concurso é aberto.
- 2) O número de bolsas de estudo a conceder será determinado pelas disponibilidades financeiras para o efeito e pelos encargos decorrentes da respectiva atribuição, encargos determinados em função do país e da instituição onde deverá decorrer o estágio. Será também tomado em consideração o número de bolsas em curso em cada especialidade.
- 3) Será dada preferência aos pedidos cuja finalidade for considerada de maior interesse para o País.
- 4) Durante o prazo em que decorrer o concurso, os candidatos deverão dirigir-se directamente ao Serviço de Recepção da Fundação Calouste Gulbenkian — Av. Berna, em Lisboa — ou, por escrito, ao Serviço de Belas-Artes da mesma Fundação, para o efeito de obterem o boletim de inscrição, acompanhado de um exemplar do respectivo Regulamento.
- 5) Os boletins de inscrição que não dêem efectivamente entrada na Fundação até às 17.30 do dia 2 de Março de 1990 não poderão ser considerados, salvo se se comprovar, pelos carimbos dos CTT, que foram remetidos à Fundação dentro do prazo do concurso.

Nota: — o período de inscrição para bolsas destinadas à frequência no País, durante o ano lectivo de 1990/91 dos Cursos Superiores Oficiais de Formação Artística será oportunamente anunciado.

CARTAZ

R. da Glória, 57 - Telef. 325140
De 3ª a Sábado às 21.30;
Sábado e Domingo às 16.00 horas
O REGRESSO DE BUCHA E ESTICA
Encenação de Mário Viegas.

TEATRO ABC
Parque Mayer - Telef. 346783
De 3ª a Domingo às 20.30 e 22.45. Domingos e Feriados às 16 horas
AI CAVAQUINHO
De Eduardo Damas c/ Camilo de Oliveira, Miguel Simões e Paulo César.

TEATRO ABERTO
Praça de Espanha - Telefone 778898
De 5ª a Sábado às 21.30 horas. Domingos às 16 horas
HAPPY END
De Dorothy Lane/Bertolt Brecht.

TEATRO MAIZUM
R. dos Poiais de S. Bento, 75-B. Telef. 601866
Sáb. e Dom. às 16 horas
A LINGUAGEM DOS ANIMAIS
De António Botto.

TEATRO DA POLITÉCNICA
R. da Escola Politécnica, 58 - Telef. 674474
De 3ª a Sábado às 21.00; Domingos às 16 horas
D. JOÃO E A MÁSCARA

De António Patrício.

VARIEDADES
Parque Mayer - Telef. 326037
De 3ª a Domingo às 21.30; Domingos e Feriados às 16.00 horas
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ
Versão livre de Henrique Santana.

TEATRO VILLARET
Av. Fontes Pereira de Melo, 31-A - Telef. 538586
De 3ª a 5ª às 21.30, 6ª e Sáb. às 20.30 e 22.45; Domingos e Feriados às 16.00 e 21.30 horas
ORA BATE...BATMAN'SO.

OUTRAS LOCALIDADES

ESTORIL
TEATRO DO CASINO
Telefone 2684521
De 3ª a Sáb. às 22 horas; Dom. às 17 horas
WHAT HAPPENED TO MADALENA IGLÉSIAS?
Texto e encenação de Filipe La Féria.

ODIVELAS
TEATRO DA MALAPOSTA
R. de Angola, Olival de Basto - Telefone 9873299
De 3ª a Sáb. às 21.30; Domingos às 16.00 Horas
O RENDR DOS HERÓIS

De José Cardoso Pires.
Encenação de José Martins, pelo Centro Dramático Intermunicipal Almeida Garret.

EXPOSIÇÕES

LISBOA
MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA (Jerónimos): de terça a domingo, das 10 às 12,30 e das 14 às 17, uma exposição permanente que integra centenas de milhares de peças, entre as quais um conjunto pré-histórico de 300 peças de ouro.
MUSEU NACIONAL DO TEATRO: até 27 de Março (Dia Mundial do Teatro), "Amália, 50 Anos" com entrada gratuita aos domingos de manhã.
MUSEU NACIONAL DO TRAJE: as exposições "Joias de Ana Campos" e "As Bandeiras do Mês - Portugal Dinamarca". Até Abril "Tramas e Sortilégios" de Teresa Segurado Pavão;
BIBLIOTECA NACIONAL: a exposição "Portugal no Século XVIII: de D. João V à Revolução Francesa"
GULBENKIAN (Galerias das Exposições Temporárias): organizada pelo Museu Stedelijk de

Amesterdão em colaboração com a Fundação Gulbenkian, uma exposição de Pintura, Escultura e Fotografia do Uruguai, Argentina, Brasil e Chile, constituída por algumas dezenas de obras contemporâneas, representativas das novas correntes artísticas daqueles países e em que estão representados os principais artistas sul-americanos; até 5 de Fevereiro, "Três Séculos de Gravura Cubana", uma exposição constituída por obras da Coleção do Museu Nacional Cubano de Havana, representada por 110 obras dos principais artistas cubanos dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX.

GALERIA ALMADA NEGREIROS - SEC (Av. da República, 16): até 25 de Fevereiro, diariamente das 10 às 20 horas, "Pintura Mexicana Contemporânea", com mais de duas dezenas de obras de 13 dos mais conhecidos artistas plásticos do México.

CLUBE CINQUENTA (R. de S. Mamede ao Caldas, 9-1ª): até 7 de Fevereiro, de terça a sexta das 17 às 20 e sábados das 15 às 20, Pintura de Albertina de Sousa.

RÁDIO

ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média - Emissoras do Litoral - e 99.4 em FM Zona de Lisboa
14.00: O Linho e a Seda; 15.00: Contraste; 17.00: Antena 1 - Regiões; 17.15: Porto d'Abriço

Onda Média e FM Estéreo
14.00: Gerações por Minuto; 17.00: Sete Mares; 19.00: Música; 20.00: No Estúdio e no Estádio; 20.15: Musical; 20.30: A Voz de Roma (A palavra do Papa em língua portuguesa); 20.45: Musical; 21.00: Música Portuguesa; 21.30: Imaginário. Noticiários intercalares de hora a hora.

PROGRAMA 2

Rede Nacional F.M. 2 - Estéreo
15.20: Efemérides Musicais - 31 de Janeiro de 1797: nasce em Viena Franz Schubert; 17.00: As Cores e as Formas; 17.30: Música de Franz Schubert, no dia do seu nascimento em 1797; 18.15: Ângulos e Reflexos; 19.00: Integrais - Os 14 concertos para cravo e orq., de João Sebastião Bach; 19.24: Álbum Musical - Obras de Borodin,

Verdi, Elgar, Schubert, Gabrieli e Bach; 20.40: Esta Madrugada no Dois; 21.00: Concerto Nocturno preenchido com obras de Alban Berg, Schubert, Alnold Schoenberg e Anton Webern; 23.00: Eurorádio; 02.00: Música na Madrugada. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO

COMERCIAL

Onda Média 283, 290 e 397 m
16.30: Quando o Telefone Toca; 17.00: Contacto; 19.00: Jornal; 19.30: Quando o Telefone Toca; 20.00: Praça de Táxis; 21.00: Pela Estrada Fora; 22.00: Religiosos; 22.15: Desporto; 23.00: 24ª Hora.

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz
18.00: RDS - Rádio das Seis; 21.00: Mercador de Sonhos; 00.00: A Noite Passada; 01.00: Som da Frente; 03.00: Quem Tramou o Locutor.

RFM

RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo

16.00: Fórmula Três; 19.00: Atlântida; 20.00: Serra de Estrelas; 22.00: Oceano Pacífico.

FANTASPORTO '90

10 ANOS

FANTASPORTO

AUDITÓRIO NACIONAL CARLOS ALBERTO

DIA 12 QUINTA-FEIRA
13.00 - SESSÃO OFICIAL DE ABERTURA
13.00 - HONEY, I SHRUNK THE KIDS - Joe Johnston (EUA)
leg. port. - AE - m/ 12 anos
24.00 - O FILME DA DÉCADA
18.00 - BLADE RUNNER - Ridley Scott (EUA)
leg. port. - 10AF - m/ 12 anos
DIA 22 SEXTA-FEIRA
14.15 - OS 101 DALMATAS - Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
18.00 - A CASA ENCANTADA - Alfred Hitchcock (EUA)
leg. port. - RSC - m/ 12 anos
18.00 - LETHAL FIRM - Suzanne Osten (Suécia)
v.o. ing. - C - m/ 12 anos
20.00 - MASSACRE NO TEXAS - Tobe Hooper (EUA)
leg. port. - G - m/ 18 anos
22.00 - LIVING DOLL - Peter Litten e George Dugdale (Grã-Bretanha)
v.o. ing. - C - m/ 18 anos
24.00 - ROBOJOX - Stuart Gordon (EUA)
v.o. ing. - AE - m/ 18 anos
01.45 - LEATHERFACE - Dwight Little (EUA)
v.o. ing. - AE - m/ 18 anos
DIA 32 SÁBADO
14.15 - BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES - Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
18.00 - GHOST TOWN - Richard Donner (EUA)
v.o. ing. - CAE - m/ 16 anos
18.00 - PUPPET MASTER - David Schmoeller (EUA)
v.o. ing. - CAE - m/ 16 anos
20.00 - NIGHTMARES - Vários realizadores (EUA)
leg. port. - G - m/ 16 anos
22.00 - LA VOUIRE - Georges Wilson (França)
v.o. ing. - C - m/ 12 anos
24.00 - PRISON - Renny Harlin (EUA)
v.o. ing. - AE - m/ 18 anos
01.45 - NIGHTMARE ON ELM STREET PART 5 - THE DREAMCHILD
Stephen Hopkins (EUA) v.o. ing. - AE - m/ 18 anos
DIA 42 DOMINGO
14.15 - ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS - Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
18.00 - LA LUNA NEGRA - Imanol Uribe (Esp.)
v.o. ing. - AE - m/ 18 anos
18.00 - O MONDE NEGRO - Ivan Dikovich (URSS)
leg. port. - CAE - m/ 16 anos
20.00 - EVIL DEAD 2 - Sam Raimi (EUA)
leg. port. - G - m/ 16 anos
22.00 - CLOWNHOUSE - Victor Salva (EUA)
v.o. ing. - CAE - m/ 18 anos
24.00 - HOUSE 3 - HORROR SHOW - James Isaac (EUA)
v.o. ing. - AE - m/ 18 anos
DIA 52 SEGUNDA-FEIRA
14.15 - DUMBO - Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
18.00 - ALCHEMIA - Jacob Koprowicz (Polónia)
v.o. ing. - C - m/ 18 anos
18.00 - RABID GRANNIES - Emmanuel Keryn (EUA)
v.o. ing. - C - m/ 16 anos
20.00 - MONSTER IN THE CLOSET - Bob Dahlin (EUA)
v.o. ing. - G - m/ 18 anos
22.00 - TROMA'S WAR - Michael Herz e Samuel Weil (EUA)
v.o. ing. - C - m/ 18 anos
24.00 - TOXIC AVENGER 1 - Michael Herz e Samuel Weil (EUA)
v.o. ing. - AE - m/ 18 anos
01.45 - TOXIC AVENGER 2 - Michael Herz e Lloyd Kaufman (EUA)
v.o. ing. - AE - m/ 18 anos
DIA 62 TERÇA-FEIRA
14.15 - OS QUATRO CACHORRINHOS - Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
18.00 - LOST IN AMSTERDAM - Pim de la Parra (Holanda)
v.o. ing. - C - m/ 18 anos
18.00 - LA BANYERA - Jesus Garay (Catalunha)
v.o. ing. - CAE - m/ 16 anos
20.00 - BAD TASTE - Peter Jackson (Nova Zelândia)
v.o. ing. - AEO - m/ 18 anos
22.00 - DIAMOND SKULLS - Nick Broomfield (G.B.)
leg. port. - C - m/ 18 anos
24.00 - L'ETOILE - Peter del Monte (Itália)
leg. port. - AE - m/ 18 anos
DIA 72 QUARTA-FEIRA
14.15 - PINOQUIO - Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
18.00 - BIG MONEY - Vit Olmer (Checoslováquia)
v.o. ing. - G - m/ 16 anos
18.00 - MOONLIGHT SONATA - Olli Sorlini (Finlândia)
v.o. ing. - C - m/ 16 anos
20.00 - THE HORROR SHOW - Richard Schickel (EUA)
leg. port. - G - m/ 12 anos
22.00 - I WANT TO GO HOME - Alain Resnais (França)
v.o. ing. - C - m/ 18 anos
24.00 - EARTH GIRLS ARE EASY - Julien Temple (EUA)
leg. port. - AE - m/ 18 anos
DIA 82 QUINTA-FEIRA
14.05 - TARAN, O CALDEIRO Mágico - Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
18.00 - REFLECTIONS - VEC VIDENO - Goran Markovic (Iugoslávia/G.B.)
v.o. ing. - C - m/ 18 anos
17.30 - MATAR O DRAGÃO - Mark Ziskin (URSS)
leg. port. - CAE - m/ 12 anos

20.00 - SLUGS - Juan Piquer Simon (Espanha) (EUA)
v.o. ing. - AE - G - m/ 18 anos
22.00 - BLACK RAINBOW - Mike Hodges (G.B.) (EUA)
v.o. ing. - CAE - m/ 16 anos
24.00 - ELVIRA, MISTRESS OF THE DARK - James Signorelli (EUA)
v.o. ing. - AE - m/ 18 anos
DIA 92 SEXTA-FEIRA
14.05 - MARY POPPINS - Robert Stevenson (EUA)
leg. port. - RWD - p/ todos
18.00 - THE RIFT - Juan Piquer Simon (Espanha) (EUA)
v.o. ing. - CAE - m/ 18 anos
18.00 - FRIDAY THE 13TH - THE SERIES - David Winning (Canada) (EUA)
v.o. ing. - CAE - m/ 18 anos
20.00 - DEAD HEAT - Mark Goldblatt (EUA)
leg. port. - CAE - m/ 18 anos
22.00 - BILL AND TED'S EXCELLENT ADVENTURE - Stephen Herek (EUA)
v.o. ing. - C - m/ 16 anos
24.00 - FILME SURPRESA
leg. port. - AE - m/ 18 anos
02.00 - THE KISS - Pen Densham (Canada)
leg. port. - AE - m/ 18 anos
03.00 - OPERA - Dario Argento (Itália)
leg. port. - AE - m/ 18 anos
DIA 102 SÁBADO
14.15 - WATCHERS - John Ness (Canada)
leg. port. - AE - m/ 18 anos
18.00 - THE LOST BOYS - Joel Schumacher (EUA)
leg. port. - AE - m/ 16 anos
18.00 - THE STEPFATHER - Joseph Ruben (EUA)
leg. port. - AE - m/ 18 anos
21.30 - SESSÃO OFICIAL DE ENCERRAMENTO E DE ENTREGA DE PRÉMIOS
THE COOK, THE THIEF, HIS WIFE AND HER LOVER
Peter Greenaway (G.B.) leg. port. - AE - m/ 18 anos
24.00 - THE SEVENTH SEVEN - Carl Schultz (EUA)
leg. port. - AE - m/ 18 anos
01.45 - THE BLOB - Chuck Russell (EUA)
leg. port. - AE - m/ 18 anos
DIA 112 DOMINGO
14.05 - WILLOW - Ron Howard (EUA)
leg. port. - SE - m/ 12 anos
18.00 - BEETLEJUICE - Tim Burton (EUA)
leg. port. - SE - m/ 12 anos
18.00 - PET SEMATARY - Mary Lambert (EUA)
leg. port. - SE - m/ 18 anos
20.00 - CHILD'S PLAY - Tom Holland (EUA)
leg. port. - SE - m/ 18 anos
22.00 - DIE HARD - John McTiernan (EUA)
leg. port. - SE - m/ 16 anos
24.15 - THE SERPENT AND THE RAINBOW - Wes Craven (EUA)
leg. port. - SE - m/ 18 anos
CINEMA LUMIÈRE SALA A

DIA 22 SEXTA-FEIRA
15.00 - ELVIRA, MISTRESS OF THE DARK - James Signorelli (EUA)
v.o. ing. - AE - m/ 18 anos
17.45 - BRANCA DE NEVE - Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
21.30 - LA LUNA NEGRA - Imanol Uribe (Espanha)
v.o. espanhola - C - m/ 18 anos
23.45 - PREDATOR - John McTiernan (EUA)
leg. port. - 10AF - m/ 18 anos
DIA 32 SÁBADO
15.00 - L'ETOILE - Peter del Monte (Itália)
leg. port. - AE - m/ 18 anos
17.45 - OS 101 DALMATAS - Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
21.30 - EARTH GIRLS ARE EASY - Julien Temple (G.B.)
leg. port. - AE - m/ 16 anos
23.45 - NIGHTMARE ON ELM STREET 3 - Chuck Russell (EUA)
leg. port. - 10AF - m/ 18 anos
DIA 42 DOMINGO
15.00 - ROBOJOX - Stuart Gordon (EUA)
v.o. ing. - AE - m/ 16 anos
17.45 - DUMBO - Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
21.30 - PRISON - Renny Harlin (EUA)
v.o. ing. - AE - m/ 18 anos
23.45 - A MOSCA - David Cronenberg (EUA)
leg. port. - 10AF - m/ 18 anos
DIA 52 SEGUNDA-FEIRA
15.00 - FIREFLY - Ismail Günes (Turquia)
leg. ing. - C - m/ 12 anos
17.45 - ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS - Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
21.30 - SESSÃO ESPECIAL
THE VANISHING - George Sluizer (Holanda)
leg. ing. - C - m/ 16 anos
23.45 - BLADE RUNNER - Ridley Scott (EUA)
leg. port. - 10AF - m/ 12 anos
DIA 62 TERÇA-FEIRA
15.00 - A COR DA GRANADA - Serguei Paradjanov (URSS)
leg. port. - RSP - m/ 12 anos
17.45 - TARAN, O CALDEIRO Mágico - Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
21.30 - SESSÃO ESPECIAL
INVENTORY - Krzysztof Zanussi (Polónia)
leg. ing. - SO - m/ 16 anos
23.45 - COMPANHIA DOS LOBOS - Neil Jordan (G.B.)
leg. port. - 10AF - m/ 12 anos

DIA 72 QUARTA-FEIRA
15.00 - LENDA DA FORTALEZA DE SURAM - Serguei Paradjanov (URSS)
leg. port. - RSP - m/ 12 anos
17.45 - OS QUATRO CACHORRINHOS - Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
21.30 - DIAMOND SKULLS - Nick Broomfield (G.B.)
leg. port. - C - m/ 16 anos
23.45 - BRAZIL - Terry Gilliam (G.B.)
leg. port. - 10AF - m/ 12 anos
DIA 82 QUINTA-FEIRA
15.00 - OS CAVALOS DE FOGO - Serguei Paradjanov (URSS)
leg. port. - RSP - m/ 12 anos
17.45 - PINOQUIO - Produções Walt Disney (EUA)
dobrado em português - RWD - p/ todos
21.30 - SESSÃO ESPECIAL
ASHIK KERIB - Serguei Paradjanov (URSS)
leg. port. - RSP - m/ 12 anos
23.45 - DUNE - David Lynch (EUA)
leg. port. - 10AF - m/ 12 anos
CINEMA LUMIÈRE SALA L

DIA 22 SEXTA-FEIRA
18.00 - EVIL DEAD 2 - Sam Raimi (EUA)
leg. port. - G - m/ 18 anos
24.00 - A CASA ENCANTADA - Alfred Hitchcock (EUA)
leg. port. - RCS - m/ 12 anos
DIA 42 DOMINGO
24.00 - NIGHTMARES - Diversos realizadores (EUA)
leg. port. - G - m/ 16 anos
DIA 52 SEGUNDA-FEIRA
18.00 - FANTASMA DA LIBERDADE - Luis Buñuel (França)
v.o. franc. - SC - m/ 12 anos
24.00 - MASSACRE NO TEXAS - Tobe Hooper (EUA)
leg. port. - G - m/ 18 anos
DIA 62 TERÇA-FEIRA
18.00 - CHARMÉ DISCRETO DA BURGUESIA - Luis Buñuel (França)
v.o. franc. - SC - m/ 12 anos
24.00 - THE HORROR SHOW - Richard Schickel (EUA)
leg. port. - G - m/ 12 anos
DIA 72 QUARTA-FEIRA
18.00 - ESSE OSCURO OBJECTO DO DESEJO - Luis Buñuel (França)
v.o. franc. - SC - m/ 12 anos
24.00 - LEATHERFACE - Dwight Little (EUA)
v.o. ing. - AE - m/ 18 anos
DIA 82 QUINTA-FEIRA
18.00 - WAR - M. Herz e L. Kaufman (EUA)
v.o. ing. - AE - m/ 18 anos
24.00 - NIGHTMARE ON ELM STREET - PART 5 - THE DREAMCHILD
Stephen Hopkins (EUA) v.o. ing. - AE - m/ 18 anos

AUDITÓRIO DO INSTITUTO FRANCÊS
DIA 22 SEXTA-FEIRA
10.00 - ANDRIEUX - Serguei Paradjanov (URSS)
v.o. - RSP - m/ 12 anos
DIA 52 SEGUNDA-FEIRA
10.00 - O PRIMEIRO RAPAZ - Serguei Paradjanov (URSS)
v.o. - RSP - m/ 12 anos
DIA 72 QUARTA-FEIRA
10.00 - CURTAS METRAGENS A CONCURSO - (Diversos países)
sessão com cerca de 3 horas - m/ 12 anos
DIA 82 QUINTA-FEIRA
10.00 - RAPSÓDIA UCRÂNIANA - Serguei Paradjanov (URSS)
v.o. - RSP - m/ 12 anos
DIA 92 SEXTA-FEIRA
10.00 - PEQUENA FLOR NA ROCHA - Serguei Paradjanov (URSS)
v.o. - RSP - m/ 12 anos
ALGUMAS INFORMAÇÕES ÚTEIS

CONDIÇÕES DE ACESSO AO A. N. CARLOS ALBERTO
Bilhete normal: 3000\$00
Cadeira de 10 bilhetes: 2500\$00 (Limitado)
Cartão de participante: 10 000\$00
Pelo sistema de caderneta bônus cada entrada custará 2500\$00
As senhas, a adquirir na Bilheteria do Auditório Carlos Alberto, podem ser trocadas, com o se de dinheiro se tratar, para qualquer sessão nesta sala. Exceptuam-se as senhas de abertura e de encerramento do Festival, para as quais os detentores destas senhas deverão comprar bilhete normal. As senhas não têm devolução.
Os sócios do FANTASCLUBE têm direito a um cartão de participante que podem levantar no dia 1 de Fevereiro na recepção FANTASPORTO '90.
Inscrições para novos sócios do FANTASCLUBE na sede do CINEMA NOVO
Rua Diogo Brandão, 87. Sócios individuais 7.500\$00.
Sócios Colectivos 25.000\$00 (INSCRIÇÕES LIMITADAS)
NOTA IMPORTANTE
Durante todas as sessões do FANTASPORTO '90, TODOS os lugares são marcados, inclusive cantões de participante, imprensa e convidados.
Por favor, facilite o trabalho da organização e sente-se no seu lugar.
Recepção FANTASPORTO '90
Rua das Oliveiras, 43 (em frente ao Cinema Lumière)
CÓDIGOS/ABREVIATURAS
AE - Antestreia Nacional
C - Competição AE
RWD - Retrospectiva Walt Disney
G - Goro
SE - Sessão Especial
RSP - Retrospectiva Serguei Paradjanov
10AF - 10 Anos Fantaspoto
SO - Sessão Oficial Informativa
RCS - Cinema e Surrealismo
Dopo ANTERO FETTERIA - ENGLISH MARCA - AUTOS GRÁFICAS - PORTO 1990

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE RTP-1

- 16.40 - HOSPITAL CENTRAL
- 17.25 - BRINÇA BRINCANDO
- 18.30 - RUA SÉSAMO
- 63º episódio
- 19.00 - JOGO DE CARTAS
- Concurso
- 19.30 - TELEJORNAL
- 20.00 - BOLSA DIA A DIA
- 20.05 - O TEMPO
- 20.08 - DESCOBRIR OS
- DESCOBRIMENTOS
- 20.10- BOLETIM AGRÁRIO
- 20.15 - VALE TUDO
- 21.10 - VAMOS JOGAR NO
- TOTOBOLA
- 21.25 - LOTAÇÃO ESGOTADA

"O Homem Elefante": realizado por David Lynch, este filme é, na verdade, admirável a vários níveis, mas foi pura e simplesmente ignorado pela Academia de Hollywood, que não lhe atribuiu nenhum Oscar. Foi, por outro lado, aclamado pela Academia Britânica, bem como no prestigiado Festival de Cinema Fantástico de Avoriaz. Nas suas belíssimas imagens a preto e branco, "O Homem Elefante" é uma obra de rara beleza e inteligência, de uma espantosa força emotiva, que nos fala da miséria na sua expressão mais desconcertante, ao mesmo tempo que reflecte sobre a dignidade humana. Partindo de um argumento elaborado a partir de dois relatos distintos do caso John Merrick, que a Inglaterra victoriana conheceu sob a mórbida designação de "homem elefante", este filme faz uma espécie de fusão entre os universos de Dickens e Poe, ou seja, entre o retrato, aliás rigorosamente reconstituído, da miséria humana, social e cultural dos tempos da Revolução Industrial e uma fulgurante dimensão fantástica e algo surrealista que retoma e redefine o velho tema da bela e do monstro. Com argumento de Christopher de Vore, Eric Bergren e David Lynch, "O Homem Elefante" é protagonizado por John Hurt,



"Fera Radical", de segunda a sexta às 12.05, no 1º Canal



Em Especial Desporto, no 2º Canal às 23.20, Campeonato da Europa de Patinagem

que é acompanhado por Anthony Hopkins, Anne Bancroft e John Gielgud.
Duração: 124 minutos.
23.40 - 24 HORAS
00.15 - REMATE

RTP-2

- 16.55 - OS CAMPBELLS
- 17.20 - UM BILHETE PARA O MUNDO
- 20º episódio: os ciganos formam uma comunidade muito fechada. Neste documentário veremos como, apesar de viverem em dois países diferentes, a Jugoslávia e a Itália, eles têm comportamentos idênticos, mantendo os mesmos hábitos e tradições dos seus progenitores.
- 17.45 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
- 30º episódio
- 18.20 - O HOMEM NA TERRA
- 19.35 - CLÁSSICOS DA TV
- "O Homem da Carabina" e "O Homem Invisível"
- 20.30 - LUSITÂNIA EXPRESSO
- 21.00 - JORNAL DAS NOVE
- 21.30 - O JOGO FINAL
- Último episódio
- 22.30 - SÉCULO XX
- 1º episódio - "Coragem para Falhar" é abordada a descoberta da anestesia e o seu papel fundamental na evolução da cirurgia. A ilustrar os

progressos da cirurgia moderna, o programa oferece-nos imagens de uma intervenção cirúrgica efectuada numa criança de três meses que nasceu com uma malformação cardíaca.

23.20 - ESPECIAL DESPORTO
Campeonato da Europa de Patinagem Artística

ALBA

ANTENAS PARABÓLICAS
ACESSÍVEIS A TODOS

INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



AMANHÃ RTP-1

- 09.01 - BOM DIA
- 10.00 - ÀS DEZ
- 12.05 - FERA RADICAL
- 13.00 - JORNAL DA TARDE
- 13.27 - BOLSA DIA A DIA
- 13.30 - UM ANJO NA TERRA
- 14.15 - PALAVRAS CRUZADAS
- 15.15 - OS PLANETAS
- 15.45 - PONTO POR PONTO
- 16.40 - HOSPITAL CENTRAL
- 17.25 - BRINÇA BRINCANDO
- 18.30 - RUA SÉSAMO
- 19.00 - JOGO DE CARTAS
- 19.30 - TELEJORNAL
- 20.00 - BOLSA
- 20.05 - O TEMPO
- 20.08 - DESCOBRIR OS
- DESCOBRIMENTOS
- 20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
- 20.15 - VALE TUDO
- 21.10 - JUSTIÇA CEGA
- 22.50 - 24 HORAS
- 23.20 - REMATE

RTP-2

- 15.01 - FILHOS E FILHAS
- 15.25 - AGORA, ESCOLHA!
- 16.55 - BENJI E O PRÍNCIPE EXTRATERRESTRE
- 17.20 - UM BILHETE PARA O MUNDO
- 17.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
- 18.20 - OS HENDERSON
- 19.10 - DESENHOS ANIMADOS
- 19.30 - CLÁSSICOS DA TV
- 20.30 - PRIMEIRO ANDAMENTO
- Camera Musical do Porto
- 21.00 - JORNAL DAS NOVE
- 21.30 - O JOGO FINAL
- 4º e último episódio
- 21.30 - EMOÇÕES
- 21.55 - HORÁ DA VERDADE
- 23.00 - QUINTA DIMENSÃO
- 23.20 - ESPECIAL DESPORTO
- Campeonato da Europa de Patinagem Artística

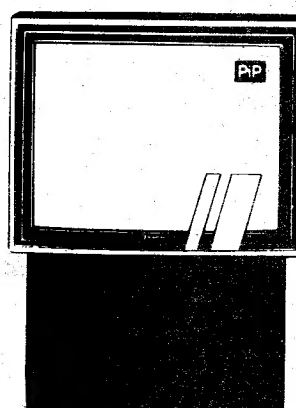
BLAUPUNKT

Seleccionou para si...



BLAUPUNKT
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença



VIDEO crac filmes

O CINEMA DE QUALIDADE
EM SUA CASA

- O Corajado Potemkin
- A Mãe
- Escrava do Amor
- Amor em Tempo de Guerra
- Balada do Soldado

PACOTE COM 3 TÍTULOS 10 CONTOS
PREÇO UNITÁRIO: 5 CONTOS

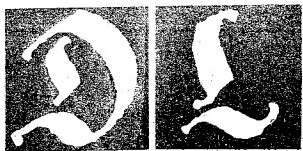
PANORAMA DO CINEMA DE ANIMAÇÃO NA CHECOSLOVÁQUIA

Filmes de Animação - colecção VASCO GRANJA

- O Paraíso das Imagens (Canadano) 3.400\$00
- O Homem da Papel (Canadano) 3.450\$00
- Volume I e Volume II (Cassetes para todos)
- Volume III e Volume IV (Cassetes para adultos)

PREÇO UNITÁRIO DE CADA VOLUME 2.950\$00

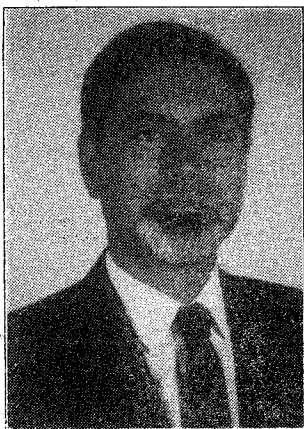
Enviamos à cobrança pelos CTT Aceitamos cheques/encomenda
Apartado 90-2745 QUELUZ
Telf. 437 50 88/437 09 31-Telex 68 973 CRAC



«Não vou ao Congresso do PSD porque, se fosse, não era para estar calado...»

Marcelo Rebelo de Sousa, «O Diabo», 30.01.90

A PERGUNTA DO DIA



Britaldo Rodrigues
presidente do Instituto
Nacional de Investigação
Científica

- Porque estão em vias de encerrar, cerca de uma centena de centros de investigação dependentes do INIC?

«Se o Estado reconheceu a autonomia da Universidade, nomeadamente a científica, então tem o dever de a viabilizar, o que implica um nível de financiamento adequado. Mas, por outro lado, o Estado tem de possuir, também uma política científica própria para cuja execução necessita da Universidade, na medida em que reside nesta instituição o grande potencial científico nacional. Nesse sentido, deve o Estado considerar outro tipo de financiamento que lhe permita lançar às Universidades o desafio para a execução daquela política sem com isso colidir (antes enformar) com o quadro autónomo universitário.

Julgo que se deverão deixar em aberto, para este desafio, vários modelos organizacionais para a Universidade escolher, nomeadamente, contratos de investigação, centros de investigação, institutos, unidades de apoio à ciência e tecnologia. Este será, a meu ver, mais um modo do Estado reconhecer e respeitar a autonomia científica que concedeu às Universidades portuguesas. Na verdade, creio que esta será uma atitude muito mais coerente do que uma eventual decisão unilateral do Estado de extinguir os 120 centros de investigação do INIC.»

Quinta-feira no

Diário de Lisboa

A crónica
de Francesco
Alberoni

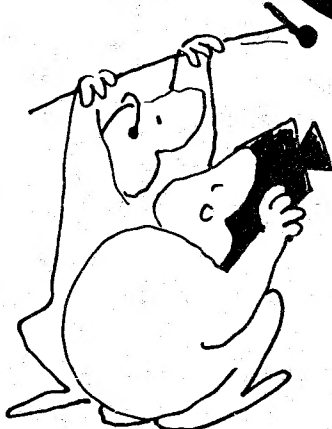
O auto-retrato
de Hélia Correia

As relações luso-
espanholas
em Grande Angular

MEDIA

Media 92 é o título de um programa da CEE destinado a desenvolver o mercado audiovisual europeu. Uma jornada de promoção deste programa teve lugar ontem, em Lisboa, organizada pelo Instituto Português de Cinema e que contou com a presença de Holde Lhoest, coordenadora do programa

A Europa das imagens



Os europeus estão cada vez mais preocupados com o domínio norte-americano no campo audiovisual. Nesta altura, calcula-se que os filmes e programas de televisão europeus que não chegam a ultrapassar a fronteira dos seus próprios países representem cerca de 80 por cento da produção. A situação é preocupante e a Comunidade Europeia tem vindo a tomar medidas no sentido de desenvolver os circuitos da produção e distribuição audiovisual.

O Programa MEDIA é uma das iniciativas da Comissão das Comunidades tendente a apoiar a indústria europeia de cinema e televisão. Foi adoptado em Abril de 1986 e é considerado «prioridade absoluta». Numa primeira fase foi consultada a indústria, depois entrou-se num período de experiências-piloto, ainda a decorrer. Uma dezena de projectos estão a ser desenvolvidos nas áreas do financiamento, formação, investigação e desenvolvimento, pré-produção, multilinguismo, distribuição e promoção. A partir de 1991, a Comissão das Comunidades irá apresentar ao Conselho um plano de acção a longo prazo para dinamizar o mercado europeu neste campo.

Este programa irá ser articulado com o Eureka Audiovisual, lançado em Outubro do ano passado, visando o desenvolvimento do mercado audiovisual e a promoção de tecnologias europeias, nomeadamente a televisão de alta definição. Aliás, na mesma altura, os Doze aprovaram uma directiva sobre a designada «televisão sem fronteiras». A este propósito, definiram-se várias regras com vista a enquadrar o lugar da publicidade nas emissões e a assegurar que a maioria de programas difundidos seja de origem europeia, sem que, no entanto, se tenham imposto quotas rígidas.

A perspectiva comunitária situa-se na ideia de construção do mercado interno, tentando reforçar as indústrias nacionais e a cooperação entre as indústrias do sector. O programa Media assume neste capítulo o papel de agregador de redes

de empresas pretendendo arrastar uma rede de capitais. Apresenta-se «como uma forma de injectar na indústria capitais de arranque que atraiam recursos financeiros adicionais, quer provenham de administrações públicas, de organizações profissionais, de investidores privados, de patrocinadores ou de mecenas».

Consequência desse programa, formaram-se várias organizações. O EFDO, Organização Europeia de Distribuição de Filmes, com sede em Hamburgo, que desde 1988 procedeu já a 122 lançamentos de 25 filmes em 13 países (os países da CEE e a Suíça). As receitas entretanto apuradas permitiram que os distribuidores tenham já começado a reembolsar o EFDO pelos adiantamentos concedidos, 10 por cento dos quais a título de contribuição para a recapitalização deste fundo. Estes capitais destinam-se a ser reinvestidos no lançamento de outras películas. «Os Canibais», filme de Manoel de Oliveira, foi distribuído na Holanda, França, Alemanha Federal e Itália, no âmbito desta organização europeia.

O marketing e a comercialização dos produtos audiovisuais é outra das áreas contempladas com a instituição da EURO-AIM. Serviços de promoção, um banco de dados e assistência técnica, jurídica e comercial estão no seu campo de atribuições.

Há também um Fundo Europeu para o Multilinguismo no Audiovisual, designado BABEL, e nascido de uma associação entre a União Europeia de Radiodifusão e o Programa Media. O seu papel é atribuir auxílios para a dobragem e legendagem de programas destinados à difusão televisiva. Há ainda programas de formação de jovens cineastas, um Clube de investimento MEDIA destinado à aplicação de tecnologias avançadas à produção audiovisual, a associação CARTOON que visa o desenvolvimento da indústria de animação e um «Espaço Europeu de Vídeo», em fase de lançamento.

meteorologia

Tomar

Não sei ao certo se rever Tomar foi o pretexto para estar presente na estreia da peça de Lorca pelo grupo *Fatias de Cá*, ou se *A Sapateira Prodígiosa* foi o pretexto de revisitação dessa cidade secreta como convém. Digamos que um foi pretexto do outro e vice-versa, sem rancor de parte a parte.

No meio desses pretextos estava uma jovem encenadora nabantina, Ana de Carvalho, miúda à primeira vista, bem organizada à segunda, sem demasiada ambição em mostrar no seu primeiro trabalho tudo o que sabe e não sabe, medindo o alcance da actividade teatral em Tomar, o potencial do elenco de actores (alguns estrearam-se no palco), dos outros colaboradores dos quais Ana é o alegre general. Teatro quanto basta: de obras-primas^(*) proclamadas estamos fartos...

Encontrar a sala engraçada na Rua António J. Araújo foi bico-de-obra. Toda a gente amavelmente, sabia onde era a rua, mas, momentaneamente, não se lembrava. Fiz, assim, uma pequena volta à cidade, velha, nova, sempre limpa, dos cafés com assentos confortáveis, com tijeladas a sério (e não as sombras lisboetas), do Nabão ainda de nível altíssimo, de cenário deslumbrante quando o sol ilumina a nossa Toscana que Umberto Eco, idem italiano, viu infelizmente só de relance no seu último romance *O Pêndulo de Foucault*.

Contudo cheguei, quando perguntei, não pela rua mas pelo teatro: vi nos olhos dos meus interlocutores o brilho de contentamento ao meu dizer *Fatias de Cá*, pois, vamos consigo. E foram. Os

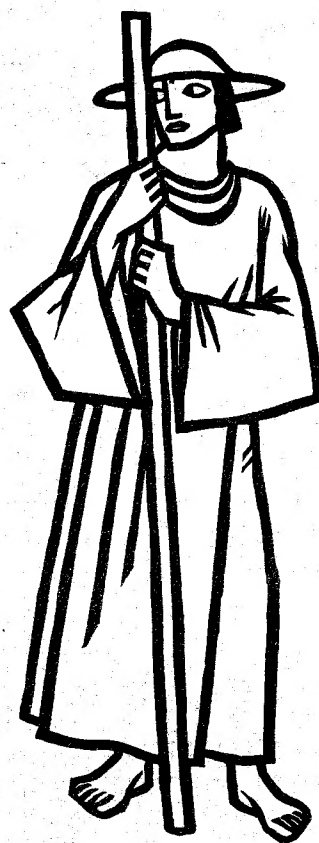
jovens teatros não vivem de costas para a cidade.

A estreia, pois, como se deseja: entusiasta numa interacção palco-plateia, nervosa, com algumas falas esquecidas, o sapateiro e a sapateira engraçados, ele sabe com profundo vagar quem é, ela tão rapidamente seduz que não dá tempo para nos defendermos.

Em Tomar.

Jorge Listopad

(*) Para não cometer o feio pecado da ingratidão: a peça do Grupo belga *La Mandragore*, *Estranho Mr. Knight*, na semana passada no Acarte, foi o b r a - p r i m a surpreendente e inesquecível. Quem não viu, ficou, teatralmente falando, mais pobre.



A.M.A.

Auto Monumental de Arco

CONCESSIONÁRIOS



AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75